

# Léxico, Cultura e História

Uma análise de vozes da Espanha Ditatorial



## **Comissão Científica – Edital 01/2020**

Alúcio Ferreira de Lima  
Álvaro Santos Simões Junior  
Ana Paula Ramos de Souza  
Andressa Cristina de Oliveira  
Davi Ferreira de Pinho  
Eliabe dos Santos Procópio  
Ieda Maria Alves  
Karina Luiza de Freitas Assunção  
Luciano Novaes Vidon  
Myriam Corrêa de Araújo Ávila  
Silvana Augusta Barbosa Carrijo  
Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo

## **EDITORA **FECILCAM****

CNPJ: 75.365.387/0001-89

Av. Comendador Norberto Marcondes, 733

Campo Mourão, PR, CEP 87303-100

(44) 3518-1838

[campomourao.unespar.edu.br/editora/](http://campomourao.unespar.edu.br/editora/)

[editorafecilcam@unespar.edu.br](mailto:editorafecilcam@unespar.edu.br)

Diretora: Suzana Pinguello Morgado

Vice-Diretora: Fabiane Freire França

Coordenadora Consultiva: Ana Paula Colavite

Secretário Executivo: Jorge Leandro Delconte Ferreira

Andréia Roder Carmona-Ramires

**LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA:  
UMA ANÁLISE DE VOZES DA  
ESPANHA DITATORIAL**



**EDITORA **FECILCAM****

Valdemir Paiva  
EDITOR-CHEFE

Éverson Ciriaco  
DIREÇÃO EDITORIAL

Katlyn Lopes  
DIREÇÃO EXECUTIVA

Paula Zettel  
DESIGN DE CAPA

Brenner Silva  
DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
BIBLIOTECÁRIA: MARIA ISABEL SCHIAVON KINAZZ, CRB9 / 626

---

Carmona-Ramires, Andréia Roder  
C287I Léxico, cultura e história: uma análise de vozes da Espanha ditatorial / Andréia Roder Carmona-Ramires –  
1.ed. – Campo Mourão: Fecilcam; Curitiba: Editorial Casa, 2022.  
184p.: il.; 23cm

ISBN 978-65-88090-27-5

1. Língua espanhola – Estudo e ensino. 2. Espanha – Cultura. 3. Espanha – Costumes. I. Título.

CDD 461.52 (22.ed)  
CDU 806.0

---

1ª edição – Ano 2022

Fica terminantemente proibido qualquer tipo de comercialização de exemplares deste livro, conforme o Edital 01/2020 Editora Fecilcam, por se tratar de uma publicação com financiamento público.

Não encontrando nossos títulos na rede de livrarias conveniadas e informadas em nosso site, contatar o Editorial Casa.



---

Praça Generoso Marques, 27, 14º andar – Centro | CEP 80020-230 | Curitiba-PR  
Telefone: (55) (41) 3264-9696 | E-mail: contato@editorialcasa.com.br  
www.editorialcasa.com.br

A meus pais, Gabriel e Lailce...  
A meu marido Ricardo...  
A meus filhos, Gabriel e Maria Luísa...  
alicerces, amor, esperança...



Las palabras son creaciones humanas y, al mismo tiempo, como la mayoría de las creaciones del hombre, tienen vida propia. Nosotros las creamos y ellas se crean. Al igual que un jardín, se escogen las especies, se seleccionan las semillas, se plantan, se injertan, se cruzan, etcétera, y las plantas viven, prosperan unas y se marchitan otras, otras más son ahogadas por vecinos demasiado exuberantes, se realizan hibridaciones naturales. De la misma manera hay una creación consciente y una evolución espontánea de la lengua (GUIRAUD, 1994, p. 43).





# Prefácio

Odair Luiz Nadin  
Universidade Estadual Paulista – Unesp  
Campus Araraquara

A obra que ora apresentamos trata da *palavra*. Não de *palavras* quaisquer, muito menos de *palavras* soltas, isoladas, solitárias, mas de *palavras* entrelaçadas com a História e com a(s) Cultura(s) de um povo em um período em que as vozes eram, em um **movimento** de intensa **luta**, dominadas e não raras vezes, silenciadas. As *palavras*, travadas na garganta, consistiam também, nesse **movimento**, em instrumentos de batalha em defesa da igualdade e da **paz**. Pois, por meio delas, das *palavras*, denunciavam-se atitudes de um **governo** cujo poder era alicerçado no autoritarismo, na violência, nas perseguições e na morte...

Antes de apresentar a obra, propriamente dita, recorro à citação com a qual Andréia Roder Carmona-Ramires encerra seu livro: “a palavra comunica, cria, nomeia, refere, designa, delimita, descreve, sugere, denuncia” (KRIEGER, 2009, p. 167). É, pois, sobre a *palavra*, e seu imenso poder de significação, que a autora se dedica em suas reflexões e análises.

Carmona-Ramires inicia seu texto por um breve, porém significativo, percurso histórico sobre a língua espanhola e sobre a Espanha a fim de contextualizar o momento sócio-histórico e político da época estudada, ou seja, os anos de 1940 e 1975. 1940 foi o ano no qual o **caudilho** Francisco Franco estabeleceu seu governo ditatorial no estado espanhol e, 1975, ano da morte do ditador e da transição da **política** ditatorial franquista para a monarquia com o rei *Juan Carlos Alfonso Víctor María de Borbón y Borbón-Dos Sicílias*.

A escolha da autora por estudar os dois anos – 1940 e 1975 – se justifica, historicamente, por se caracterizarem como dois momentos de transição política na Espanha em que, no primeiro, em virtude de ser um ano de grandes acontecimentos históricos, como a segunda guerra mundial e, o segundo, o ano de transição do poder e a morte do ditador. Foram décadas de um governo antidemocrático em que os denominados **vermelhos** travavam, com os “não-vermelhos”, embates em busca de **lei**, ordem e, sobretudo, de liberdade.

Para levar a cabo a tarefa de entender e explicar o momento em questão e como as problemáticas existentes naquele período se manifestavam no/pelo léxico da língua, a autora parte de um *corpus* constituído por gêneros textuais da esfera jornalística do jornal *La Vanguardia*, compilado e organizado por ela, do qual foi selecionada uma mostra de unidades léxicas frequentes e representativas daquele momento histórico. A fim de confirmar suas hipóteses, a autora recorreu ao *Diccionario de la Real Academia Española – DRAE* relativo à 17ª edição (1947) e 20ª edição (1984). Ressaltamos que este Dicionário se denomina, na atualidade, *Diccionario de la Lengua Española*.

A presente obra, intitulada **Léxico, Cultura e História: uma análise de vozes da Espanha ditatorial**, está dividida em quatro capítulos. No Capítulo 1, conforme dito antes, traça-se um “panorama histórico e social da Espanha englobando acontecimentos do cenário político, econômico e cultural das épocas estudadas, sobretudo enfocando aspectos históricos da ditadura espanhola, centrados nos anos de 1940 e 1975”. No capítulo 2, busca-se descrever aspectos da língua espanhola e sua vitalidade e importância social, econômica e cultural no mundo.

No Capítulo 3, a autora direciona seu olhar para as teorias que fundamentam suas análises. Partindo da Lexicologia, uma das Ciências do Léxico, e da Semântica Lexical, a autora discute conceitos como os de unidade léxica, neologismo e campos léxicos para, no Capítulo 4, proceder à “análise semântica das unidades léxicas selecionadas pelas ocorrências em seus contextos de uso expressos no vocabu-

lário da publicação noticiosa” do período franquista. Desse modo, a autora busca explicar certas nuances que determinadas unidades léxicas da língua espanhola adquiriram em um período específico da história da Espanha.

De leitura aprazível, apesar da temática, este livro nos leva por uma viagem pelo dramático momento histórico que consistiu em três décadas e meia de muitas lutas e perdas, mas também de esperança de que ventos mais amenos soprariam novamente no país. Andreia Roder Carmona-Ramires nos presenteia, assim, com um panorama de História, Política e Sociedade de uma Espanha – “a de Franco” – e demonstra como o léxico, aspecto aberto e mais flexível das línguas, e sua relação com a Cultura, é capaz de, ao mesmo tempo, refletir e ser reflexo de todos os acontecimentos de/em uma comunidade, sejam eles sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos, entre outras questões que envolvem uma sociedade, pois, como muito bem poetizou Cecília Meireles (1960): *Ai palavras, ai palavras... que estranha potência a vossa, todo o princípio da vida, principia a vossa porta...* Que a leitura dessa obra nos motive, portanto, a desenvolver mais reflexões sobre “a potência das palavras”.

## ABREVIATURAS USADAS NA OBRA E LISTA DE TABELAS

Abreviaturas utilizadas ao longo da obra:

DLE	Diccionario de la Lengua Española <sup>1</sup>
Ex.	Exemplo
LE	Língua Espanhola
UL	Unidade Léxica
RAE	Real Academia Española
TN	Tradução nossa

---

<sup>1</sup> No ano de 2014 o *Diccionario de la Real Academia Española* passou a ser denominado como *Diccionario de la Lengua Española*. Utilizei nesta obra essa nova denominação para me referir às edições usadas do dicionário para esta pesquisa.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> . . . . .	<b>15</b>
-----------------------------	-----------

## **Capítulo I**

<b>BREVE PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DA ESPANHA FRANQUISTA</b> . . . . .	<b>23</b>
--	-----------

1.1 Guerra Civil Espanhola . . . . .	23
1.2 A era de Franco . . . . .	25
1.3 A sociedade espanhola ditatorial . . . . .	30
1.4 A Sociedade Catalã . . . . .	34
1.5 A economia . . . . .	38
1.6 A cultura na ditadura . . . . .	40
1.7 O jornal e o Franquismo . . . . .	43

## **Capítulo II**

<b>LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA ESPANHOLA PENINSULAR</b> . . . . .	<b>49</b>
--	-----------

2.1 Léxico e Cultura: Léxico . . . . .	49
2.1.1 Cultura . . . . .	53
2.2 Léxico e História da língua espanhola peninsular . . . . .	58
2.2.1 Línguas Espanholas na Espanha . . . . .	64
2.2.2 Panorama Linguístico da Espanha atual . . . . .	69

## **Capítulo III**

<b>LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA: PARA UM REVELAR DA HISTÓRIA POR MEIO DA PALAVRA</b> . . . . .	<b>71</b>
---	-----------

3.1 Lexicologia . . . . .	72
3.2 Semântica . . . . .	75
3.2.1 Semântica Lexical . . . . .	77
3.3 Neologia e Neologismo . . . . .	80
3.3.1 Neologismo Semântico . . . . .	82
3.4 Campos Léxico-Semânticos . . . . .	84

## **Capítulo IV**

### **INVESTIGANDO PALAVRAS-TESTEMUNHO:**

<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE UNIDADES LÉXICAS . . . . .</b>	<b>89</b>
4.1 Análise quantitativa do estudo das Unidades Léxicas . . . . .	90
4.2 Análise qualitativa das Unidades Léxicas selecionadas . . . . .	109
4.2.1 Unidades Léxicas frequentes nas listas de 1940 e 1975 . . . . .	112
4.2.2 Unidades Léxicas presentes no corpus em somente um dos anos estudados – 1940 ou 1975: . . . . .	147
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .</b>	<b>177</b>

## Introdução

Com mais de 20 anos em sala de aula como docente de língua espanhola, percebo a relevância de pesquisas sobre essa língua, haja vista o destacável interesse por seu ensino e aprendizagem no Brasil. Interesses não somente linguísticos, mas também e, talvez, sobretudo, motivados por questões comerciais entre países hispano-americanos, Espanha e Brasil. Desse modo, ao pesquisar sobre o léxico, podemos compreender certas implicações que a cultura, a política, a economia etc. podem ter sobre a língua.

Entendo a língua como um veículo de expressão da cultura, costumes e história de um povo. Por essa razão, eu sentia a necessidade de conhecer e investigar os usos da língua espanhola, (LE), meu objeto de trabalho, sobretudo no nível lexical. Realizei, para isso, uma pesquisa, cuja parte se concretiza no presente livro, com o objetivo principal de analisar os sentidos empregados em algumas unidades léxicas<sup>2</sup> (ULs) de caráter político-militar, veiculadas na esfera jornalística, pois “los términos pueden adquirir, dependiendo de los contextos, connotaciones positivas o negativas, pues la frontera de los valorativos es muy fluctuante”<sup>3</sup> (RODRÍGUEZ; LARA, 2007, p. 55).

O período histórico ao qual se reporta essa discussão é o da Espanha ditatorial franquista<sup>4</sup> enfocando, mais precisamente, os anos de 1940 e 1975. Optei em centrar o estudo nessas duas décadas, pois se caracterizam como importantes momentos históricos para a Espanha haja vista que em 1940 o poder de Franco se estabeleceu no território espanhol e em 1975 ocorreu sua morte e, assim, iniciou-se a transição do regime político naquele país.

---

2 Para me referir ao objeto de análise uso o termo “unidade léxica” em vez da unidade *palavra* em função de ser essa mais do senso comum e aquela mais voltada ao âmbito científico.

3 “os termos podem adquirir, dependendo dos contextos, conotações positivas ou negativas, pois a fronteira dos valores oscila muito” (RODRÍGUEZ; LARA, 2007, p. 55. TN)

4 Os anos citados podem ser descritos como franquistas pela referência que se faz ao mentor do levante militar de 1936, ditador espanhol General Francisco Franco Bahamonde.

Durante o regime franquista, a imprensa conviveu, forçosamente, com um sistema político ditatorial castrador da opinião pública livre, encontrando-se atada às condições impostas por aquele sistema. Foi dessa forma que os meios de comunicação foram utilizados pelo franquismo, assim como acontece nos regimes ditatoriais (tanto de direita quanto de esquerda) para a confirmação de seu governo, manipulando as notícias, solapando a verdade, utilizando-se da língua como mais um tentáculo de poder e dominação. A elaboração de um discurso de dominação tinha por objetivo estabelecer autoridade frente à população e, ao utilizar-se da homogeneização da opinião pública por meio do controle dos meios de comunicação, o governo de Franco neutralizou e excluiu os cidadãos do processo político, sendo essa uma das muitas atividades utilizadas pelas ditaduras (tanto de direita quanto de esquerda) para camuflar a falta de legitimidade do governo.

Por conseguinte, ao observar a cultura, esta também está expressa na utilização no léxico, ao estudá-lo, estaremos pensando sobre a relação existente entre Língua/Nação/Estado (ORLANDI, 2001). Portanto, entendo que ao pesquisar o léxico de uma língua natural, também conhecemos a cultura e as mudanças sociais pelas quais passaram as diferentes sociedades, pois investigando determinada unidade léxica percebemos a visão de mundo, as ideologias, os valores e os sistemas culturais de uma comunidade de fala (ANDRADE, 1998).

Ciente, portanto, da relevância de pesquisas na área da Lexicologia, pesquisei sobre o léxico em língua espanhola a fim de verificar de que maneira, ou se, o léxico político-militar espanhol era investigado no panorama acadêmico brasileiro. Para isso, recorri ao banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Por meio da pesquisa no banco de dados da CAPES, verifiquei que a língua espanhola ainda não atraía suficientemente os especialistas para pesquisas na área de Lexicologia no Brasil. Portanto, um estudo que investigasse as transformações ocorridas no léxico



de determinado período histórico espanhol seria relevante para o preenchimento desta lacuna nas pesquisas acadêmicas dessa área, em nosso país.

Nesta perspectiva, e a partir do *corpus* escolhido para a análise, composto por textos jornalísticos do período histórico de 1940 e 1975, selecionei 10 unidades léxicas representativas dos momentos históricos em questão, buscando descrever e analisar as acepções presentes em ditos contextos.

Para tanto, primei pela escolha de textos que já se encontravam em formato *online* para que, a partir da utilização de programas computacionais de conversão de textos e geração de listas de frequências eu pudesse trabalhar com a menor margem de erro de digitação possível. Por meio de buscas pela internet, utilizando a plataforma *Google*, deparei-me com vários jornais espanhóis que disponibilizam em suas páginas *online* várias décadas de informação impressa. Após a análise das edições disponíveis nesses *sites*, verifiquei que apenas o jornal *La Vanguardia* disponibilizava edições de 1940 e 1975.

Fundamentei-me, teórico-metodologicamente, em alguns princípios da Linguística de *Corpus*, sobretudo a partir das considerações e contribuições de Fromm (2003), Berber-Sardinha (2004), Parodi (2010), Piñol (2012),-entre outros, haja vista que essa ciência é considerada uma

área da Linguística que se dedica à pesquisa através da observação de uma grande quantidade de textos naturais armazenados eletronicamente (*corpus*) e analisados através de programas de computação capazes de selecionar, ordenar, contar e calcular. Por textos naturais entende-se discursos orais e/ou escritos produzidos por falantes nativos em situações reais de comunicação (JACOBI, 2001, p.1).

Utilizei-me desta teoria, pois entendo que a Linguística de *Corpus* contribui para o desenvolvimento do conhecimento linguístico em diversas áreas como, por exemplo, na Estilística buscando

identificar as características de determinado escritor; na área dos estudos diacrônicos, ou históricos, que comparam a língua de diferentes períodos para pesquisar sobre mudanças linguísticas; nos estudos sobre a língua oral que focalizam a forma como o falante organiza o seu discurso; na Lexicografia quando por meio dos exemplos que os *corpora* fornecem, pode-se obter uma visão mais aprofundada do uso, da frequência e do valor social de determinadas unidades lexicais.

Em meu caso, reduzi este estudo a somente um jornal, o *La Vanguardia*. Estou consciente de que tomar somente os anos de 1940 e 1975 para a análise pode ter restringido a representatividade do vocabulário a ser analisado nesta pesquisa, pois entre aqueles períodos há um intervalo de 35 anos de governo ditatorial que pode ter influenciado, em outras décadas, outros usos das unidades léxicas analisadas, bem como a incorporação no léxico espanhol de outras unidades e/ou outros significados.

Contudo, entendo também que, atingir a representatividade total de um *corpus* é fato impossível para um idioma, pois um *corpus* será sempre um recorte de uma língua e “é a amostra de uma população (a linguagem em uso), por isso as conclusões não podem ser tomadas como definitivas e aplicáveis a toda uma língua” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 326).

Para a seleção das unidades, por questões de delimitação do tema, considereei apenas os substantivos e adjetivos presentes em nossa lista de frequência, formando parte ou não de ULs mono ou pluriverbais, bem como não diferenciei, pois, lexias que se apresentaram em singular ou plural.

Desse modo, um dos critérios de seleção foi o da frequência, por ser relevante para o desenvolvimento na área de análises linguísticas, uma vez que “há uma ligação entre a importância da frequência a fenômenos relevantes, tais como as mudanças lingüísticas ao longo do tempo” (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 163).

Embora consciente de que seria difícil encontrar um dicionário que registre as mudanças das línguas, utilizei como *corpus de exclusão/comparação* o Dicionario da *la Lengua Española*, porque “a prática usual em trabalhos de lexicostatística é de escolher um dicionário como base de referência” (BIDERMAN, 1996, p. 34).

Assim, escolhi o *Diccionario de la Lengua Española (DLE)* dos anos de 1947 (17ª edição) e 1984 (20ª edição)<sup>5</sup>, com o fito de observar se as acepções descritas a partir do *corpus* se encontravam registradas, se apresentavam matizes diferentes entre o que estava registrado e o que se comunicava nos jornais ou se se tratava de neologismos semânticos, ou seja, se o período franquista havia motivado o surgimento de novos significados àquelas ULs. Assim, o DLE serviu-me tanto como “base de referência” quanto como *corpus* de exclusão/comparação<sup>6</sup>.

Após essas considerações, e para atingir a proposta deste estudo, inicio essa discussão apresentando no 1º capítulo um panorama social da Espanha englobando acontecimentos do cenário político, econômico e cultural das épocas estudadas, sobretudo enfocando aspectos históricos da ditadura espanhola, centrados nos anos de 1940 e 1975.

O segundo capítulo trata brevemente da formação da LE e sua evolução, centrando as discussões no uso da LE no século XX. No capítulo seguinte, apresento as teorias que embasam a análise e discussão dos dados, trazendo as considerações de autores das áreas da Lexicologia (OLANO, 2004; ISQUERDO, 2003; KRIEGER, 2009; BIDERMAN, 1996, 1998, 2001), e da Semântica Lexical (WACHOWICZ, 2013; LOPES e PIETROFORTE, 2004), por meio de revisão bibliográfica sobre os conceitos de léxico e análise semântica, para a fundamentação teórica necessária ao desenvolvimento da pesquisa. Assim,

---

5 A escolha das citadas edições do DLE se justifica em virtude de serem essas as publicadas mais proximamente aos anos pesquisados nesta obra.

6 Nessa obra, nem todas as acepções encontradas nos verbetes dos dicionários pesquisados foram transcritas integralmente. Em algumas análises, apenas transcrevi a acepção que mais se adequava a UL analisada e os sentidos encontrados no texto pesquisado.

pela abordagem da Semântica Lexical e da Lexicologia, busco realizar a análise semântica das unidades lexicais, pelas ocorrências em seus contextos de uso, expressas no vocabulário da publicação noticiosa em LE peninsular nos anos supracitados.

Na sequência, compondo o quarto capítulo, descrevo e analiso o *corpus* coletado na investigação embasados nas teorias anteriormente citadas. Para tanto, realizo o levantamento dos significados dos itens lexicais em cada uma de suas ocorrências nos contextos. Essa parte do trabalho buscou também investigar se as características observadas por meio das análises dos itens lexicais têm relação, ou não, com a situação social da época e seus dados históricos.

Conjuntamente à análise dos contextos, verifico nos *Diccionarios de la Lengua Española*, doravante DLE, dos anos de 1947 (17<sup>a</sup>. edição) e de 1984 (20<sup>a</sup>. edição), as acepções das unidades aqui selecionadas com o escopo de perscrutar as acepções que essas ULs compartilham e/ou se diferenciam, observando os sentidos apresentados no jornal *La Vanguardia*. Por fim, exponho as considerações finais, perfazendo o caminho traçado ao longo deste estudo, e elenco os resultados alcançados.

Quero destacar que, pode parecer estranho ao leitor a utilização da unidade léxica **Vozes** no título dessa obra. Contudo, essa utilização visa expressar dois sentidos: o 1<sup>o</sup>, o de emprestar o significado da língua espanhola que pode se referir ao de *palavra* em português, e em 2<sup>o</sup>, o de se referir às vozes de inúmeros sujeitos que tiveram seus direitos apagados e suas vozes silenciadas durante os anos de repressão do governo ditatorial espanhol.

Apesar de estarmos cercados por países hispano-falantes, ainda temos que lutar para provar e sustentar a importância da aprendizagem da língua espanhola no Brasil. Precisamos, os docentes de língua espanhola, divulgar nossas pesquisas e nosso trabalho. Ao nos unir, devemos construir uma ponte de resistência pedagógica e científica para a defesa dessa língua, que é de todos nós. Este estudo é apenas mais um tijolo nessa estrutura. Convido você, colega pro-

fessor/pesquisador/estudante, a contribuir também com o seu tijolo nessa construção de conhecimento, rumo à busca pela sabedoria.

Sendo assim, com esta obra, pretendo suscitar mais questionamentos voltados para pesquisas nas Ciências do Léxico, buscando fazer com que se fomente cada vez mais a importância de estudos em língua espanhola no Brasil. E, portanto, a partir das análises aqui apresentadas e da discussão da teoria utilizada, ratifico meu entendimento inicial sobre o léxico, pois pude observar que “as palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade” (VITOR HUGO).



# Capítulo I

## **BREVE PANORAMA HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DA ESPANHA FRANQUISTA**

*(...) toda a história da humanidade é a história da retórica:  
ou seja, a história das grandes  
massas populares sendo movidas por  
palavras, palavras, palavras (SOLEN, 2020, p. 160).*

Por meio do uso das línguas as pessoas interagem em uma comunidade linguística e, assim, ocorrem as relações humanas. Língua e sociedade estabelecem entre si uma interligação indiscutível e o aspecto linguístico mais aberto a essa interligação é o léxico.

Por conseguinte, pesquisas sobre o léxico se tornam relevantes para os estudos da história de dada comunidade linguística, da língua, de sua história e de sua cultura, pois, como assevera Trujillo (1988, p. 73), “entender un texto es buscarle un lugar en el mundo de la experiencia”.

Neste capítulo, portanto, apresento uma breve explanação sobre a sociedade espanhola do período pós Guerra Civil, para situar você, leitor, sobre a situação econômica, política, social e cultural da Espanha da era franquista, objetivando explicitar mais claramente o entendimento do uso e do significado das lexias naquele contexto histórico.

### **1.1 Guerra Civil Espanhola**

Em 17 de julho de 1936, após um golpe militar, teve início uma guerra civil na Espanha, que a princípio se imaginava breve, mas que se estendeu por longos três anos, até seu “término” em 1º. de abril de

1939, com a derrota do grupo republicano, então governo da situação. Portanto,

la dictadura de Franco fue un régimen instaurado tras una rebelión militar y tres años de guerra de exterminio. Su origen determinó, al menos durante sus veinte primeros años, su naturaleza, basada más en la represión y regimentación que en la búsqueda de consenso<sup>7</sup> (JULIÁ, 2005, p.108).

Em toda guerra, há um lado que se estabelece com a vitória indiscutível e ao outro grupo restam os massacres, os genocídios, os abusos impunes dos direitos e muitas outras incontáveis atrocidades; com a Espanha não foi diferente. Após aquela guerra, instaurou-se na Espanha um regime político ditatorial que teve seu fim apenas quatro décadas mais tarde com a volta, ainda vigiada, controlada, do país ao sistema democrático, em 1975.

A época conhecida como franquista faz referência ao General Francisco Franco Bahamonde, posteriormente, ditador da Espanha. Descrito como um homem pequeno, a quem agradavam muito as bajulações, casado e que tinha uma única filha, “demostró cierto valor así como una capacidad innata para la crueldad. Sabía correr riesgos pero no era temerario”<sup>8</sup> (CALDERÓN, 2006, p. 10).

Nas considerações de Delgado (2005), Franco tinha uma personalidade medíocre e inexpressiva se comparada a outros líderes mundiais da época como Mussolini e Hitler, pois enquanto esses eram convincentes oradores, e pelo uso da palavra convenceram multidões a apoiarem seus regimes, Franco tinha um discurso monótono. Apoiado pelo exército, foi o responsável por instaurar, na Espanha, uma ditadura que tinha a pretensão de alcançar uma nova “ordem social” naquele país.

---

7 “a ditadura de Franco foi um regime instaurado depois de uma rebelião militar e três anos de guerra de exterminio. Sua origem determinou, ao menos durante seus vinte primeiros anos, sua natureza, baseada mais na repressão e regimentos que na busca de consenso” (JULIÁ, 2005, p.108. TN).

8 “demonstrou certo valor, bem como uma capacidade inata para a crueldade. Sabia correr os riscos, mas não foi imprudente” (CALDERÓN, 2006, p. 10. TN).



## 1.2 A era de Franco

Franco acreditava, com relação à política, que a Espanha deveria se submeter a um governo autoritário e, esse governo, deveria também trabalhar para a eliminação de todos os partidos políticos com o objetivo de, segundo ele, almejar o desenvolvimento do país. Toda essa ojeriza de Franco, e seus aliados, pelo governo anterior se justifica pelo fato de que a 2ª República Espanhola (1931–1939) também foi um período controverso para o país que enfrentou vários problemas políticos durante aquele regime devido a gerência do partido republicano que, muitas vezes, atuava de maneira não convergente com os valores, interesses e expectativas do povo espanhol.

O Caudilho<sup>9</sup> sabia que qualquer revolta provocaria um conflito de amplas dimensões cuja duração seria impossível prever, por isso sua atitude política foi levada ao extremo radicalismo. De acordo com Payne (2005, p. 309), “aunque Franco se había mostrado remiso a la hora de unirse a la insurrección, una vez que estalló la Guerra Civil se entregó a la lucha en cuerpo y alma, con todas las consecuencias”<sup>10</sup>.

A ditadura franquista teve início em 1939, quando os militares, após a vitória na Guerra Civil, apoiaram o General Franco para o comando do novo Estado Espanhol e deposição do governo do regime republicano. De acordo com Delgado (2005, p. 63) “la dictadura española duró mucho más que cualquiera de sus homólogas europeas, excepto la de Salazar o la Unión Soviética. (...) fue también la única dictadura creada en la Europa de entreguerras que sobrevivió en el período de posguerra”<sup>11</sup>.

9 O mesmo que ditador.

10 “mesmo Franco mostrando-se contrário em aderir ao golpe, uma vez que a Guerra Civil começou, se entregou à luta de corpo e alma, com todas as consequências” (PAYNE, 2005, p. 309. TN).

11 “a ditadura espanhola durou muito mais do que qualquer uma das suas homólogas europeias, exceto a de Salazar ou da União Soviética. (...) foi também a única ditadura criada na Europa do entre guerras que sobreviveu até o período do pós-guerra” (DELGADO, 2005, p. 63. TN).

Como origem, esse regime buscava essencialmente, além de restaurar a ordem no país, depois da 2ª República, a união entre o tradicionalismo espanhol monárquico e o estilo fascista<sup>12</sup>.

Após sua vitória na Guerra Civil, o fato que mais preocupava Franco era a manutenção de seu poder, em detrimento da criação de uma real ideologia para seu governo, pois esta já estava fundamentada em uma doutrina militarista.

Por ser admirador de figuras “amigas” como Mussolini e Hitler, e pelo fato da Espanha comungar de características socioeconômicas da Itália, Franco adotou alguns tópicos do fascismo italiano, mas não tinha a pretensão de colocar todos seus aspectos em prática na Espanha. Desse modo, o governo franquista buscava fazer com que seus governados entendessem que participavam de um novo regime autoritário, nacionalista, dominante no território europeu daquela época. Assim, Payne (2005, p.310) assevera que

aunque es cierto que Franco no era personalmente un fascista y no tenía un gran interés o conocimiento de la ideología fascista revolucionaria, en muchos aspectos muy diferente de su propio conservadurismo, no es menos cierto que durante el curso de la Guerra Civil se quedó cada vez más impresionado por el potencial de la Italia fascista como, al menos, modelo parcial para su propio nuevo régimen<sup>13</sup>.

Segundo alguns autores, o levante que iniciou a Guerra Civil se deve ao modelo de governo, a 2ª República, existente naquela época. A história mostra que durante o regime republicano, aconteceram reformas políticas que almejavam reduzir a influência da Igreja Cató-

---

12 De acordo com Delgado (2005) grande parte dos historiadores do franquismo entende que o regime não foi fascista no sentido estrito, mas que se caracteriza, sobretudo, pelo sentido científico do termo.

13 “embora seja verdade que Franco não era um fascista e não tinha grande interesse ou conhecimento da ideologia revolucionária fascista, em muitas maneiras muito diferentes do seu próprio conservadorismo, não é menos verdade que no decurso da Guerra Civil ficou cada vez mais impressionado com o potencial da Itália fascista como, pelo menos, modelo parcial para seu próprio novo regime” (PAYNE, 2005, p. 310. TN).

lica sobre Estado. Embora seja evidente que durante a 2ª República algumas conquistas sociais ocorreram como a aprovação de leis sobre o divórcio e leis trabalhistas, a diminuição do índice de analfabetismo, por meio da criação de reformas educativas e construção de novas escolas (MORADIELLOS, 2016), algumas outras situações de violência, contra grupos discordantes do regime governamental da 2ª República, também estiveram presentes nesse período republicano.

Não julgamos, tampouco defendemos, neste livro, a ideologia de nenhum dos grupos envolvidos na lide da Guerra Civil. Contudo, essa discussão até hoje possui uma proporção de tamanha relevância no cenário político espanhol tanto que no ano de 1999, as Cortes espanholas denunciaram o levante de 18 de julho de 1936 como um 'golpe militar fascista'.

Payne (2005, p.307) pontua que "la comisión de las Cortes, obviamente, no utilizó el término 'fascista' en un sentido técnico, erudito o científico, sino en el sectario y polémico de las izquierdas españolas durante la República"<sup>14</sup>. Certo foi que uma faceta do fascismo esteve muito presente no governo franquista: a sua capacidade incomensurável para fomentar o horror contra seus inimigos. Segundo Delgado (2005, p. 47),

Mussolini ejecutó a 27 individuos desde 1922 hasta 1940; Franco ejecutó *al menos* mil veces más personas desde 1939 hasta 1941. Teniendo en cuenta que la población italiana era bastante más elevada, la verdadera proporción tendría a ser de 1.800 a 1; y todavía podría ser más alta – de 10.000 a 1 – si medimos el ritmo de las matanzas, ya que la cifra italiana cubre 18 años y la española sólo tres.<sup>15</sup>

---

14 "A comissão de Cortes, obviamente, não usou o termo 'fascista' em um sentido técnico, acadêmico ou científico, mas no sectário e polêmico das esquerdas espanholas durante a República" (PAYNE, 2005, p.307. TN).

15 "Mussolini executou 27 indivíduos de 1922-1940; Franco executou pelo menos mil vezes mais pessoas de 1939 a 1941. Considerando que a população italiana era bastante elevada, a verdadeira proporção teria que ser 1.800 para 1; e ainda poderia ser maior - 10.000 a 1 - se medimos o ritmo das mortes, já que a cifra da guerra italiana é de 18 anos e a espanhola apenas três" (DELGADO, 2005, p. 47. TN).

O nível de repressão no governo de Franco foi altíssimo e, talvez, por esse fato, justifica-se a repugnância que uma parcela dos espanhóis sente com relação a esse período da história de seu país, pois todos os que eram considerados inimigos da nação, tinham confiscados seus bens e eram privados de suas liberdades. Assim como os partidos políticos, alguns jornais e os sindicatos foram aniquilados.

Nas considerações de Calderón, (2006, p. 13) “en la Universidad Central de Madrid, el 30 de abril de 1939, se celebró lo que llamaron, con resonancias medievales, un *auto de fe* para condenar al fuego a los enemigos de España”<sup>16</sup>. Nesse ano, Franco era a máxima autoridade do Estado, do exército, do poder legislativo e da “Falange Española”. Essa, por sua vez, criada em 1936, independentemente de Franco, era um grupo político que buscava estabelecer vínculos mais restritos com o ditador mesmo antes da Guerra civil, embora o Caudilho não correspondesse aos interesses desse grupo político.

Com a necessidade de apoiadores a sua causa, para ganhar a guerra e estabelecer sua vitória, principalmente durante os primeiros dias da guerra civil, e para eliminar qualquer resquício da 2ª República, o General toma como modelo a utilização de um só partido político no Estado, a Falange Espanhola. Esta promovia uma forma de governo que oscilava entre o fascismo e a direita tradicional e era vista como mais um dos braços do governo, assumindo o papel de sustentáculo do poder de Franco, pois ele podia utilizar-se do “apoio” desse partido para a continuidade da repressão sobre famílias e opositores, cada vez que isso se fizesse necessário.

Nas palavras de Delgado (2005, p.41),

alguien le preguntó una vez a Franco para qué le servía la Falange; su respuesta fue que le servía de claque. También tenía otra función, quizás más importante: junto con los militares, los católicos y los monárquicos, constituyó

---

16 “na Universidade Central de Madri, em 30 de abril de 1939, realizou-se o que chamavam, com ecos medievais, um ato de fé para condenar à fogueira os inimigos da Espanha” (CALDERÓN, 2006, p. 13. TN).

una de las “familias” del régimen que Franco equilibró tan brillantemente durante tantos años<sup>17</sup>.

Mesmo utilizando-se de um discurso que visava convencer sobre a necessidade do estabelecimento de seu governo para assegurar aos espanhóis que os desmandos e “erros” do antigo regime, a 2ª República, fossem extirpados da sociedade espanhola da época, e assim houvesse a melhoria da qualidade de vida do povo espanhol, o governo de Franco não conseguia promover o desenvolvimento econômico no país. No início da década de 50, o racionamento de comida e as restrições elétricas continuavam aumentando a situação de miséria cotidiana: crescia a fome, o frio, o desemprego e o desespero da população.

Buscando obter o reconhecimento e a aceitação de seu regime por parte dos católicos de seu país, que possuía um percentual expressivo de fiéis, Franco necessitou utilizar-se do apoio da Igreja Católica. Essa não apoiou a ditadura de Franco por estar a favor da morte, dos tormentos impingidos aos inimigos e do fomento do horror ocasionado pelo Caudilho durante seu governo. A Igreja apoiou o regime pela necessidade de sobrevivência e de proteção à instituição e aos padres, bispos, freiras que ali se encontravam. Estudiosos expõem como era tratado o clero durante o regime republicano. Cristãos eram assassinados<sup>18</sup>, não somente na Espanha, e os religiosos sofreram inúmeros ataques a suas vidas, templos foram vilipendiados e a repressão, por parte dos partidários da 2ª República, era severa contra à Igreja e a tudo o que ela representava (REY, 2019).

Entretanto, com o passar do tempo, a Igreja Católica passa a se distanciar do franquismo e, nessa mesma época, entre 1969 e 1975, as estruturas do regime do Generalíssimo começam a enfraquecer.

---

17 “alguém perguntou uma vez a Franco para que servia a falange; sua resposta foi que ela servia de coadjuvante. Também tinha uma outra função, talvez mais importante: juntamente com os militares, os católicos e monarquistas, foi uma das “famílias” do regime que Franco equilibrou tão brilhantemente por tantos anos” (DELGADO, 2005, p.41. TN).

18 Para saber mais a respeito desse tema buscar Nunca foi tão fácil ganhar o céu (Figueiredo, Ricardo, Paulus Editora, 2021); A Guerra dos Cristeros (Delgado, E. M., Cristo Rei, 2014).

Finalmente, em 22 de julho de 1969, as Cortes aprovam a decisão de Franco em nomear como seu sucessor, a título de rei, D. Juan Carlos de Borbón y Borbón. Em 20 de novembro de 1975, morre o General, aclamado por apenas parte da Igreja, posto que nem toda ela estava mais tão coesa no apoio ao regime, sem contestação, a “cruzada y la venganza sangrienta de la pósguerra”<sup>19</sup> (CASANOVA, 2006, p. 40).

Com o falecimento do chefe do Estado, foi convocado um conselho para organizar a proclamação da monarquia, pois “el acto de juramento de Juan Carlos de Borbón tenía que celebrarse antes del entierro para que las exequias pudiesen ser presididas por el nuevo rey”<sup>20</sup> (CALDERÓN, 2006, p. 152).

Iniciava-se, naquele momento, um novo panorama político, social, econômico e, porque não dizer cultural, no território da nova Espanha presidida pelo então Rei Juan Carlos. A democracia começava a ser novamente um sonho possível no território espanhol pós-ditadura.

### 1.3 A sociedade espanhola ditatorial

Conforme Juliá (2005) e Casanova (2006), entre outros pesquisadores, a sociedade espanhola da era franquista basicamente pode ser desenhada pelo abandono das zonas rurais por parte dos pequenos proprietários agrícolas, resultando no crescimento das cidades, na criação de uma nova classe de trabalhadores, e em decorrência disso, de uma nova classe média técnica e profissional. Juliá (2005, p. 69) considera que “en apenas quince años una sociedad agraria se convirtió en una sociedad industrial avanzada con nuevas clases obrera y media”<sup>21</sup>.

---

19 “cruzada e sangrenta vingança do pós-guerra” (CASANOVA, 2006, p. 40. TN).

20 “O ato de juramento de Juan Carlos de Borbón tinha que se realizar antes do enterro, para que o funeral pudesse ser presidido pelo novo rei” (CALDERÓN, 2006, p. 152. TN).

21 “em apenas quinze anos uma sociedade agrária tornou-se uma sociedade industrial avançada com novas classes trabalhadora e média” (JULIÁ, 2005, p.69. TN).

Contudo, segundo os opositores de Franco, durante sua regência, a Espanha foi uma sociedade formada por uma incipiente classe pensante, dominada por mercados locais, que impossibilitavam o desenvolvimento industrial e o crescimento de discussões para a obtenção de um estado democrático de governo.

Para o ditador, a República, governo deposto, era a personificação da falta de regras gerada pela liberdade desenfreada, que originou uma sociedade frágil, que deveria ser contida para que a Espanha voltasse a ser um país organizado e com regras bem estabelecidas. Assim, Franco enxergava a guerra como um extermínio e um tipo de castigo que Deus impunha aos impuros para limpar a história, pois desejava que em seu país houvesse um povo dócil que trabalhasse para a construção de uma sociedade estável, pura e tradicional.

Segundo o franquismo

la libertad humana conduce a la anarquía y al despotismo; treinta años de circulación de libros y de toda clase de escritos donde se enseña la incredulidad, no han podido menos que producir grave daño, y de alterar las costumbres religiosas de un número considerable de españoles (ABÓS, 1939, *apud* CALDERÓN, 2006, p. 70)<sup>22</sup>.

Assim, inventou-se uma figura de liderança, de confiança, pois, no momento de debilidade política e instabilidade social do país, quando o povo espanhol necessitava de mudanças, de um “salvador”, surgiu o “Generalísimo” que prometeu segurança, disciplina, união e ação firme contra a insegurança, o desemprego e as divisões sociais geradas pela incapacidade de gerência do governo republicano. Nessa figura, se instaura a “confiança”, por parte da sociedade, de que futuramente, pautados em valores como a uniformidade, a coletividade, a igualdade, se alcançaria a paz e o desenvolvimento social.

---

22 “a liberdade humana leva a anarquia e o despotismo; trinta anos de circulação de livros e todos os tipos de escritos onde se ensinava a incredulidade, produziram graves danos e alterou os costumes religiosos de um número considerável de espanhóis” (ABÓS, 1939 *apud* CALDERÓN, 2006, p. 70. TN).

Entretanto, para alcançar esses “objetivos”, o General praticou assassinatos arbitrários e sumários, decididos por tribunais militares organizados indiscriminadamente, além de prisões e torturas. Contando com o controle de todo o aparato estatal, a justiça militar obteve respaldo suficiente para concretizar suas tarefas de terror. Nas considerações de Casanova (2006, p. 23),

tenía a su disposición, en primer lugar, a policías y guardias civiles, dependientes en teoría del Ministerio de Gobernación pero militarizados y encargados en el día a día de llevar a cabo la represión en todas las ciudades y pueblos. Mantener en la cárcel durante tanto tiempo a tantos prisioneros, torturarlos, asesinarlos con nocturnidad, dejarles morir de hambre y de epidemias, no fue, como la dura represión de posguerra en general, algo inevitable<sup>23</sup>.

Calderón (2006, p. 23) relata que “el 21 de marzo de 1948, en Asturias, nueve años después del final de la guerra, 22 mineros acusados de rojos fueron arrojados al pozo y rematados en el agujero con bombas de mano<sup>24</sup>”.

Assim como a 2a República perseguia os cristãos, no franquismo as mulheres e as crianças tampouco escaparam do jugo do ditador. Inúmeras mulheres foram presas e fuziladas<sup>25</sup> por serem mães, irmãs, filhas ou esposas de simpatizantes da causa contra a ditadura, mesmo sem vínculo comprovado de seus envolvimento no grupo contrário ao franquismo. As crianças que nasciam nas prisões, ou aquelas que tinham seus pais assassinados pela ditadura, eram retiradas de suas mães biológicas, então presas políticas, e “doadas”

---

23 “tenha à sua disposição, encarregados em primeiro lugar, os policiais e guardas civis, dependentes da teoria do Ministério do Interior, mas militarizados e encarregados todos os dias de realizar a repressão em todas as cidades e vilas. Manter na prisão por muito tempo tantos prisioneiros, torturá-los, matá-los à noite, deixá-los morrer de fome e epidemias, não era, como a dura repressão do pós-guerra em geral, algo inevitável” (CASANOVA, 2006, p. 23. TN).

24 “em 21 de março de 1948, em Astúrias, nove anos após o fim da guerra, 22 mineiros acusados de esquerdistas foram jogados no poço e explodidos com bombas de mão” (CALDERON, 2006, p. 23. TN).

25 Sugiro o filme *As treze rosas* (2007), dirigido por Emilio Martínez-Lázaro.



pelas esposas dos generais de Franco a famílias falangistas com o objetivo de fazer daquelas crianças bons soldados e bons filhos da Espanha “una, grande y libre”.

Com a criação da lei de 29 de setembro de 1939, a *Falange Española* estava autorizada legalmente a apoderar-se dos bens dos sindicatos e a classe operária derrotada na Guerra Civil converteu-se em uma classe sem líderes, sem locais para debate, sem bens.

Para substituir essas organizações, o Caudilho utilizou-se da força do Exército como pilar de seu governo, ou seja, foi instaurada “una dictadura militarista y clerical que cerrara España a las influencias del extranjero y que vuelta sobre el propio ser de la nación extranjera los recursos necesarios para reanudar su destino glorioso”<sup>26</sup> (JULIÁ, 2005, p.115).

Nas considerações de Juliá (2005), a ditadura da Espanha, assim como todo governo totalitário, foi um movimento de alcance nacional de base fascista, pois exterminou os dirigentes de sindicatos de trabalhadores, silenciou os donos das grandes mídias, bem como uma classe intelectual que almejava o progresso da ciência, da arte e da cultura do país.

Além do terror fomentado pela repressão governamental, os meios de comunicação também foram empregados pelo franquismo para a confirmação de seu governo: manipulando as notícias, camuflando a verdade, investigando e retirando das bibliotecas livros que, segundo a ditadura, disseminavam ideias e conceitos imorais, doutrinas marxistas e a infidelidade a Pátria.

Segundo Calderón (2006, p. 25),

en cuanto a los medios de comunicación, el control estatal de radio, prensa, y de cuanto afectaba a la información, estuvo directa o indirectamente en manos del Estado

---

26 “uma ditadura militarista e clerical que fechava Espanha às influências estrangeiras e que colocava sobre o próprio ser da nação estrangeira os recursos necessários para retomar o seu destino glorioso” (JULIA, 2005, 115. TN).

o del Movimiento<sup>27</sup> y sujetos a una estricta censura de acuerdo con la *Ley de Prensa* de abril de 1938, que se mantuvo en vigor hasta 1966<sup>28</sup>.

Por conseguinte, na Espanha de Franco o poder estava centralizado no Estado, começando pelas forças armadas, passando por alguns grandes proprietários de terras e comerciantes e, sobretudo, por Francisco Franco, “Generalísimo, Caudillo y Santo” (CASANOVA, 2006, p.13).

## 1.4 A Sociedade Catalã

Por estar centrada na análise de unidades coletadas em um jornal de Barcelona, capital da Catalunha, entendo ser necessário abordar, ainda que de forma não pormenorizada, alguns aspectos da sociedade dessa região.

Em 26 de novembro de 1938, Franco dá ordem para o ataque à região da Catalunha, e sai vencedor no dia 23 de dezembro do mesmo ano. Após a guerra civil, o franquismo precisa isolar Catalunha, anular instituições e qualquer representatividade política da região.

Desse modo, os anos 40 representam uma grande “maldição” também para essa região que tinha que reconstruir uma área arruinada pela guerra e aceitar a aniquilação de sua cultura diferenciada e de suas instituições, pois Franco objetivava *reconquistar* terras que estavam sob a influência de seus inimigos e Catalunha era, na sua visão, uma dessas regiões. A Igreja Católica catalã se viu em difícil situação, pois, ao mesmo tempo em que sofreu com os problemas enfrentados durante a 2ª República, devido aos ataques sofridos a várias igrejas,

---

27 No ano de 1945 a *Falange Española*, partido único do governo franquista, foi reestruturada e passou a chamar-se *Movimiento Nacional*.

28 “sobre aos meios de comunicação, o controle de estatal de rádio, imprensa, e tudo que afetava as informações, esteve diretamente ou indiretamente nas mãos do Estado ou do Movimento e sujeito a uma censura rigorosa de acordo com a Lei de Imprensa de abril de 1938, que permaneceu em vigor até 1966” (CALDERÓN, 2006, p. 25. TN).

mosteiros e conventos, encontrou-se submetida às ordens de Franco e ao seu controle até sobre a hierarquia da Igreja. Com esse panorama, após algum tempo sob o jugo franquista, parte da igreja catalã, como nas outras regiões, começa a se distanciar do regime.

Como nas outras regiões, o Caudilho impõe uma dura repressão aos vencidos e os considerados inimigos da Espanha são perseguidos e sumariamente executados. E, assim, segundo Augustí (2013, p. 181), essa região torna-se palco das maiores violências do governo, “por ser posiblemente el territorio que alberga a los dos grandes enemigos del franquismo: las izquierdas más revolucionarias y el separatismo más radical”<sup>29</sup>.

Esses acontecimentos dão início a uma longa época de pobreza na sociedade catalã derrotada, para a qual a fome e a miséria chegaram com muita crueldade. Vários foram os fatores para chegar a essa situação, entre eles: o carácter classista e conservador dos vencedores e a redução de importações no país que culminou na desvalorização da indústria e do campo.

Diante desse estado de involução social, no dia 14 de maio de 1939, inicia o racionamento alimentar, na Espanha. Augustí (2013, p. 31) observa que “en el año 1939, las raciones diarias para un hombre adulto rozan los 400 gramos de pan, 250 gramos de patata y 125 de carne. Es curioso que para las mujeres, los ancianos y los niños, el racionamiento es inferior”<sup>30</sup>.

Interessante é analisar esse dado, posto que o governo de Franco era embasado em propostas como a construção de uma Espanha mais justa, igualitária, contudo justa apenas para uma parte da população, pois, para o regime franquista, os anciãos, mulheres e crianças não necessitavam de grandes porções de comida, mas apenas os homens não idosos, fato que ressalta os objetivos franquistas

---

29 “por ser possivelmente o território que abriga os dois grandes inimigos do regime de Franco: as esquerdas mais revolucionárias e o separatismo mais radical” (AUGUSTI, 2013, p. 181. TN).

30 “em 1939, as porções diárias para um homem adulto era de 400 gramas de pão, 250 gramas de batata e carne 125. É curioso que para as mulheres, os idosos e as crianças, a porção é menor” (AUGUSTÍ, 2013, p. 31. TN).

de manter sempre “mais bem” alimentados os homens, pois esses poderiam lutar, caso fosse necessário.

Em decorrência dessa política pela busca de uma Espanha mais “pura”, a fome e a miséria trouxeram consigo doenças que havia alguns anos sido erradicadas no território espanhol. Augustí (2013, p.31) nos mostra que “el tifo y la tuberculosis castigan a una población ya muy debilitada. Sólo en la provincia de Barcelona, la tuberculosis causa la muerte del casi el 16% de la población”<sup>31</sup>.

Em meados de 1938, o tema principal de trabalho do partido falangista, nessa região, estava centrado em dois tópicos: a economia e a questão linguística. A política linguística promovida pela nova Espanha buscava eliminar toda e qualquer cultura de origem Vasca, Catalã ou Galega. Segundo Augustí (2013, p. 149),

uno de los objetivos de la España triunfante del 39 era alzar una nueva política, un nuevo orden, una nueva cultura, que requería acabar con el legado de las letras catalanas, vascas o gallegas, para que ese solar fuese el cimiento sobre el que asentar la ideología del Estado franquista. En lógica con esta política, si lo que se quería era crear un “imperio del libro católico y españolísimo” (en expresión que recoge J. Benet), era necesario acabar primero con todo referente del libro y cultura catalana<sup>32</sup>.

Desse modo, a cultura catalã foi “apagada”<sup>33</sup>, pois o governo franquista a considerava transgressora da unificação da Espanha, devendo ser aniquilada. Ficou proibido o uso da língua catalã em

---

31 “o tifo e a tuberculose punem uma população já bastante enfraquecida. Somente na região de Barcelona, a tuberculose provoca morte de quase 16% da população” (AUGUSTÍ, 2013, p. 31. TN).

32 “um dos objetivos da Espanha triunfante de 39 foi para criar uma nova política, uma nova ordem, uma nova cultura, que buscava acabar com o legado das letras Catalãs, Vascas ou Galegas, para que fosse a base sobre a qual se estabelecesse a ideologia do estado franquista. Na lógica com esta política, se o que se queria era criar um “imperio do livro católico e espanhol” (expressão coletada por J. Benet), era necessário acabar primeiro com tudo sobre o livro e a cultura catalã” (AUGUSTÍ, 2013, p. 149. TN).

33 A Constituição Espanhola de 1978, em seu artigo 3º, estabelece que o castelhano é a língua oficial do território espanhol, e todos os espanhóis devem ter o direito de conhecê-la e de usá-la. As outras línguas espanholas, reconhecidas como patrimônio cultural, são estabelecidas como oficiais nas respectivas Comunidades Autônomas.

qualquer âmbito público, culminando no ato de apagar a UL *Catalunya* de escritos e panfletos.

De acordo com Calderón (2006, p. 107)

era necesaria una demanda específica y sentimentalmente poderosa; el derecho a reanudar la expresión escrita y pública de la propia lengua y el restablecimiento de las instituciones culturales y políticas arrasadas tras la Guerra Civil. (...) En Cataluña, desde enero de 1939 en que se produjo la toma de Barcelona por las tropas de Franco, se difundió el eslogan *hablad español, que es la lengua del Imperio* y el gobernador civil prohibió cualquier letrado escrito en otra lengua que no fuera la castellana<sup>34</sup>.

Esse fato nos remete a situação semelhante ocorrida no Brasil quando, durante a vigência do governo do Estado Novo, Getúlio Vargas, por meio de um decreto, em 1938, proibiu a utilização de LE no território nacional alegando que o uso de determinadas línguas teriam forte capacidade de influência sobre o imaginário dos estudantes e por isso, deveria ser promovido o fortalecimento somente da identidade brasileira e, por sua vez, da língua portuguesa (FROSI, 2010; D'ARAUJO, 2016; LAGARES, 2018). Aí podemos ver que o mal não caminha de forma acidental, aleatório e desconexo.

Apesar de toda a crueldade e opressão do regime ditatorial, as regiões com o uso de uma língua diferente do castelhano não deixaram de reivindicar liberdades.

Após o término da ditadura, e com o advento da nova constituição de 1978, o sentimento nacional, expresso pelo uso intensivo das línguas regionais da Espanha, desenvolveu-se com maior ênfase não somente na Catalunha, por tradição cultural, institucional e poder econômico, mas também nas regiões do País Vasco e da Galícia. A

---

34 "era necessária uma demanda específica e sentimentalmente poderosa; o direito de retomar a expressão escrita e pública da própria língua e a restauração das instituições culturais e políticas arrasadas após a Guerra Civil. (...) Na Catalunha, a partir de janeiro de 1939 em que ocorreu a ocupação de Barcelona pelas tropas de Franco, espalhar o slogan falem espanhol, que é a língua do Império, o governador civil proibiu qualquer escrito em outra língua que não fosse a castelhana" (CALDERÓN, 2006, p. 107. TN).

partir desse panorama, a cultura dessas regiões ganha destaque e recupera o respeito nacional.

## 1.5 A economia

No que tange à economia, o governo franquista foi uma sucessiva enxurrada de desastres, porque a Espanha não alcançou a modernidade prometida pelo General em sua tomada do poder, tornando-se cada vez mais isolada política e economicamente dos acontecimentos mundiais. Delgado (2005, p. 31) expõe que “en la esfera económica, la destrucción fue completa: no solo desaparecieron grandes empresas sino también pequeñas tiendas y granjas y en la esfera cultural, sucedió prácticamente lo mismo”<sup>35</sup>.

O crescimento econômico nos primeiros anos do regime foi o pior entre muitos países europeus, posto que grande parte da Europa conseguiu reestabelecer sua renda *per capita* em poucos anos após o término da Segunda Guerra Mundial. Com relação à Espanha, houve a necessidade do triplo do tempo para essa restauração, talvez esse fato esteja apoiado nos antecedentes sociais do país, a Guerra Civil. Antes do início da 2ª Guerra Mundial, (1939–1945) a Espanha já tinha enfrentado 3 anos de uma violenta Guerra civil que a enfraqueceu substancialmente.

O clima de repressão do governo, somado aos instrumentos de uma política sem futuro, determinaram o afastamento da Espanha dos níveis de renda dos outros países europeus. Assim, nos anos 40, período mais nebuloso da economia espanhola, fatores como “rígida disciplina laboral y drástica fijación de salarios en una situación que registra simultáneamente fuertes alzas en los precios la inflación incontrolada combi-

---

35 “na esfera econômica, a destruição foi completa: não apenas desapareceram grandes empresas, mas também pequenas lojas e sítios e no domínio da cultura, aconteceu praticamente o mesmo” (DELGADO, 2005, p. 31. TN).

nada con los salarios controlados”<sup>36</sup> (DELGADO, 2005, p.173) reforçaram a dificuldade de crescimento econômico do país.

Os componentes fundamentais da política franquista eram formados pela presença do forte intervencionismo unido a financiamentos inflacionados para promoção de projetos industriais. Delgado (2005, p. 180) assevera que “fueron los acontecimientos mundiales, y no la legislación de Franco, lo que provocó finalmente la entrada de España en el concierto de las naciones”<sup>37</sup>.

Posteriormente, nos anos cinquenta, ainda com a recessão no período do pós-guerra, houve certa atenuação na crueldade do regime franquista e assim, um maior fomento às mudanças econômicas, possibilitando à década de 60 apresentar um leve desenvolvimento e crescimento nessa área.

Nessa época, há a última crise do regime ditatorial franquista deflagrada, entre outros fatores, também pelo assassinato de Luís Carrero Blanco<sup>38</sup> em dezembro de 1973. De acordo com Juliá (2005, p. 153) “la muerte de Carrero Blanco desata la crisis postrera del régimen dictatorial superponiéndose a los primeros indicios de la crisis económica y al cambio de decorado en el mercado mundial”<sup>39</sup>.

A ditadura franquista dos anos 60 e 70 continuou gerando mudanças sociais, culturais e políticas. Contudo, segundo teóricos do tema, (JULIÁ, 2005; DELGADO, 2005), não podemos esquecer que alguns governos espanhóis da era democrática também conseguiram um desenvolvimento econômico igualmente relevante, e, portanto, não se pode atribuir ao franquismo o crescimento econômico mo-

---

36 “disciplina rígida de trabalho e rígido congelamento de salário em uma situação que simultaneamente registra fortes aumentos da inflação descontrolada dos preços combinados com salários controlados” (DELGADO, 2005, p.173. TN).

37 “foram os acontecimentos mundiais e não a lei de Franco, o que provocou finalmente a entrada da Espanha no eixo das Nações” (DELGADO, 2005, p. 180. TN).

38 Foi um militar e político espanhol e ocupou diversos cargos no governo franquista. Foi assassinado em um atentado quando integrava o governo da Espanha durante a etapa final da ditadura.

39 “a morte de Carrero Blanco desencadeia a última crise do regime ditatorial para os primeiros indícios de sobreposição da crise econômica e a mudança de cenário no mercado mundial” (JULIÁ, 2005, p. 153. TN).

dermo da Espanha, nem mesmo uma possível modernização do país. Ainda de acordo com Julia (2005) e Delgado (2005), foi somente a partir do advento da democracia que os espanhóis alcançaram a reformulação de suas estruturas econômicas.

Para tanto, foram necessários esforços acumulados ao longo de muito tempo, aos quais se uniram gerações de homens e mulheres desejosos por liberdade.

## 1.6 A cultura na ditadura

As ditaduras totalitárias (de esquerda e direita) das décadas de 20 e 30 foram os primeiros regimes que transformaram a cultura em um instrumento de doutrinação, domínio e propaganda. Na Alemanha, o regime nazista (1933 -1945) utilizou-se excepcionalmente da propaganda e da cultura como formas de manipulação para exaltar o “nacionalismo” (exacerbado e xenófobo) no país. Com o franquismo não foi diferente.

A política cultural do governo de Franco utilizou a censura aplicada com intenso rigor sobre a imprensa, livros, rádio, cinema, teatro e todas outras expressões de cultura que não estivessem alinhadas a sua ideologia, objetivando criar uma política afirmativa, por meio da instauração do terror, buscando a afirmação do poder absoluto. Esse *modus operandi* não é exclusivo do franquismo. Stalin, Hitler, Mussolini, entre outros ditadores, também se utilizaram dos meios de comunicação para subverter a verdade, manipular as notícias e camuflar os horrores praticados contra seus civis durante suas gestões.

De acordo com Cantano (2013, p. 145) “en septiembre de 1936 se alentaba desde las páginas del diario pamplonés *Arriba España* a destruir y quemar todo libro, revista o propaganda que proviniese del separatismo”<sup>40</sup>.

---

40 “em setembro de 1936 é incentivado nas páginas do jornal de Pamplona *Arriba Espanha* a destruir e queimar cada livro, revista ou propaganda que proviesse do separatismo” (CANTANO, 2013, p. 145. (TN).



Delgado (2005, p. 255) pontua que

regulada por la ley de 22 de abril de 1938, que estuvo en vigor hasta 1966, la prensa experimentó una radical regresión. Muchos periódicos de etapas anteriores de significación liberal o republicana (y por supuesto, toda la prensa de izquierda) fueron prohibidos, y sus instalaciones, incautadas por el Estado.) Mezcla de Estado totalitario y Estado católico, el régimen de Franco se dotó, al servicio de sus intereses y de su propaganda, de un importante aparato de medios de comunicación de propiedad pública (prensa, radio, agencias informativas), que inicialmente (1938-42) quedó bajo el control de la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda del Ministerio del Interior, controlada por la Falange, el partido fascismo español (aunque todo ello acabaría dependiendo, desde 1951, del Ministerio de Información y Turismo, entonces creado)<sup>41</sup>.

No campo da sétima arte, o governo, que precisava disseminar sua aceitação, cria uma política de promoção para a elaboração de filmes com o objetivo de defender os ideais franquistas e fomentar o pensamento de que naquela Espanha se podia viver muito bem. O futebol (SANT'ANA, 2012) e as touradas ganham maior destaque e se consolidam como festas populares de abrangência nacional, sobretudo, as touradas foram utilizadas pelo regime como promoção da cultura “verdadeiramente espanhola”.

Como a maioria dos personagens centralizadores, e, portanto, egocêntricos, o Caudilho procurava ser visto como um enviado de Deus e como um mártir pela luta contra os inimigos da Espanha pura.

---

41 “regulada pela lei de 22 de abril de 1938, que estava em vigor até 1966, a imprensa sofreu um retrocesso radical. Muitos jornais dos governos anteriores, liberal ou republicano, (e claro, toda a imprensa de esquerda) foram proibidos e suas instalações, apreendidas pelo Estado.) Mistura de estado totalitário e estado católico, o regime de Franco se reforçou, em serviço dos seus interesses e da propaganda, de um importante aparelho da mídia de propriedade pública (imprensa, rádio, agências de notícias) que inicialmente (1938-42) estava sob o controle da delegação nacional de imprensa e Propaganda do Ministério do Interior, controlada pela Falange, partido fascista espanhol (embora isto fosse acabar dependendo, desde 1951, do Ministério de Informação e Turismo, criado em seguida)” (DELGADO, 2005, p. 255. TN).

Casanova (2006, p. 9) expõe que “Franco acabó creyendo que, efectivamente tenía una relación especial con la divina providencia”<sup>42</sup>.

Com relação à área da educação, esse foi o campo no qual mais se esforçou o Caudilho para dar autoridade à Igreja, haja vista que esse era um terreno vital para as ideais falangistas. Portanto, de acordo com Delgado (2005, p. 230) “la Iglesia, no la Falange, monopolizó de hecho la educación en la España de Franco”<sup>43</sup>.

O desenvolvimento da universidade durante o período franquista não foi tão expoente e estava voltado para o prisma tradicional de ensino, com base no controle do fluxo de alunos, embasado no caráter contrarrevolucionário, elitista e, por conseguinte, os professores que atuavam nas universidades deveriam possuir esse perfil. Assim, muitos docentes não estavam “aptos” para dar aulas conforme desejava o novo governo e o resultado desse desencontro foi “una escuela aquejada durante las primeras décadas del régimen por graves deficiencias humanas y materiales y por unos bajos niveles de escolarización”<sup>44</sup> (CALERO, 2003, p. 51). Consequentemente, a ideologia falangista ficou limitada, pois havia insuficiência de professores com o perfil “desejado” para o ensino superior.

Com a Igreja, durante a ditadura franquista, o ensino voltou-se para os princípios católicos, pois era necessário o estabelecimento do fomento do ensino dos princípios cristãos. A Igreja Católica apoiava o regime de Franco com o objetivo de minimizar a propagação de ideias advindas do anterior regime, o republicano, no qual a igreja católica foi brutalmente perseguida e atacada.

Sendo assim, a Igreja Católica teve um papel proeminente na educação da Espanha de Franco, “levantado sobre las cenizas de la

---

42 “Franco acabou acreditando que realmente tinha uma relação especial com a divina providência” (CASANOVA, 2006, p. 9. TN).

43 “A igreja, não a falange, de fato monopolizou a educação na Espanha de Franco” (DELGADO, 2005, p. 230. TN).

44 “uma escola afetada durante as primeiras décadas do regime por graves deficiências humana, material e baixos níveis de escolaridade, durante as primeiras décadas do regime” (CALERO, 2003, p. 51. TN).

República y la venganza sobre los vencidos en la guerra civil"<sup>45</sup> (CASANOVA, 2006, p. 40). Delgado (2005, p. 232-233) afirma que,

sólo en Barcelona se proyectaron entre 1945 y 1959 setenta y dos iglesias. En Madrid, se construyeron, entre otras, las iglesias de la Merced (1950), de Sáenz de Oiza y San Agustín (1945- 1959), de Luis Moya; en Málaga, la Iglesia de la Asunción (1950)<sup>46</sup>.

Nesse panorama, o Estado franquista alcançou o controle da educação, dos meios de comunicação, dos lares, "donde tenían lugar las relaciones más íntimas, secretas y libres de las personas"<sup>47</sup> (MIR, 2002, p.160).

## 1.7 O jornal e o Franquismo

Os meios de comunicação exercem, frequentemente, influências na formação do imaginário da coletividade. Os homens se iludem ao imaginar que sempre pensam por si mesmos, pois podem ser manipulados, ou se deixarem manipular, pelas notícias com as quais entram em contato.

Por isso, a informação também depende da realidade comunicativa que, por sua vez, está ligada ao grau de desenvolvimento das condições socioeconômicas e culturais de onde se apresentam as notícias.

Os meios de comunicação de massa expõem uma ideia de que são "uma grande central onisciente, algo divina. (...) a dona da

---

45 "construída sobre as cinzas da República e a vingança sobre os perdedores da guerra civil" (CASANOVA, 2006, p. 40. TN).

46 "somente em Barcelona foram projetados entre 1945 e 1959, setenta e duas igrejas. Em Madri, foram construídos, incluindo as igrejas *de la Merced* (1950), de Sáenz de Oiza e San Agustín (1945-1959), de Luís Moya; em Málaga, a Igreja da Assunção (1950)" (DELGADO, 2005, p.232-233. TN).

47 "onde tinham lugar as relações mais íntimas, secretas e livres das pessoas" (MIR, 2002, p. 160. TN).

verdade – mestra da verdade. A mídia quando fala só pode estar falando a verdade” (LOPEZ, 2020, p. 15). Mas, será mesmo?

Inegavelmente, a imprensa é um dos agentes fomentadores de mudanças culturais, são propagadores de inovações semânticas e o alcance dessas mudanças se torna cada vez mais rápido se comparado a anos anteriores, posto que

la palabra es una herramienta de la que todos se sirven como un elemento eficaz para conseguir sus fines. (...) Tras la elección de un vocablo u otro se esconde una u otra interpretación y, (...) la ausencia de ciertas palabras es tan significativa como su aparición (REBOLLO TORÍO, 2002, p. 34)<sup>48</sup>.

O prestígio social do meio propagador de mudança é um fator que impulsiona a aceitação ou recusa, por parte dos falantes, das novidades léxicas (ESCANDELL VIDAL, 2012). Desse modo, foi austera a hostilidade contra a expressão popular durante o governo ditatorial e uma das armas contra ela foi o ato do governo em negar papel para a impressão de notícias, pois, segundo o argumento franquista, o papel estava sujeito a “racionamiento y no debía malgastarse con obras que no tengan un interés nacional indudable”<sup>49</sup> (BAUTISTA, 2008, p. 69).

A falta de rentabilidade econômica, somada à escassez de papel, e a repressão governamental, impediram muitas cidades espanholas de continuar com a impressão de jornais, e, dessa forma, o único jornal editado naquela época, em muitas capitais era a *Cadena de Prensa del Movimiento*<sup>50</sup>.

Desse modo, o Estado

---

48 “a palavra é uma ferramenta que todos se servem como um elemento eficaz para atingir os seus fins. (...) Uma ou outra interpretação está oculta por trás da escolha de uma palavra ou outra (...) a ausência de certas palavras é tão importante como a sua aparição” (REBOLLO TORÍO, 2002, p. 34. TN).

49 “racionamento e não devia se desperdiçar com obras que não tivessem um interesse claramente nacional” (BAUTISTA, 2008, p. 69. TN).

50 Esse era o nome do partido único do regime franquista criado em 1937 pela união entre os partidos que apoiaram o golpe militar de 1936.

(...) controló un inmenso aparato de prensa y propaganda, desempeñó miles de jefaturas locales y provinciales del Movimiento, encuadró a jóvenes y mujeres en distintos frentes y auxilios, desempeñó los gobiernos civiles de las provincias, fue titular de delegaciones y comisarías<sup>51</sup> (JULIÁ, 2006, p.99).

Assim, em janeiro de 1938, era de competência do governo decidir qualquer assunto sobre a imprensa e sobre as propagandas, todas minuciosamente analisadas pelo *Servicio Nacional de Prensa y Propaganda* (CALERO, 2003). Nesse momento, já se instaurava a nova missão da imprensa no governo franquista, que era a de destruir toda referência à 2<sup>a</sup>. República, bem como silenciar as diferentes culturas e opiniões contrárias ao regime e também línguas existentes no território espanhol.

Foi com este objetivo que o regime franquista fez dos jornais instrumentos para a legitimação de seu poder político, e transformou os jornalistas em peças-chave dessa manipulação, na tentativa paradoxal de expor seu poder pela censura política e de fomentar uma “nova transmissão de valores”. A partir de uma atuação limitada, devido a restrições de liberdade informativa, ordenadas por parte do regime franquista, houve o atraso no desenvolvimento da imprensa na Espanha daquelas décadas.

Sabemos (ainda que às vezes isso não aconteça) que ao escrever, o jornalista deve primar pela imparcialidade e esse é um dos fatores chave para o bom desenvolvimento de seu texto, devendo ser cuidadoso com a escolha das ULs e limitar-se a transmitir fatos. Mas, sabemos também que nas décadas pelas quais passava a Espanha, refém de um sistema ditatorial, não havia liberdade para a escolha de lexias, pois elas já estavam previamente determinadas pela censura do regime em vigor.

---

51 “(...) controlou um vasto aparato de imprensa e propaganda, servindo milhares de sedes locais e regiões do Movimento, colocou a jovens, homens e mulheres em diferentes frentes e desempenho dos governos civis das províncias, era chefe de delegações e delegacias” (JULIÁ, 2006, p. 99. TN).

Ao observarmos nosso *corpus* de análise, os opositores do regime governamental eram posicionados como inimigos a serem dizimados, sendo satanizados na maioria das ocorrências presentes em *La Vanguardia*, jornal pesquisado. Assim, conforme apresenta Henriques (2011, p. 192) “o conhecimento partilhado de mundo e as premissas factuais largamente aceitas operam também como elementos de facilitação da mensagem”. Dessa forma, com influência direta sobre seus leitores, o jornal possibilitava que determinadas acepções utilizadas por ele se prolongassem “en la lengua que utilizan los individuos, lo que por otra parte les condiciona su pensamiento”<sup>52</sup> (BLASCO, 2006, p. 21).

Apesar de Franco e seu governo não encontrarem apoio entre os líderes políticos mundiais para sua maneira de governar, isso não enfraqueceu seu *modus operandi*. A imprensa sofreu diretamente os efeitos desse *modus*, pois o regime era orientado para trabalhar com maior rigor em se tratando da censura, vigiando de maneira contundente os meios de comunicação (CALERO, 2003).

A consciência do controle exercido pelo governo sobre os meios de comunicação fez crescer entre alguns leitores a desconfiança sobre as informações, posto que os meios de comunicação foram também transformados, assim como a educação, em aparelhos ideológicos do Estado, como acontece, algumas vezes, em outros regimes.

Contudo, esse clima de desconfiança sobre as intenções do novo regime não se espalhou por toda Espanha, haja vista que os que tinham contato com os jornais eram os habitantes de áreas urbanas,

sobre todo hombres en edad adulta pertenecientes a la burguesía que, como ya ha sido puesto de manifiesto, eran los que más se exponían a los medios de comunicación, mientras que quienes habitaban en las zonas rurales y las pequeñas poblaciones, así como las personas pertenecientes a los sectores sociales más desfavorecidos, estaban peor informados<sup>53</sup> (CALERO, 2003, p. 131).

---

52 “na língua que utilizam os indivíduos, o que por outra parte lhes condicionava o pensamento” (BLASCO, 2006, p. 21. TN).

53 “especialmente os homens em idade adulta pertencentes à burguesia, como já foi explicitado, eram os que mais se interessavam pelos meios de comunicação, enquanto aqueles

Em consequência desses acontecimentos, a maioria das pessoas ainda estava presa à mistura de sentimentos como ojeriza, insipiência com relação à real situação do país, resignação e aceitação da ditadura devido ao medo das recordações dos tempos vividos durante a Guerra Civil e também durante a 2ª República.

Entendemos que “tanto o pólo da palavra quanto o do conceito são variáveis segundo a inserção sócio-histórica das expressões que estejam em pauta” (PIETROFORTE; LOPES, 2004, p. 116). Assim, ao conhecermos mais sobre identidade, história e, conseqüentemente cultura, podemos entender

cómo el poder político –en este caso casi totalitario– extiende sus tentáculos de dominio sobre la población y cómo los periodistas nos convertimos en intermediarios en ese afán impropio, pues nos prestamos para actuar como cadena de transmisión<sup>54</sup> (BLASCO, 2006, p. 25–26).

Portanto, a linguagem utilizada durante o governo do Caudilho e por seus apoiadores, buscava, a partir do uso de eufemismos, criar uma relação de “comunhão” autoritária com os cidadãos para incutir-lhes a ideia de que suas intenções de governo seriam as melhores para o povo espanhol. A propósito, Blasco (2006, p. 30), sustenta que “esa submisión lleva a un tipo de lenguaje imperativo, como si el pueblo sólo necesitara ser conducido con nervio autoritario para desarrollar un tipo de comportamiento correcto”<sup>55</sup>.

Neste 1º. Capítulo discorri, brevemente, sobre o panorama da sociedade espanhola do período pós-Guerra Civil, buscando apresentar aspectos das situações econômica, política, social e cultural

---

que viviam em áreas rurais e pequenas cidades, bem como as pessoas pertencentes aos setores sociais mais desfavorecidos, eram mal informados” (CALERO, 2003, p. 131. TN).

54 “como o poder político – neste caso quase totalitário – estende seus tentáculos de domínio sobre a população e como os jornalistas nos transformamos em intermediários neste desejo impróprio, porque nos prestamos para atuar como a cadeia de transmissão” (BLASCO, 2006, p. 25–26. TN).

55 “esta apresentação leva a uma espécie de desafio de linguagem imperativa, como se as pessoas só precisassem ser conduzidas com nervo autoritário para desenvolver um tipo de comportamento adequado” (BLASCO, 2006, p. 30. TN).

**ANDRÉIA RODER CARMONA-RAMIREZ** .....

da Espanha franquista para situar historicamente você leitor nas discussões dos significados das ULs utilizadas neste contexto histórico. No capítulo seguinte – 2º – vamos entender mais sobre a relação, indissociável, existente entre língua, cultura e história.



## Capítulo II

# LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA ESPANHOLA PENINSULAR

*O léxico reflete diretamente a realidade sociopolítica e cultural (BIDERMAN, 1996, p. 30).*

A língua é um dos aspectos que nos auxiliam na compreensão das sociedades e de sua evolução. Assim, neste capítulo apresento a relação entre língua, cultura e história, pautada nas considerações de autores como Schaff (1968), Coseriu (1978, 1987), Sarup (1996), Bakhtin (1999), Biderman (1981, 1996, 1998, 2001), entre outros.

### 2.1 Léxico e Cultura: Léxico

Por meio da linguagem,<sup>56</sup> entramos em contato com o mundo ao nosso redor, conhecemos a realidade e a deixamos transparecer, e assim, aprendemos como ver o mundo de acordo com os conceitos que nos são transmitidos, muitas vezes linguisticamente, e, após essa aprendizagem, reproduzimos nossas experiências por meio de nosso discurso. Schaff (1968, p. 315) salienta que “toda teoria ou filosofia da linguagem trata, explícita ou implicitamente, das relações entre linguagem e realidade”. Com isso, inferimos que a personalidade dos indivíduos, as características da nação (região) a que pertence, estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento de sua língua (FIORIN, 2004).

---

56 Considero linguagem como a “capacidad humana específica que se manifiesta en forma de conducta observable como lengua, consistente en signos verbales o de otro tipo, como los gestuales. (...) Esa capacidad es específica del hombre” (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 39).

A língua é, portanto, um aspecto relevante para investigar, identificar e interpretar as práticas culturais das sociedades e seus sistemas, posto que ao utilizá-la, o homem expressa seus modos de agir e pensar, bem como traços de sua identidade. Sarup (1996) pondera que qualquer identidade é construída *na e por meio* da linguagem.

Desse modo, o léxico, como parte da língua, expressa nossos pensamentos e os conhecimentos sobre o mundo em que vivemos e, assim, reflete nossos sentimentos como integrantes de grupos sociais, revelando nosso nível cultural, social, nossa profissão e, também demonstrando a evolução (ou não) pela qual a sociedade passa ao longo do tempo (CARMONA, 2006).

Para Botta (2011, p. 21), “o léxico, acervo dos lexemas de uma língua, é onde se configura a realidade extralinguística e se arquivam os saberes de uma comunidade” Krieger (2009) também entende ser o léxico fator relevante para o conhecimento do desenvolvimento do ser humano, pois esta autora considera que

o léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas (KRIEGER, 2009, p. 170).

Elias e Scotson (2000, p. 133), por sua vez, observam que “a identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual”. Assim, ao utilizar determinada *lexia*, o indivíduo se posiciona como elemento de uma cultura, de uma ideologia de um povo, de um grupo ao qual pertence, pois “toda língua (...) é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIM, 2003, p.41).

De acordo com Lyons (1981, p. 108), o significado social

está ligado ao uso da língua para estabelecer e manter os papéis e relações sociais (...) a maioria das nossas atitudes, sentimentos e crenças –a maior parte do que consideramos a personalidade –é produto de nossa socialização. Nesta perspectiva, o significado expressivo depende das relações e papéis sociais.

Então, em cada época, as escolhas das ULs por determinado indivíduo ou de maneira coletiva podem funcionar “como medio de solidariedad, de cohesión social y como instrumento de control de la sociedad misma. Los hay de carácter relativo, que son los específicos de cada cultura, y, por lo tanto, los que permiten oponer una cultura a otra”<sup>57</sup> (REYES DIAS, 2009, p. 134). Dessa maneira, a língua, ao abranger as atividades da cultura humana, nos apresenta relações de poder e conflitos que irão revelar o acontecimento da vida cotidiana.

Paula (2007, p. 89) entende que

o modo como se estrutura política e economicamente uma sociedade diz muito de suas estruturas culturais; estas, por sua vez, só se fazem possíveis graças à elaboração cotidiana do arcabouço de memória coletiva, ao modo como é concebida e ao estatuto que lhe é dado. Expressando estas inter-relações, servindo a elas no cotidiano da comunicação humana e carregando em seu funcionamento; **muito do modo como a sociedade se faz e se refaz está na língua** (grifo nosso).

Assim, ao observarmos as escolhas lexicais de determinados grupos, em determinado tempo ou região, poderemos verificar o modo como esses grupos contextualizam as ULs escolhidas por eles e, analisar como exprimem suas posições em relação ao que falam. Benveniste (1989) também nos apresenta a ideia de que em determinadas escolhas lexicais podemos encontrar expressões práticas da cultura

---

57 “como meio de solidariedade, de coesão social e como instrumento de controle da própria sociedade. “Existem palavras de caráter relativo, que são as específicas de cada cultura e, portanto, os que permitem opor uma cultura a outra” (REYES DIAS, 2009, p. 134. TN).

de determinado povo, pois com o passar do tempo alguns conceitos mudam, assim como os costumes, as instituições, regras, etc.

Reyes Días (2009, p. 135) esclarece que, “los valores no solo varían de una cultura a otra o de una sociedad a otra, sino también dentro de una misma sociedad”<sup>58</sup>. Por isso, nem todas as culturas, pertencentes a sociedades diferentes ou à mesma sociedade, são elevadas ao mesmo grau de importância, posto que a relevância histórica e de poder dos agentes sociais envolvidos no desenvolvimento de determinadas crenças podem atribuir a determinadas culturas mais importância que a outras.

Portanto, tentar entender um enunciado apenas pelo significado literal das unidades lexicais, sem a busca pelo seu sentido social, pode implicar resultados não desejados, pois em algumas situações,

además del significado gramatical, está el significado que depende de los sujetos y del contexto o situación en que se enuncia. Así, además del significado resultante de la correcta combinación de los elementos lingüísticos se atenderá al lugar, tiempo y medio ambiente de la comunicación, el número de participantes, sus condiciones sociales, su relación de igualdad o subordinación, etc<sup>59</sup> (OLANO, 2004, p. 1).

Ou seja, torna-se mais fácil entender o significado das ULs quando essas são analisadas em seus contextos de uso, pois nem sempre se conseguirá entender as possíveis ambiguidades simplesmente pela análise das frases descontextualizadas. Portanto, concordo com Olano, (2004, p. 328) quando essa autora pondera que “tendremos

---

58 “os valores não só variam de uma cultura para outra, ou de uma sociedade para outra, mas também dentro de uma mesma sociedade” (REYES DIAS, 2009, p. 135. TN).

59 “além do significado gramatical, está o significado que depende dos sujeitos e do contexto ou situação em que está expresso. Assim, além do significado resultante da combinação certa de elementos de linguagem se atentarão ao lugar, tempo e meio ambiente da comunicação, o número de participantes, as suas condições sociais e sua relação de igualdade ou subordinação, etc” (OLANO, 2004, p. 1. TN).

que recurrir al contexto (no sólo verbal) y a la situación pragmática para conseguir una interpretación unívoca de los mensajes”<sup>60</sup>.

Dessa maneira, é interessante destacar que à significação denotativa do léxico, acrescentamos as acepções particulares advindas das vivências de um indivíduo, ou de um grupo, e este sentido, chamado conotativo, varia de acordo com a cultura do falante, pois essa busca adequação de seu vocabulário às diferentes situações comunicativas da vida (CUNHA, 2006).

Dessa forma, a língua não apenas representa e comunica as ações da vida cotidiana, mas ela pode também criar, inovar significados, devido às mudanças sociais e culturais de determinada comunidade de fala ou também para “propor” que mudanças sociais e culturais aconteçam. Neste sentido ela se encaixa como um dos maiores recursos de inovação de que dispõe a sociedade para expressar sua cultura ou modificá-la.

## 2.1.1 Cultura

*“o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura”  
(BIDEMAN, 1981, p. 133).*

É inegável a existência da relação entre língua, cultura e sociedade. Por essa razão, nossas discussões se pautam no conceito de que

(a) cultura é manifestada através da língua do povo que a usa; (b) A cultura de um povo é construída historicamente; (c) cultura como processo que causa inclusão ou exclusão, sempre acarreta o exercício de poder e controle; (d) As culturas são heterogêneas e estão cons-

---

60 “teremos que recorrer ao contexto (não só verbal) e a situação pragmática para alcançar uma interpretação inequívoca das mensagens” (OLANO, 2004, p. 328. TN).

tantemente mudando, ao mesmo tempo em que buscam reconhecimento e legitimação (KRAMSCH, 1998, p. 10).

Assim, entendemos que “la cultura junto con la lengua es uno de los pilares de la identidad del individuo como ciudadano y de la comunidad como formación social”<sup>61</sup> (GODOY, 2001, p. 235).

É na língua, o lado social da linguagem, que se explicitarão as diferentes formas de posicionamentos sociais, pois “a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKTHIN, 1999, p. 41). Ao observar a relação entre língua e cultura penso ser importante discutir seu conceito, embora saiba que a definição de cultura é um terreno árido a ser percorrido.

Cultura pode ser relacionada a um componente que é aprendido, cultivado ou como sendo a soma de aspectos sócio-históricos, políticos, econômicos, filosóficos, científicos etc., que um povo possui (adquire) durante seu processo evolutivo.

Segundo Brahim e Vivan (2004, p. 2), “a evolução semântica do vocábulo cultura deu-se na França, a partir do século XVII, sendo depois transferido por empréstimo a outras línguas”. Com o passar do tempo a ideia sobre o conceito evoluiu, variando de acordo com diferentes correntes epistemológicas. E assim,

a cultura de um grupo ou de classe, representa um estilo de vida especial e distinto deste grupo ou classe, que inclui os valores e ideias, seus significados e como eles são refletidos nas instituições, nas relações sociais, nos costumes, nos sistemas de crenças e tradições (BRAHIM e VIVAN, 2004, p. 2).

Para Lyons (1981, p. 224), “cultura pode ser descrita como conhecimento adquirido socialmente: isto é, como o conhecimento que uma pessoa tem em virtude de ser membro de determinada sociedade”. De acordo com Giovannini (1996, p. 23), cultura “es la suma total de la forma de vivir y de concebir la propia vida que tiene un grupo social”<sup>62</sup>.

---

61 “a cultura junto com a língua, é um dos pilares da identidade do indivíduo como cidadão e da comunidade como formação social” (GODOY, 2001, p. 235. TN).

62 “é a soma total da maneira de viver e conceber a própria vida, que tem um grupo social” (GIOVANNINI, 1996, p. 23. TN).

No campo da antropologia, cultura é considerada como a totalidade de características de um grupo social. Para Geertz (1978, p. 4), devemos assumir cultura “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Então, a cultura pode ser entendida como sendo a forma como o homem significa o seu mundo a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história.

Nas considerações de Giddens (2012, p. 58), a “cultura consiste em valores que os membros de determinado grupo tem, as normas que seguem, e os bens materiais que criam”. A cultura, portanto, expressa também pela língua de um povo, possui em si ideologias, atitudes e valores dos grupos pertencentes a essa sociedade:

Portanto, entendo o conceito de cultura como sendo o conjunto de práticas que expressam a história de uma sociedade e que a diferenciam de outras sociedades, ou seja, é a expressão da conduta e dos costumes de um povo, sendo essa embasada e fomentada pela comunhão das ações, crenças, atitudes e valores que determinados povos possuem entre si. Por isso, essas ações são construídas nas relações sociais e simbolizam aspectos da vida em coletividade, posto que a cultura é “una entidad dinámica: varían los hábitos, las costumbres, las ideas, las pautas de comportamiento, los valores, las normas, las creencias compartidas”<sup>63</sup> (REYES DIAS, 2009, p. 133). Desse modo, os valores passam a ser um ponto determinante para o fomento do comportamento humano. De acordo com Reyes Días (2009, p. 134),

por ello, hay ideologías políticas cuyos valores fundamentales promueven formas de identidad y estilos de vida. Pero los valores son creaciones sociales y, como tales, susceptibles de cambio y acomodación a las circunstancias y situaciones nuevas<sup>64</sup>.

---

63 “uma entidade dinâmica: variam os hábitos, costumes, ideias, padrões de comportamento, valores, normas e crenças compartilhadas” (REYES DIAS, 2009, p. 133. TN).

64 “por este motivo, há ideologias políticas cujos valores fundamentais promovem formas de identidade e estilos de vida. Mas os valores são criações sociais e, como tais, suscetíveis à mudança e acomodação para novas situações e circunstâncias” (REYES DIAS, 2009, p. 134-135. TN).

Seguindo esse pensamento, esses valores justificam que uma ação seja aceita por alguns e reprovada por outros. Reyes Días, pondera que

los valores son factores fundamentales en la creación de las ideologías. Igualmente, son los que legitiman y justifican las actitudes colectivas y los que explican y determinan las opiniones generales, influyen en la comunicación y sus variaciones, en la conversación y **en los textos y pueden estar en la raíz de muchos conflictos sociales y culturales**<sup>65</sup> (2009, p. 135. Grifo nosso).

Portanto, o léxico reflète essa complexidade da cultura (SAPIR, 1969) e, assim, a língua auxilia a divulgação da cultura para tornar possível a comunicação entre os interlocutores, pois “la alegría, la tristeza, el dolor y el miedo del hombre, su manera de considerar el mundo y su actitud hacia él, todo esto se refleja en la palabra”<sup>66</sup> (COSERIU, 1987, p. 100).

Caro leitor, chamo sua atenção para que saiba que, ademais, a língua apresenta-se como o espaço onde temos a maior expressividade da diversidade de experiências humanas e, portanto, torna-se tarefa difícil tentar mapear e interpretar todos os possíveis usos particulares que a língua nos apresenta no cotidiano social. Entretanto, é mister investigar e conhecer mais profundamente quais fatores auxiliam, ou não, o processo de comunicação entre as pessoas.

Certo é que não entenderemos a história de um povo somente pelo estudo da língua desse povo, pois, dessa forma, estaríamos reduzindo a língua a um estudo ideológico, e sabemos também que não podemos afirmar que todas as expressões linguísticas são representações das alterações sociais porque a língua tem sua autonomia, é

---

65 “os valores são fatores fundamentais na criação das ideologias. Igualmente, são os que legitimam e justificam as atitudes coletivas e que explicam e determinam o comentário geral, influenciam na comunicação e suas variações, na conversação **e nos textos e podem estar na origem de muitos conflitos sociais e culturais**” (REYES, DIAS, 2009, p. 135. TN – grifo nosso).

66 “a alegria, tristeza, dor e o medo do homem, sua maneira de considerar o mundo e sua atitude para com ele, tudo isso se reflète na palavra, no ato de criação linguística” (COSERIU, 1987, p. 100. TN).



formada por uma estrutura formal além de ser ela mais conservadora que a evolução cultural. Segundo Sapir (1969, p. 60),

os elementos culturais, que servem de maneira mais definida às necessidades imediatas da sociedade e entram mais claramente no campo da consciência, não só não mudam mais rapidamente do que os elementos lingüísticos, mas a própria forma da cultura, que dá a cada elemento a sua significação relativa, há de ficar num processo contínuo de remodelação. Os elementos lingüísticos, por outro lado, embora em si mesmos possam ter, e tenham, rápidas mudanças, não se prestam facilmente a reformulações, devido ao caráter subconsciente da classificação gramatical.

Contudo, estudar a língua separada das formações sociais, centra as discussões num formalismo exagerado que marginaliza os significados discursivos (FIORIN, 2012). Por todas essas razões, não devemos nos furtar de investigar como elementos da língua expressam e carregam em si visões de mundo, crenças, marcas da cultura e, portanto, como esta se relaciona com o léxico dos que a utilizam.

Lima (2006, p. 98) assevera que

uma voz nunca é isolada, nunca é dissociada de outras vozes, ressalta; sua existência só é possível como resultado das interações com outras vozes; ela sempre produz um enunciado tendo como alvo certa direção, certo endereçamento, outra(s) voz(es), por assim dizer (...) **Pois os processos de interanimação dialógica** que se dão no cotidiano da existência de qualquer ser falante não são destituídos de tensões, embates, negociações em torno de interesses, crenças, valores, visões de mundo, em suma, **não são destituídos de lutas de poder** (grifo nosso).

Portanto, analisar como os fatos culturais, bem como os históricos, auxiliaram na atribuição de novos sentidos a estruturas já existentes na língua

permitirá uma compreensão mais aprofundada das razões que levam uma comunidade de falantes a atribuir determinados sentidos a uma UL em cada época, demonstrando quais são os elementos culturais mais relevantes nesse processo de escolha (FERRAREZI, 2013, p. 85).

Assim, à relação entre a língua e cultura, podemos acrescentar mais um componente, a história, tema que abordo sucintamente no subcapítulo seguinte.

## 2.2 Léxico e História da língua espanhola peninsular

As diferentes conotações assumidas pelas ULs em determinados momentos históricos geraram variação no léxico e essas podem dificultar o entendimento do significado realizado em outras épocas. Segundo Álvarez (2007, p. 15), estas diferenças de significado com as quais o leitor pode se deparar

son numerosas y pueden llegar a impedir la comprensión del texto. El conocimiento de la historia del español permite comprender mejor el funcionamiento de la lengua como sistema, porque demuestra su coherencia interna y presenta la variación y los cambios como manifestaciones de tendencias evolutivas generales y reestructuraciones funcionales del sistema<sup>67</sup>.

Façamos, juntos, um retrospecto histórico. Sánchez Pérez, (1992), Aguilar, (2002) e Penny (2012) afirmam que, com a conquista da Península Ibérica, no ano de 218 (a. C.), os romanos apresentaram a seus conquistados uma nova ordem social, política, administrativa, militar e jurídica, bem como novos costumes, desenvolvimento cul-

---

67 “são numerosas e podem dificultar a compreensão do texto. O conhecimento da história do espanhol permite melhor compreender o funcionamento da língua como um sistema, porque demonstra a sua coerência interna e apresenta a variação e mudanças como manifestações de tendências evolutivas gerais e reestruturações funcionais do sistema” (ÁLVAREZ, 2007, p. 15. TN).

tural e artístico. Com o aumento das conquistas territoriais de Roma, a língua do império absorveu características da língua de cada região dominada, e assim, o latim foi evoluindo com as novas e diferentes línguas presentes nesses territórios, traçando sua própria história de formação linguística (LOPEZ, 2003). Nas considerações de Mouton (2002, p.13),

el latín vulgar, el que hablaban los no cultos con rasgos diferentes según las zonas, fue evolucionando y se fue diversificando sin control alguno. Así empezaron a apuntar distintas hablas. (...) exceptuando el vasco, que constituye el único resto vivo de las lenguas anteriores a la romanización<sup>68</sup>.

Desse modo, o latim falado pelos colonos na península ibérica passou por uma grande evolução e apresentou particularidades segundo a área geográfica para a qual se expandiu, evoluindo de maneira diferente até chegar a transformar-se em língua, pela aceitação da comunidade, por determinado dialeto político e economicamente mais atuante. Isso ocorreu, pois a norma<sup>69</sup> utilizada como “cultura” foi escolhida por ser um dialeto em uso por uma classe mais privilegiada social e economicamente, e dessa forma os outros dialetos, menos privilegiados, foram relegados a segundo plano pela sociedade que faz uso da variante mais privilegiada socialmente (GNERRE, 1991).

Segundo Velarde (2008, p. 123), tratando mais especificamente da LE,

el castellano es, pues, el resultado de un desarrollo lento del latín hablado por los hispanos que ocupaban los altos vales del Ebro y del Pisuerga, parte sur de Cantabria, zona

---

68 “o latim vulgar, o que falavam os não cultos com características diferentes de acordo com as regiões, evoluiu e foi se diversificando sem qualquer controle. Assim, começaram a aparecer diferentes falas. (...) com exceção do Vasco, que constitui o único resto vivo das línguas anteriores a romanização” (MOUTON, 2002, p. 13. TN).

69 Norma é aqui entendida como “correspondente aos usos e atitudes de determinado segmento da sociedade, precisamente aquele que desfruta de prestígio dentro da nação, em virtude de razões políticas, econômicas e culturais” (CASTILHO, 1988, p. 53).

que se llamaría Castella, y cuyos habitantes mantenían intensas relaciones con las gentes vascónicas (...) El desarrollo y difusión de ese primitivo dialecto latino, agreste y aberrante, que fue el castellano ocurre paralelo a la expansión militar, política y cultural de la comunidad que lo hablaba<sup>70</sup>.

De acordo com Lopez (2003, p. 70), há três componentes para a formação do vocabulário espanhol, a saber: "(a) las voces *precedentes del latín* (populares, semicultas y cultas); (b) las aportaciones de *otras lenguas* (helenismos, germanismos, mozarabismo, galicismos, occitanismos...), y (c) *los mecanismos propios* de formación de palabras desarrollados ya en el romance (afijación, derivación y composición)"<sup>71</sup>.

Por isso, o léxico espanhol peninsular não é unicamente formado pela evolução do latim. Após os romanos, visigodos, germanos, no ano de 711 os muçulmanos, povos procedentes do norte da África e Arábia, também conquistaram territórios na Espanha e o fizeram com muita rapidez, fato que impôs uma mudança radical na organização territorial, política, religiosa, econômica, ou seja, em toda a sociedade existente naquela época.

A sociedade árabe era, em muitos aspectos, superior à europeia, especialmente no que tange ao desenvolvimento científico e cultural. Segundo Álvarez (2007, p. 193), "los ocho siglos de permanencia musulmana en la Península no pueden interpretarse, pues como un paréntesis en el devenir histórico de una Hispania cristiana, sino como un período fundamental sin el cual la España posterior no hubiera sido la misma"<sup>72</sup>.

---

70 "o castelhano, portanto, é o resultado de um desenvolvimento lento do latim falado pelos hispânicos que ocuparam altos vales do Ebro e o Pisuerga, parte sul de Cantabria, área que é chamada de Castella, e cujos habitantes mantiveram fortes relações com os vasconicas (...). O desenvolvimento e a divulgação desse primitivo dialeto latino, agreste e forte, que foi o castelhano ocorre paralelamente à expansão militar, política e cultural da comunidade que o falava" (VELARDE, 2008, p. 123. TN).

71 "(a) as vozes *precedentes do latim* (populares, semicultas e cultas); (b) as incorporações de *outras línguas* (helenismos, germanismos, mozarabismo, galicismos, occitanismos...), e (c) os *mecanismos próprios* da formação de palavras desenvolvidas já nas línguas romances (afixos, derivação e composição)" (LOPEZ, 2003, p. 70. TN).

72 "os oito séculos de permanência muçulmana na Península não podem ser interpretados como um simples parêntese na história de uma "Hispania cristiana", mas deve ser visto como

Nas considerações de Velarde (2008, p. 46),

del contacto de lenguas y culturas ocurrido con la conquista musulmana de la Península (año 711), y los varios siglos posteriores de coexistencia de árabes y cristianos en el solar peninsular, proceden las más de 4 mil palabras de ascendencia árabe que integran el vocabulario español<sup>73</sup>.

Portanto, após 800 anos de ocupação territorial, o árabe foi uma das línguas que mais influência deixou na LE atual e suas contribuições, sobretudo no léxico, foram inúmeras, tais como nos campos semânticos: da alimentação (aceituna, albahaca, alberca); da guerra (zaga, alférez); da construção (aduana, almacén, etc) (ÁLVAREZ, 2007). E assim, as diferentes variedades linguísticas da língua árabe conviveram com as variedades peninsulares advindas do latim.

Entretanto, a partir da reconquista, por parte dos reis católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, no século XV, dos últimos territórios que estavam sob o domínio árabe, na região da Andaluzia, estabeleceu-se, em 1492, a supremacia definitiva da cultura espanhola sobre a árabe. Os muçulmanos, que permaneceram na região então reconquistada, mantiveram inicialmente o uso de suas línguas, e aos poucos foram utilizando-se do castelhano, surgindo a situação de bilinguismo e diglossia<sup>74</sup> entre língua castelhana e as variedades árabes.

Segundo expõe Penny (2012, p. 334),

en los primeros siglos de la Reconquista (siglos VIII-X), el bilinguismo entre el árabe y el castellano debió limitarse a pequeños grupos de individuos; ahora bien, en el perío-

---

um período fundamental sem o qual a Espanha posterior poderia não ter sido a mesma" (ÁLVAREZ, 2007, p. 193. TN).

73 "do contato de línguas e culturas ocorrido com a conquista muçulmana da Península (ano 711), e os vários séculos posteriores de coexistência entre árabes e cristãos no sólo peninsular, procedem mais de 4 mil palavras de origem árabe que integram o vocabulário espanhol (VELARDE, 2008, p. 46. TN).

74 Segundo Ferguson, *diglossia* pode ser entendida como uma "situação lingüística relativamente estável na qual além dos dialetos principais da língua (...) há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada" (1974, p. 111. TN).

do siguiente (fines del siglo XI–XIV), Castilla se expande por territorios donde un elevado número de hablantes de árabe continúa utilizando su lengua al tiempo que aprenden el castellano<sup>75</sup>.

Essa situação quase desaparece quando houve, no século XVII, a retirada total dos árabes dos territórios espanhóis (ALVAREZ, 2007).

Com o reinado dos reis católicos, houve a transição da Idade Média para a Moderna na Espanha, pois a política empregada por eles buscava criar uma unidade territorial, administrativa, religiosa e, sobretudo, linguística, fato que ocorre na maioria das situações de conquistas territoriais. A união dos reis católicos deu início a tomada, por parte da Espanha, de territórios tanto espanhóis quanto americanos, pois financiaram explorações marítimas a terras então desconhecidas, como a viagem de Cristóvão Colombo que tornou a América, em 1492, conhecida à Europa.

O ensino do espanhol como língua estrangeira iniciou-se nessa época, “coincidentemente” com a publicação da primeira Gramática de LE de Antonio de Nebrija. A elaboração dessa gramática foi idealizada pelos reis católicos que também pela imposição da língua castelhana, buscavam expandir a cultura de seu país. Segundo Lapesa (1980, p. 288) “en agosto de 1492, meses después de la rendición de Granada y estando en viaje las naves de Colón, salía de la imprenta la Gramática castellana de Antonio de Nebrija”<sup>76</sup>.

Nesse momento, o império espanhol saiu de suas fronteiras, e a Espanha se transformou em uma potência hegemônica e importante parceira comercial na Europa da época.

Após a união territorial e política das regiões de Castela e Aragão, com o casamento real, e com a reconquista de Granada

---

75 “nos primeiros séculos da Reconquista (séculos VIII – X), o bilinguismo entre o árabe e o castelhana era limitado a pequenos grupos de indivíduos; mas no período seguinte (final do século XI – XIV), Castela se expande para territórios onde um elevado número de falantes do árabe continuou a usar sua língua ao mesmo tempo em que aprendem o castelhana” (PENNY, 2012, p. 334. TN).

76 “em agosto de 1492, meses depois da rendição de Granada e estando em viagem as naves de Colombo, se imprimia a *Gramática Castellana* de Antonio de Nebrija” (LAPESA, 1980, p. 288. TN).

(1492), de Navarra e a colonização americana, o castelhano passou a ser utilizado como língua culta em várias regiões, sendo considerado como língua de comunicação entre os espanhóis (MOUTON, 2002). Foi nesse período que se deu início ao uso da UL *Espanhol* como sinônimo de *Castelhano* (SECO, 1999).

Entretanto, vale ressaltar que séculos antes dos reis católicos, a língua castelhana tinha seu uso e difusão promovidos também pelo Rei Alfonso X, el sábio, (de 1252 a 1284), pois este Rei promoveu com intensidade a normatização da variante de Castela e seu uso nos âmbitos da administração e da cultura da sociedade daquela época.

De acordo com Lopez (2003, p. 41),

la etapa que inaugura su reinado (1252-1284) es de una extraordinaria importancia para la historia de la lengua y la cultura españolas, (...) Alfonso X es el primero en darle forma a la "prosa castellana", haciéndola y sentando las bases del modelo lingüístico medieval. (...) Alfonso X pronto mostró un gran celo por establecer un modelo idiomático común (se habla de su predominación por la corrección constante de sus escritos) y para ello acuñó el concepto de castellano derecho 'castellano derecho', 'correcto'. Este modelo idiomático convertía a Toledo en centro cultural y lingüístico de la España medieval, de tal manera que era la referencia para el uso del buen hablar. Surge desde el siglo XIII el primer concepto de norma lingüística amparada por una ciudad/región, una literatura que empezaba a alcanzar cotas importantes, así como por una clase social<sup>77</sup>.

---

77 "a etapa que inaugurou seu reinado (1252-1284) é de uma extraordinária importância para a história da LE e cultura, (...) Alfonso X é o primeiro em dar forma a prosa castelhana, fazendo e tornando a lançar as bases do modelo linguístico medieval. (...) Alfonso X logo mostrou um grande zelo para o estabelecimento de um modelo idiomático comum (se fala da sua preferência pela correção constante de seus escritos) e então cunhou o conceito de 'castelhano direito', 'correto'. Este modelo idiomático convertia Toledo em centro cultural e linguístico da Espanha medieval, de tal maneira que era a referência para o uso do falar bom. Surge a partir do século XIII o primeiro conceito de norma linguística amparado por uma cidade/região, uma literatura que começava a alcançar importantes níveis, assim como por uma classe social" (LOPEZ, 2003, p. 41. TN).

Dessa maneira, também com a ajuda de escritores não somente castelhanos, a literatura ajudou definitivamente a fomentar o uso da variante de Castela em todo o país e assim, as outras cidades, a partir desse fomento também cultural, foram se transformando em centros de difusão dessa variante, pois as classes altas de toda Espanha adotaram a língua castelhana como língua de prestígio, por ser esta a utilizada na Corte.

Já nos séculos XVI e XVII, o léxico espanhol peninsular recebeu a influência de empréstimos de outras línguas, advindos de suas circunstâncias históricas, ou seja: da língua francesa, de outros latinismos, de línguas indígenas da América. Dessa forma, no aspecto fonético-gramatical, a variante castelhana se caracterizou por ser uma língua que apresentou uma grande capacidade de inovação.

Com a necessidade de estabelecer relações políticas e econômicas, por parte das demais regiões espanholas com Castela, tornou-se necessário elaborar uma teoria linguística que apresentasse as bases para a formação de obras gramaticais. Por isso, no século XVIII, para fomentar a utilização de “uma só língua”, criou-se a Real Academia com o intuito de preservar a nova língua da Espanha e fomentar seu uso em todo território espanhol, tanto peninsular quanto americano.

### 2.2.1 Línguas Espanholas na Espanha

*El español, como cualquier otra lengua, no es uniforme, más bien es la diferenciación lo que aparece de inmediato*<sup>78</sup> (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 435).

É comum, em determinadas épocas e situações, por meio de uma atitude homogeneizadora, tentar estabelecer que determinada cultura de um país represente todos os habitantes desse país. Entretanto, essa é uma proposição equivocada, pois “la idea de una lengua igual a una

---

78 “O espanhol, como qualquer outra língua, não é uniforme, pelo contrário, é a diferenciação que aparece de imediato” (ALONSO-CORTÉS, 2002, p. 435. TN).



nación no siempre se ajusta a la realidad, porque las lenguas no suelen ser respetuosas con las fronteras”<sup>79</sup> (MOUTON, 2002, p. 09). Por isso, ao usarmos a denominação “língua espanhola” para nos referir a língua da Espanha, devemos dispensar maior atenção a essa denominação, haja vista que esse país, apesar de não possuir uma grande extensão, apresenta diversas línguas, e dialetos, expressando diferentes culturas.

Castelhano ou espanhol são duas denominações para a mesma língua. Contudo, ao utilizar essas ULs podemos incorrer em “erro” quando tratamos mais especificamente de designar culturas dentro do território espanhol. De acordo com Velarde (2008, p. 128)

el nombre de lengua española adquiere, a partir del siglo XV, su justificación y se sobrepone al de lengua castellana. En esta preferencia influyen varios factores: por una parte, fuera de España la denominación adecuada para designar el idioma del nuevo Estado era lengua española; y dentro de España aragoneses y andaluces no se encuadraban dentro del adjetivo castellano y sí de español<sup>80</sup>.

As diferentes línguas espanholas possuem seu prestígio e expressam características, bastante marcadas, de cada região onde são realizadas. Mas nem sempre foi possível ao povo expressar-se em suas línguas regionais.

Durante a ditadura franquista, foi negado às regiões da Catalunha, Galícia e País Vasco, a utilização de suas línguas, pois o ditador buscava homogeneizar a cultura espanhola e unificar linguisticamente o território espanhol, obrigando a população a utilizar-se apenas da língua castelhana.

---

79 “a ideia de uma língua igual a uma nação nem sempre está de acordo com a realidade, porque idiomas não são geralmente respeitosas com as fronteiras” (MOUTON, 2002, p. 09. TN).

80 “por conseguinte, o nome da LE adquire, a partir do século XV, sua justificação e sobrepõe-se a língua castelhana. Vários fatores influenciam esta preferência: por um lado, fora de Espanha, o nome apropriado para designar a língua do novo Estado era LE; e dentro de Espanha, aragoneses e andaluces não se enquadravam dentro do adjetivo castelhano e sim de espanhol” (VELARDE, 2008, p. 128. TN).

Para que não nos esqueçamos da riqueza cultural advinda dessa diversidade linguística, exponho aqui, ainda que de maneira breve, as diferentes línguas que coexistem, e são oficiais, no território espanhol.

I – Galego:

O galego é uma das quatro línguas oficiais da Espanha e é derivada do latim, falada no noroeste peninsular. Suas origens remontam à antiga comunidade linguística galaico-portuguesa. De acordo com Mouton, foi entre os séculos VIII e XI quando houve a divisão dialetal que deu lugar ao catalão e ao galego, pois “lejos de la influencia de Castilla y con más tradición cortesana, el catalán y el gallego se crecieron, produjeron literatura y alcanzaron la nivelación relativa que en la Edad Media podía conseguir una lengua”<sup>81</sup> (MOUTON, 2002, p. 14). A língua Galega se relaciona com a Língua Portuguesa, pois

comparten la etapa medieval de formación a partir del latín, y fueron las circunstancias históricas las que los separaron hasta llegar a constituir dos lenguas diferentes, si bien muy cercanas: el portugués recibió el cultivo que correspondía al medio de comunicación de un Estado, mientras que el gallego sufrió hasta el siglo XIX el proceso contrario (MOUTON, 2002, p. 47)<sup>82</sup>.

Essa língua teve um passado de esplendor na Idade Média, especialmente com o cultivo da lírica e prosa e é atualmente utilizada não somente em ambientes que antes estavam restritos ao castelhano, mas também hoje é língua habitual de quem jamais o havia utilizado como veículo de comunicação frequente, pois é empregada na administração pública, junto com o castelhano, nas leis, decretos, anúncios, regulamentos, formulários, etc. e é ensinada, junto ao castelhano, nas escolas, institutos e universidades da região da Galícia.

---

81 “longe da influência de Castela e com mais influência cortesã, o catalão e o galego cresceram, produziram literatura e alcançaram o nível que na Idade Média podia conseguir uma língua” (MOUTON, 2002, p. 14. TN).

82 “compartilham a fase medieval da formação do latim, e foram as circunstâncias históricas as que os separam até formar duas línguas diferentes, se bem muito íntimos: o português recebeu o cultivo que correspondia aos meios de comunicação de um Estado, enquanto que o galego sofreu até o século XIX o processo contrário” (MOUTON, 2002, p. 47. TN).

## II – Euskera:

Outra língua oficial do território espanhol é o Euskera, também denominada Vasca. Trata-se da única das línguas espanholas que tem origem pré-romana, ou seja, anterior ao latim. Nas palavras de Mouton, podemos considerar “el Vasco como una lengua reliquia, sumamente interesante”<sup>83</sup> (2002, p. 51). É encontrada no norte da Espanha, junto ao mar Cantábrico, no território que abrange parte do País Vasco, Vizcaya, Guipúzcoa, Navarra e também nos Pirineus, na parte francesa.

A língua Euskera obteve dificuldade de transmissão, pois era basicamente oral, sem documentos escritos até a época moderna, usada muitas vezes apenas em âmbitos rurais. Seu pouco conhecimento por outras comunidades e sua menor força de fomento social se deve também, entre vários motivos, pela pressão política exercida durante muitos anos, pelo governo de Franco, na tentativa de opressão de seu uso. Atualmente, o Euskera é usado nos meios de comunicação, nos centros de ensino, nos pronunciamentos do governo daquela região, nas leis etc.

Lopez (2002, p. 47) considera que “el uso de euskera en la Universidad y en la divulgación científico-técnica ha consolidado, en buena medida, los recelos iniciales hacia esta modalidad unificada”<sup>84</sup>. A influência dos meios de comunicação, dos ambientes culturais, editoriais, são fatores que também auxiliam o fomento, a manutenção e divulgação dessa língua.

## III – Catalão:

O Catalão, quarta língua oficial, é considerado, depois da variante castelhana, a língua de maior difusão e número de falantes dentro da Espanha, pois “tiene una personalidad propia” (MOUTON, 2002, p. 11). A língua catalã se originou do contato com o sul da Fran-

---

83 “o Vasco como uma língua relíquia, extremamente interessante” (MOUTON, 2002, p. 51. TN).

84 “o uso de Euskera na Universidade e na divulgação técnico-científico consolidou, em boa parte, os receios iniciais com relação a esta modalidade unificada” (LOPEZ, 2002, p. 47. TN).

ça. Do século XVIII ao XIX o território catalão sofreu um processo de imposição da aprendizagem da variante de Castela, ou seja, do castelhano e, naquele momento, o catalão foi relegado a segundo plano. Nas palavras de Mouton (2002, p. 43),

el hecho de que el catalán se hable desde el siglo XV en un Estado con otra lengua oficial supuso históricamente una situación de bilingüismo que, en algunos casos, determinó un proceso de sustitución lingüística o un reparo social de papeles en que el catalán quedaba para ámbitos familiares, locales o, como más, literarios, mientras que el español/castellano asumía los demás usos. La realidad es que la catalana es en gran parte una comunidad bilingüe<sup>85</sup>.

No século XIX, alguns movimentos nacionalistas da região catalã, incentivaram o apreço pelo cultivo dessa língua e, em 1913, Pompeu Fabra elaborou as normas ortográficas desta variante latina. Nessa época, a língua catalã se torna oficial na região da Catalunha.

Mas, assim como aconteceu com as outras línguas, depois da Guerra Civil, a língua catalã foi impedida de ser utilizada, e somente após a criação da Constituição de 1978 esse panorama mudou. Nas considerações de Lopez (2002, p. 55),

la lengua catalana, como vínculo histórico, como manifestación de cultura y tradiciones de todo un pueblo y de toda una comunidad lingüística mucho más amplia que los límites estrictamente administrativos de Cataluña, ha vuelto a retomar su andadura como lengua plena, independiente, en contacto con el español<sup>86</sup>.

---

85 "o fato de que o Catalão se fale desde o século XV em um Estado com outra língua oficial era historicamente uma situação de bilinguismo que, em alguns casos, determinou um processo de substituição linguística ou um reparo social de papéis em que o Catalão ficava para âmbitos familiares, locais ou, como muito, literários, enquanto o espanhol/castelhano assumiu os demais usos. A realidade é que a Catalunha é em grande parte uma comunidade bilíngue" (MOUTON, 2002, p. 43. TN).

86 "a língua catalã, como vínculo histórico, como manifestação da cultura e tradições de todo um povo e de toda uma comunidade linguística muito mais ampla que os limites estritamente administrativos da Catalunha, voltou para retomar seu caminho como língua plena, independente, em contato com o espanhol" (LOPEZ, 2002, p. 55. TN).

Embora ainda hoje a grande maioria dos espanhóis (em torno de 89%) fale, leia e escreva, preponderantemente, na língua castelhana (SEDYCIAS, 2005), todas as comunidades autônomas possuem leis e normas em defesa de suas línguas, que lhes garantem seu conhecimento e expansão, tanto nos atos públicos como nos espaços privados, nos jurídicos, nos meios de comunicação sociais, no ensino, em todas as manifestações culturais.

### ***2.2.2 Panorama Linguístico da Espanha atual***

A partir das considerações anteriores sobre a formação do espanhol peninsular, vimos que a Espanha é e sempre foi um país multilíngue, pois a língua castelhana, desde o início, conviveu com outras variantes latinas, e não latinas, que apresentavam diferentes graus de desenvolvimento e aceitação social. As razões histórico-sociais modelaram o panorama atual de uso das línguas e variantes naquele país, configurando uma situação de bilinguismo<sup>87</sup> em algumas regiões.

Todas essas línguas, a Vasca, a Galega, a Catalã e o Castelhana, conviviam bem com suas diferenças até que a ideia de uma língua homogênea para o país foi imposta à Espanha e assim a diglossia aparece como o resultado desse processo. A partir desse marco negativo, essas línguas não puderam mais ser utilizadas, pois com o advento da ditadura (1940-1975), as diferentes línguas presentes no território espanhol foram rechaçadas e sua utilização era reconhecida pelo governo espanhol, como ato de subversão, aceitando-se apenas a língua castelhana como a correta e representativa do país.

Com a morte do ditador, em 1975, e a aprovação da Constituição de 1978, o panorama linguístico espanhol mudou radicalmente e se reconheceu o caráter multilíngue do país. Do fomento do monolinguismo e da disseminação da ideia de unidade cultural, passou-se a 17

---

87 Entendo por bilinguismo “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas” (HEYE, 2003, p.34).

comunidades autônomas com uma língua nacional para todo o território e o reconhecimento da existência, e respeito, a mais 3 línguas nas comunidades bilíngues, ou seja, além do castelhano como língua oficial do país, existem mais três línguas já citadas, cooficiais, em suas regiões. E, portanto, a partir da Constituição de 1978, cada língua pode “legislar, promover y sancionar leyes que regulen el uso, aprendizaje, normalización y protección de las lenguas autóctonas”<sup>88</sup> (LOPEZ, 2002, p. 42).

Conforme expõe Lara (2011, p. 339)

la lengua española, cuya identidad no está en duda, es lengua materna de cerca de 400 millones de personas y lengua nacional en 22 países. La variedad de usos que se han producido entre ellos constituye su mayor riqueza y nunca ha puesto en riesgo su unidad, pero no como efecto de la acción académica, sino del viejo valor social de la comunicación<sup>89</sup>.

Atualmente, podemos dizer que, no mundo de fala hispânica, há um movimento que busca a maior convergência no uso da língua. A partir da facilidade de comunicação com outros povos, seja por viagens, seja pela globalização, pelo uso ilimitado da internet, os falantes de diferentes variedades da LE têm a possibilidade de entrar em contato direto com as diferenças linguísticas que apresenta a língua de Cervantes, não negando, assim, a variação nela existente e sua grandiosa beleza, pois “a pesar de usarse en tierras y ámbitos socioculturales tan diversos, presenta una gran vitalidad y cohesión, como lo revelan su fundamental unidad – debida a la robusta tradición literaria- y su creciente difusión”<sup>90</sup> (VELARDE, 2008, p. 121).

---

88 “legislar, promover e sancionar leis que regem o uso, aprendizagem, a normatização e a proteção das línguas autóctones” (LOPEZ, 2002, p. 42. TN).

89 “a LE, cuja identidade não está em dúvida, é a língua materna de quase 400 milhões de pessoas e a língua nacional em 22 países. A variedade de usos que é produzida entre eles constituem sua maior riqueza e nunca se colocou em risco sua unidade, mas não como efeito da ação acadêmica, mas sim do velho valor social de comunicação” (LARA, 2011, p. 339. TN).

90 “apesar do uso em terras e diversos socioculturais, apresenta uma grande vitalidade e coesão, como sua unidade fundamental – devido a forte tradição literária – e sua crescente difusão” (VELARDE, 2008, p. 121. TN).

## Capítulo III

# LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA: PARA UM REVELAR DA HISTÓRIA POR MEIO DA PALAVRA

*Las palabras no son inocentes,  
sino que son [pueden ser] instrumentos de manipulación<sup>91</sup>  
(LAGUNILLA, 1999, p. 11).*

O sistema léxico de um idioma apresenta-se de forma mais aberto a mudanças se comparado a outros sistemas da língua como o fonológico, morfológico ou sintático. Por isso, ele está em constante transformação.

Nesta seção, apresento alguns princípios da Lexicologia (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982; BIDERMAN, 1996; OLANO, 2004), da Semântica (SCHAFF, 1968; GUIRAUD, 1994; TAMBA, 2006; FERNANDES, 2007) e da Semântica Lexical (LOPES e PIETROFORTE, 2004; HENRIQUES, 2010, 2011; ESCANDELL VIDAL, 2012; WACHOWICZ, 2013), para a análise das unidades léxicas selecionadas. Teço, ademais, breves considerações a respeito de Neologismo (ALVES, 2004), Neologismo Semântico (ALVES, 2004) e Campos léxico-semânticos (ABBADE, 2011), (BIDERDEMAN, 1981) para apresentar a você, caro leitor, as bases teóricas que dão suporte para essa discussão.

---

91 “As palavras não são inocentes, pois são [podem ser] instrumentos de manipulação” (LAGUNILLA, 1999, p. 11. TN. Adendo nosso).

### 3.1 Lexicologia

*El cambio léxico está más directamente ligado a la historia del mundo y de la sociedad (OLANO, 2004, p. 60)<sup>92</sup>.*

Conforme defendo durante todo o exposto nesta pesquisa, observo que o vocabulário de um povo pode ser entendido como o reflexo da história e da cultura, o produto de acontecimentos de épocas anteriores que auxiliaram na formação das sociedades. Assim, por meio do estudo de uma língua natural, podemos também verificar os reflexos das mudanças das esferas econômica, cultural, política e social de uma comunidade.

Biderman (1998, p. 32) nos diz que

o léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. (...). Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. (...) Por outro lado, e inversamente, esse processo está indissolúvelmente associado à cultura com que se conjuga uma língua natural.

Por sua vez, Trujillo (1988, p. 24) afirma que “forma el léxico un repertorio de valores e identidades ‘singulares’ a disposición de los hablantes, que eligen los distintos significados mínimos, para dar forma a sus pensamientos o a sus deseos”<sup>93</sup>.

---

92 “A mudança léxica está mais diretamente ligada à história do mundo e da sociedade” (OLANO, 2004, p. 60. TN).

93 “forma o léxico um repertório de valores e identidades ‘singulares’ à disposição dos falantes, que escolhem os diferentes significados, para dar forma a seus pensamentos ou a seus desejos” (TRUJILLO, 1988, p. 24. TN).



Isquierdo (2001, p. 178) considera que

o léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem. **O conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua**, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por **testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história**, fornece marcas da identidade desse grupo. (Grifo nosso).

Assim, pelo fato de ser a língua viva e expressar as mudanças ocorridas nas sociedades, surgem, a todo o momento, unidades novas ou significados novos atribuídos a ULs já existentes no acervo lexical das línguas.

A Lexicologia, juntamente com a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, constituem um conjunto de Ciências as quais nem sempre tiveram espaço entre os pesquisadores, haja vista que é recente o interesse por seu estudo.

Anteriormente, os estudos lexicais eram relegados a segundo plano, pois pensava-se em utilizar as ULs apenas para organizá-las em listas e apresentar suas definições, havendo maior valorização a pesquisas pautadas em questões sintáticas, fonéticas e morfológicas.

Segundo Olano (2004), foi a partir da Gramática de Port-Royal, nos séculos XVII e XVIII, propondo o estudo de lexias dentro do discurso e não mais isoladamente, que se deu a origem epistemológica da Lexicologia. Ainda de acordo com a autora, no século XX houve um crescimento pelo interesse do estudo da Lexicologia como Ciência do Léxico e nesta mesma época houve seu fortalecimento como vertente científica de estudo. Sendo assim, “nos finais do século XIX, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais” (ABBADE, 2011, p. 1333) e, dessa forma, a área da Lexicologia ganha maior abrangência e relevância.

A Lexicologia, segundo Fernández-Sevilla (1982, p. 18-19), é a “disciplina linguística que se ocupa del vocabulario global de una lengua como conjunto estructurado, de la medida y del volumen del mismo, de sus movimientos y tendencias generales, según las épocas”<sup>94</sup>. Para Biderman (1998, p. 14), a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a UL, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (1998, p. 14).

Botta (2011, p. 61) nos chama a atenção para o fato de que “um estudo lexicológico visa mostrar como se constitui e se valida o vocabulário, investigando-se além da linguagem em si, as práticas (de definições e de julgamentos) compartilhadas”. Esses posicionamentos convergem com os estudos de Rector e Yunes (1980, p. 78) que embasadas nas teorias de Matoré (1953), afirmam: “em cada estudo da língua encontram-se *palavras-testemunho* que recebem a nova noção conceitual que uma coletividade tem sobre determinado aspecto de sua sociedade num certo momento de sua história”.

A Lexicologia é, portanto, uma disciplina que tem por objetivo estudar o léxico, analisando a relação que cada unidade lexical expressa com o período histórico em que está inserido, a região a que pertence e, sobretudo, seu uso social, cultural e político em diferentes domínios da língua, tais como a etimologia, a neologia, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Com relação ao objeto de análise desta pesquisa, observo essa relação social, cultural, histórica e política expressa nos contextos, por exemplo, em que há ULs <sup>95</sup> como *rojo*, *paz*, *Movimiento*, *asociación*, *ley*, entre outras, que apresentam significados relacionados ao momento histórico em que foram utilizadas.

De acordo com Vilela (1994, p. 10), “a função da lexicologia é a de apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico”. Desse modo,

---

94 “disciplina linguística que se ocupa do vocabulário geral de uma língua como um conjunto estruturado, da medida e do volume do mesmo, de seus movimentos e tendências gerais, de acordo com os tempos” (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982, p. 18-19. TN).

95 Essas ULs serão descritas com maior detalhamento no capítulo 4 deste estudo.

cabe à Lexicologia dizer, cientificamente, em seus variados níveis, o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas (HENRIQUES, 2011, p. 13).

Biderman (1998, p. 14) estabelece uma relação entre Lexicologia e Semântica e entende que “a lexicologia faz fronteira com a semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da UL, a lexicologia tem que considerar também a dimensão significativa” das ULs. Sendo assim, a Lexicologia se aproxima da Semântica.

Coseriu (1978, p. 139) afirma que a “lexicologia es y debe ser semántica a la medida en que estudia y describe el lado semántico del léxico, o sea, los significados específicamente léxicos, lo cual constituye, a su vez, su tarea primordial”<sup>96</sup>. Krieger e Finatto (2004, p.45) expõem que “a Lexicologia relaciona-se com a Semântica. Por isso, diz-se que a Lexicologia se ocupa de aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua”.

Dessa forma, verificamos que a comunhão dessas duas áreas de estudos – Lexicologia e Semântica – foi essencial e necessária para o desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este livro.

Conceituando a importância da investigação do léxico em suas acepções históricas, além da Lexicologia, outra ciência que sustenta essas análises é, portanto, a semântica, mais especificamente a semântica lexical.

### **3.2 Semântica**

A partir da verificação das diferentes formas de emprego de lexias, é possível tratar do significado específico que uma UL pode adquirir em determinados contextos e das relações significativas

---

96 “lexicologia é e deve ser semântica, na medida em que estuda e descreve o lado semântico do léxico, ou seja, os significados especificamente léxicos, os quais constituem, por sua vez, sua tarefa primordial” (COSERIU, 1978, p. 139. TN).

entre os itens lexicais, pois ao relacionar os sentidos entre elas, estamos tratando sobre a estruturação semântica. Assim, seu estudo e descrição buscam delimitar o significado das unidades e orações e se refere a um estado da língua em um dado momento histórico, como a um estilo determinado, a um dialeto, a um socioleto, num tempo determinado.

Nas palavras de Fiorin (2004, p. 114) “a questão do significado constitui uma interrogação permanente dos estudos sobre a linguagem desde seus primórdios”. Portanto, na tentativa de desvelar os significados adquiridos pelas unidades lexicais utilizadas em diferentes contextos, nasce a semântica.

Segundo Schaff (1968, p. 109) “a semântica estuda as relações de palavras e proposições com seus referentes, e nesta base estabelece sua significação e verdade”. A teoria semântica trata da competência semântica do falante, pois se embasa no estudo da existência de um significado que o falante já conhece pelo simples fato de ser nativo de uma língua natural. Segundo Henriques (2011), o papel da Semântica é o de analisar os significados encontrados nas ULs e locuções. Esse autor acrescenta ainda que

a semântica se preocupa com mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais (...) tentando explicar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais (HENRIQUES, 2011, p. 1).

Tamba (2006, p. 21) entende que a semântica é “o estudo sincrônico das estruturas lexicais de uma língua (...) e podem desvelar as mudanças de ordem social, tributárias da evolução das instituições humanas (direito, moral)” e seu objeto de estudo centra-se nas transformações do sentido linguístico. Por conseguinte, sendo os significados elaborados segundo as informações culturais do falante e de sua comunidade, a semântica se relaciona aos fatos culturais

representados pela língua, ligando o discurso à história, à ideologia, buscando também analisar o papel de quem utiliza e como utiliza as unidades nos enunciados (ILARI, 2013).

Entendo então que a semântica busca estudar a evolução do significado das línguas e uma teoria semântica, portanto, deve, em relação a qualquer língua:

“(i) ser capaz de atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe (s) é (são) associado (s) nessa língua; (ii) caracterizar e explicar as relações sistemáticas entre palavras e entre sentenças de uma língua que o falante é capaz de fazer” (CANÇADO, 2012, p. 21-23).

Apesar de ter um objetivo estabelecido, a Semântica possui várias vertentes como: a Semântica argumentativa, a cognitiva, a computacional, a cultural, a da enunciação, a formal e a lexical (FERRAREZI; BASSO, 2013). Neste estudo centro essa discussão na última vertente citada, a Semântica lexical.

### **3.2.1 Semântica Lexical**

Nesta obra, observo que as mudanças de significado efetuadas nas lexias de LE aqui pesquisadas refletem diferentes maneiras de entender as sociedades e, por isso, os significados de algumas unidades não podem ser apenas advindos de informações gramaticais, mas também de conhecimentos extralinguísticos (OLANO, 2004).

Nas considerações de Olano (2004, p. 328)

el simple texto tampoco es suficiente en numerosas ocasiones para la desambiguación ya que la ambigüedad es un problema pragmático. Por tanto, para resolverla tendremos que recurrir al contexto (no sólo verbal) para conseguir una interpretación unívoca de los mensajes<sup>97</sup>.

---

97 “somente o texto não é suficiente em muitas ocasiões para a desambiguação já que a ambigüidade é um problema pragmático. Portanto, para resolvê-lo teremos que recorrer ao contexto (não só verbal) para conseguir uma interpretação unívoca de mensagens” (OLANO, 2004, p. 328. TN).

Também Ferrarezi (2013, p. 84) entende ser relevante a investigação sobre processos de variação de significado, pois, para este autor,

é preciso compreender mais profundamente como funciona esse processo de atribuição de sentidos e verificar de que forma esses conhecimentos podem nos ajudar a compreender mais profundamente as línguas que falamos e como elas interferem na nossa forma de ver o mundo e interagir com ele.

Por conseguinte, várias são as causas que motivam as mudanças de sentido, e uma delas, segundo Giraud (1994) são os fatores históricos, pois nelas transparecem as mudanças na área das “ciências, de las técnicas, las instituciones, las costumbres, que acarrea cambios de cosas sin cambios del nombre, y que no alcanzan, pues, sino indirectamente al sistema de la lengua”<sup>98</sup> (GIRAUD, 1994, p. 81).

Contudo, nem sempre novas unidades, ou acepções, são aceitas e disseminadas entre os falantes de toda uma comunidade de fala, pois, para que um novo significado seja aceito no léxico, é necessário que haja ampla difusão e utilização pelos falantes. Se há certa frequência de uso, significa que esses fatores anteriormente citados aconteceram e, assim, essas unidades lexicais passam a fazer parte do acervo lexical da língua, podendo ser inseridas nos dicionários.

Quando essa criação acontece, ocorre a aceitação de um novo significado, surgindo uma nova forma de designar a realidade. Também por meio da atribuição de uma nova acepção a uma forma já existente na língua, se consolida um novo significado. Mas as razões para “que una comunidad idiomática acepta o rechaza se guía por las coordenadas de necesidades y valores vigentes dentro de ella en cada momento de la historia”<sup>99</sup>(VELARDE, 2008, p. 47).

---

98 “ciências, das técnicas, as instituições, os costumes, que fomentam mudanças de coisas sem mudanças de nome, e que não atingem, pois, contudo indiretamente ao sistema da língua” (GIRAUD, 1994, p. 81. TN).

99 “que uma comunidade idiomática aceita ou recusa se guia pelas coordenadas de necessidades e valores vigentes dentro dela em cada momento da história” (VELARDE, 2008, p. 47. TN).

Lara (2011) explica que, para que se converta em norma o uso do novo significado, é necessário que haja um reconhecimento social por parte da sociedade que tenha autoridade para ser seguida. Ou seja, o estabelecimento de uma norma está ligado, entre outros fatores, ao prestígio social da classe do criador do significado, bem como da força expressiva que terá a UL junto aos usuários da língua (COSERIU, 1987). Sendo assim, verificamos em Alves (2004, p. 84) que

não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. Por isso, não podemos, *a priori*, identificar as criações lexicais que chegarão a anexar-se ao código de uma língua, pois fatores extralinguísticos, como tendências políticas, econômicas, culturais... interferem frequentemente e ajudam a determinar a possibilidade de integração de unidades léxicas.

Contudo, ainda que nem todas as lexias cheguem a se tornar usuais para a comunidade falante de dada língua, estudar os processos pelos quais passaram algumas delas é fator relevante para a história das línguas e a compreensão dos processos evolutivos torna-se vital para a compreensão da linguagem.

Dessa forma, a teoria de semântica lexical nos auxiliou a caracterizar os significados dos itens lexicais, pesquisar as relações estabelecidas entre elas em virtude de seus diferentes significados, investigar os diferentes tipos de acepções e explicar sua variação nos diferentes contextos de uso; e, sobretudo, explicar como são criados os novos significados das unidades que aqui estão descritas (ESCANDELL VIDAL, 2012).

### 3.3 Neologia e Neologismo

À medida que novos conceitos são introduzidos no cotidiano de determinada comunidade linguística, por meio da aproximação de diferentes culturas promovida pela globalização e pela rapidez do acesso aos acontecimentos mundiais, surge a necessidade de nomeá-los para que se estabeleça a comunicação. Esse processo de inovação não é sempre explícito, pois ele é lento e depende da aceitação ou não da mudança, ou seja, da evolução da criação léxica, pois “una lengua natural es el resultado de una lenta elaboración inconsciente, de una comunidad”<sup>100</sup> (POTTIER, 1992, p. 14).

Esse processo de inovação da língua é nomeado por neologia, e, segundo Alves (2004, p. 5), “o elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”.

De acordo com Ramos (1997, p. 10),

la concepción de neología y neologismo no ha sido siempre la misma. El término neologismo nació en el siglo XVIII para designar una afectación en la manera de expresarse, y neología le fue opuesto algunos lustros después como un arte de innovar siguiendo el progreso de las ideas. Después del Siglo de las Luces el término neologismo fue despojado de su carga peyorativa y pasó a la terminología lingüística para designar, como todavía lo hace hoy, una innovación en la lengua<sup>101</sup>.

Para Fernández-Sevilla (1982, p. 11), a neologia pode ser entendida como a “utilización del código y subversión del mismo; reconocimiento y transgresión de la norma; creatividad gobernada por las reglas y creatividad que cambia las reglas”<sup>102</sup>.

---

100 “uma língua natural é o resultado de uma lenta elaboração inconsciente, de uma comunidade” (POTTIER, 1992, p. 14. TN).

101 “a concepção de neologia e neologismo não foi sempre a mesma. O termo neologismo nasceu no século XVIII para designar um distúrbio na maneira de se expressar, e neologia, alguns lustros depois, apareceu como uma arte de inovar seguindo o progresso das ideias. Depois do Século das Luzes o termo neologismo perdeu sua carga pejorativa e passou à terminologia linguística para designar, como ainda o é hoje, uma inovação na língua” (RAMOS, 1997, p. 10. TN).

102 “utilização do código e subversão do mesmo; reconhecimento e transgressão da norma; criatividade governada pelas regras e criatividade que mudam as regras” (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1982, p. 11. TN).



Por conseguinte, o neologismo é o ato de criar uma UL, ou dar novo significado a uma unidade já existente, para preencher a necessidade de designar um novo conceito na língua. Alves pontua que

[...] sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos (2004, p. 6).

Seu aparecimento se dá por diferentes fatores como necessidades objetivas de comunicação pela aparição de um novo objeto ou também por necessidades subjetivas de estética e essas novas ULs, atualmente, são estudados sob o viés da criatividade da língua, que lhe é inerente.

Ramos (1997) entende que em certo momento da história, a maioria das lexias foram neologismos. Mas ainda assim, nem sempre os neologismos foram considerados com características positivas no processo de expansão da língua, posto que eram vistos como elementos que poderiam corromper o equilíbrio da língua, principalmente se as novas unidades procedessem de outros idiomas.

Apesar dessa consideração de cunho negativo, esse fenômeno, a neologia, ocorre com frequência no uso cotidiano da língua e reflete a maneira mais elaborada dos falantes de expressarem a renovação linguística e sua alta criatividade. E esse ato de criar é devido, segundo Velarde (2008, p. 36) ao "carácter libre y creador propio de cada acto lingüístico, pues es el responsable de ese constante cambio que acontece en todas y cada una de las lenguas vivas"<sup>103</sup>.

Assim, os neologismos são fenômenos/questões linguísticos que devem ser estudados também sob o prisma da história das sociedades, e conseqüentemente, do léxico, pois "al hablar damos

---

103 "carácter livre e criador próprio de cada ato lingüístico, pois é o responsável dessa mudança constante que ocorre em todas e cada uma das línguas vivas" (VELARDE, 2008, p. 36. TN).

a conocer nuestro origen social, provincia nativa, profesión, nuestras intenciones y actitud respecto al interlocutor, etc., por asociaciones que realizan las palabras y que se agregan siempre al sentido de ellas”<sup>104</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 41).

Os neologismos constituem-se, portanto, mediante alguns processos, que são classificados como: autóctone, formado por mecanismos da própria língua; ou alóctone, formado por vocábulos provenientes de outras línguas, (ALVES, 2004). Esses processos são conhecidos como (i) a neologia formal, formam-se novas ULs utilizando recursos do próprio sistema linguístico; (ii) a neologia de empréstimos, formam-se lexias utilizando recursos de outro sistema linguístico e a (iii) neologia semântica, atribuem-se novos significados a itens lexicais já existentes na língua. Nesta obra, esse último tipo de neologismo é o que me cabe pesquisar.

### ***3.3.1 Neologismo Semântico***

Em uma obra que pesquisa sobre léxico, faz-se necessário compreender que diferentes momentos da história podem contribuir para o surgimento de novas unidades léxicas ou novos significados/sentidos a palavras já existentes na língua. A UL sentido, a partir de Guiraud (1994) é definida como o conjunto das relações entre as palavras. Para Alves (2004, p. 62), “qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual”.

Para compreender um neologismo semântico é necessário, por parte do falante, conhecer também os acontecimentos sociais, políticos, históricos que cercam a língua analisada. De acordo com Penny (2012, p. 329)

(...) todos los conceptos (bien se refieran a cosas, instituciones, nociones abstractas, etc.) están sujetos por

---

104 “ao falar demonstramos nossa origem social, região nativa, profissão, nossas intenções e atitude a respeito do interlocutor, etc., por associações que realizam as palavras e que se acrescentam sempre ao sentido delas” (GUIRAUD, 1994, p. 41. TN).

lo menos a modificaciones graduales, mientras que los signos (o palabras) que los reflejan son más remisos a ser sustituidos (o incluso llegan a no ser reemplazados en absoluto); **de ahí la probabilidad de que cualquier transformación histórica (no lingüística) provoque un cambio semántico**<sup>105</sup>(grifo nosso).

Assim, um neologismo semântico é o processo que se caracteriza pelo empréstimo de sentido. Para Alvar (2000, p. 541), neologismo semântico define-se como “el desarrollo de nuevas acepciones que aportan significados nuevos a términos ya conocidos”<sup>106</sup>.

Em Alves (2004) os neologismos semânticos, ou neologismos conceituais, não acarretam mudanças na forma das lexias já existentes na língua, mas, na verdade, há um acréscimo na carga semântica de uma unidade lexical já existente, originando, então, um novo significado para o mesmo significante.

As ULs não são, simplesmente, a exteriorização de conceitos compartilhados por todos os falantes de uma língua, no mesmo momento, pois as diferenças linguísticas encontradas no léxico “no son, pues, fruto del pensamiento reflexivo sino manifestación de la inmediatez de nuestra contemplación del mundo y de nosotros mismos”<sup>107</sup> (VELARDE, 2008, p. 37). Essas criações ocorrem porque se impõe à realidade a necessidade de se reinventar devido às transformações pelas quais passam as culturas de diferentes línguas, em diferentes momentos históricos.

Para Gualda (2008, p. 185), “la creación semántica supone la intervención consciente del hablante; ésta es posible gracias a los cambios de significado de las palabras que podemos comprobar en la historia

---

105 (...) todos os conceitos (que se refiram a coisas, instituições, noções abstratas, etc.) estão sujeitos pelo menos a modificações graduais, enquanto que os signos (ou palavras) que os refletem são mais suscetíveis a ser substituídos (ou inclusive chegam a não ser substituídos em absoluto); **daí a probabilidade de que qualquer transformação histórica (não lingüística) provoque uma mudança semântica** (PENNY, 2012, p. 329. TN – grifo nosso).

106 “o desenvolvimento de novos significados, que trazem significados novos a termos já conhecidos” (ALVAR, 2000, p. 541. TN).

107 “não são, portanto, fruto do pensamento reflexivo, mas manifestação do imediatismo da nossa contemplação do mundo e de nós mesmos” (VELARDE, 2008, p. 37. TN).

de qualquer idioma<sup>108</sup>. Dessa forma, a mudança de significado acontece porque um falante precisa, por necessidades sociais, expressivas, ou para nomear um novo objeto, usar determinada UL, atribuindo-lhe novos significados. E assim, as revoluções sociais e políticas implicam frequentemente mudanças linguísticas (COSERIU, 1987).

Nas palavras de Lagunilla (1999, p. 57), “una prueba de la relación señalada es que, como cabe esperar, los momentos de mayor renovación léxica se producen en períodos en los que la política tiene un protagonismo especial<sup>109</sup>”.

Nesse aspecto, ao dar atenção as escolhas lexicais de determinado grupo ou pessoa, analisamos também a maneira como o locutor contextualiza as ULs das quais se utiliza e a forma como ele expõe seu posicionamento em relação ao que fala, pois, pelas unidades escolhidas (ou recusadas) para elaborar uma mensagem, podemos entender muito sobre a constituição interna de uma época, de uma sociedade, um grupo, de um indivíduo.

Por conseguinte, “as posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares” (FERNANDES, 2007, p. 18).

### 3.4 Campos Léxico-Semânticos

Pelo fato desta pesquisa desenvolver-se sobre a análise de itens lexicais pertencentes a um campo específico, é importante esclarecer o que entendo por campo léxico-semântico. Compartilhando das ideias de Botta (2011), delimitarei os campos léxico-semânticos do *corpus* com base em critérios históricos e considerarei, além dos

---

108 “a criação semântica significa a intervenção consciente do falante; isto é possível graças às mudanças do significado das palavras que podemos ver na história de qualquer língua” (GUALDA, 2008, p. 185. TN).

109 “uma prova da relação estabelecida é que, como se pode esperar, os momentos de maior renovação lexical ocorrem em períodos em que a política tem um papel especial” (LAGUNILLA, 1999, p. 57. TN).

resultados da análise quantitativa, a relevância social e histórica das ULs escolhidas, para a época estudada.

Ao selecionar determinada lexia para seu uso, algumas vezes o falante não se atém à relação que os significados delas estabelecem entre si, pois a mesma UL tem ou pode ter vários sentidos, os quais são realizados de acordo com o contexto abordado.

De acordo com Trier, um campo semântico é “um conjunto de unidades não necessariamente aparentadas etimologicamente, nem ligadas por associações psicológicas individuais, arbitrárias e contingentes” (TRIER, 1924 *apud* RECTOR; YUNES, 1980, p. 75).

Segundo Lopes (1995, p. 242) “cada campo semântico se forma coerentizando internamente determinada parte de material léxico de cada língua, e, ao mesmo tempo, delimitando-se exteriormente por outros campos semânticos da mesma língua”. Assim, o campo semântico de uma UL é dado pelos significados que ela assume em suas ocorrências, pois “na maioria das vezes, os vocábulos componentes de um campo semântico registram numerosas nuances de sentido, compondo um amplo leque de significados afins” (BIDERMAN, 2001, p. 194).

Abbade (2011, p. 1341) afirma que “a estruturação e o funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a realidade extralinguística, que elas organizam ou formam a partir do ponto de vista semântico”. Por conseguinte, podemos formar um campo semântico ao procurar estabelecer as relações de conteúdo entre as ULs, quando delimitamos o conteúdo evitando a intuição, e quando buscamos relacioná-las com a criação de conjuntos de significados.

De acordo com Olano (2004, p. 217),

la estructura semántica de una lengua está constituida por microestructuras o campos léxicos (conjuntos léxicos) en los que, conteniendo una sustancia en común,

sus elementos constitutivos tienen relaciones precisas y formalizadas<sup>110</sup>.

A ideia de que as ULs estão organizadas em campos léxicos e conceituais foi proposta por Trier (1931), mas já havia sido considerada por Humboldt (1836). Segundo Alonso-Cortés (2002), essa discussão começa a ganhar maior força a partir dos estudos de Saussure (1916).

Atualmente, a teoria mais difundida sobre campos léxicos é a elaborada por Coseriu (1987), que define campo léxico como “un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común, que es el valor del campo y al que aquellos lexemas subdividen”<sup>111</sup> (COSERIU, 1987, p. 403).

O autor acrescenta que

un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a las otras, por medio de rasgos distintos mínimos (COSERIU, 1987, p. 146),<sup>112</sup>.

Nas considerações de Mounin (1975, p. 65), o campo léxico, “que é constituído por traços de significação comuns, se refere à parte do significado e faz parte do campo semântico”.

Assim, nesta obra, campo semântico é entendido como um conjunto dos significados, dos conceitos, que uma unidade possui, sendo interdependente. Desse modo, entendo um campo léxico como sendo um conjunto de unidades léxicas que possuem relação de valor léxico, ou seja, que pertencem à mesma área de conheci-

---

110 “a estrutura semântica de uma língua está constituída de microestruturas ou campos léxicos (conjuntos lexicais) no qual, contendo uma substância em comum, seus elementos constitutivos têm relações precisas e formalizadas” (OLANO, 2004, p. 217. TN).

111 “um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum, que é o valor do campo e ao que aqueles lexemas subdividem” (COSERIU, 1987, p. 403. TN).

112 “um campo léxico é, do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta da distribuição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de diferentes traços mínimos” (COSERIU, 1987, p. 146. TN).

mento ou que derivam do mesmo radical, e desse modo, as lexias precisam ser analisadas em conjunto, formando um mesmo campo de significado.

Evidentemente a rede semântica do campo léxico político-militar em espanhol não se esgota nas interpretações que apresento neste estudo, posto que essas interpretações são somente uma tentativa (o meu olhar) de aproximação de elaboração de redes a partir das palavras mais frequentes encontradas no *corpus*.





## Capítulo IV

### **INVESTIGANDO PALAVRAS-TESTEMUNHO<sup>113</sup>: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE UNIDADES LÉXICAS**

*Las lenguas reflejaban la mentalidad de las naciones  
y respondían a diferentes concepciones del  
mundo (OLANO, 2004, p.242)<sup>114</sup>.*

Neste capítulo, primeiramente, apresento uma análise quantitativa dos dados gerados a partir do *corpus*. Esta análise permitiu ratificar a delimitação da área do tema investigado: político-militar. Nesta etapa, elaborei duas listas ordenadas por suas frequências de ocorrência nos textos para a seleção das unidades lexicais a serem analisadas.

O segundo estudo, de cunho qualitativo, é a análise do campo léxico-semântico político-militar, constituído por ULs que constavam das duas listas de frequência elaboradas para a organização da apresentação das lexias neste estudo, mas também de itens lexicais que não estão presentes nas duas listas de frequência, mas que apresentavam relevância social para as épocas. Nesta fase, analiso as ideias associadas às ULs nos textos, as ideias opostas associadas a elas e a adjetivação que recebiam.

---

113 Tomo emprestada a expressão “palavras-testemunho” de Matoré (1953), pois, a meu ver, essa se relaciona com as ULs aqui analisadas.

114 “As línguas refletiam as mentalidades das nações e correspondiam a diferentes concepções de mundo” (OLANO, 2004, p.242. TN).

## 4.1 Análise quantitativa do estudo das Unidades Léxicas

Em relação à frequência dos dados, por meio do uso do programa Léxico 3, as ULs com maior número de ocorrências no *corpus*, tanto referente a 1940 quanto a 1975, estão relacionadas ao tema política da Espanha. Essa área tem forte presença nos textos analisados, fato que converge com os estudos de Calero (2003, p. 52) que sustenta: “con el inicio de la Guerra Civil, los medios de comunicación social fueron instrumentalizados como armas propagandísticas por ambos bandos”<sup>115</sup>. E esse autor acrescenta que “a finales de 1942 y principios de 1943 la información de guerra ocupaba el primer lugar en el interés de los lectores”<sup>116</sup> (CALERO, 2003, p. 118).

Há também a presença da descrição de fatos históricos relacionados a outros países, embora em menor quantidade. Entre as 200 ULs mais frequentes da lista (considerando apenas os adjetivos e substantivos), aproximadamente 50 são referentes à atividade militar ou política<sup>117</sup>.

Nas duas tabelas a seguir apresento os 200 itens lexicais, excluindo-se as palavras gramaticais, com maior número de ocorrências no *corpus*:

---

115 “com o início da Guerra Civil, os meios de comunicação social foram instrumentalizados como armas de propagandas por ambas as partes” (CALERO, 2003, p. 52. TN).

116 “no final de 1942 e início de 1943 a informação de guerra ocupava o primeiro lugar no interesse dos leitores” (CALERO, 2003, p. 118. TN).

117 As unidades que considero relacionadas à atividade militar estão assinaladas em negrito nas listas.

Tabela 1: unidades léxicas de 1940<sup>118</sup>

ULs	Ocorrências
1. Guerra	252
2. España	242
3. gran (es)	178
4. general	177
5. Estado (s)	162
6. Señor	160
7. Ministro	129
8. día (s)	124
9. nacional	119
10. aleman (es)	114
11. Gobierno	106
12. Ejército	105
13. Jefe	98
14. Caudillo	96
15. Tropas	96
16. Alemania	93
17. Inglaterra	93
18. Militar	89
19. Italia	85
20. Fuerzas	85
21. Política	76
22. español (es)	76
23. paz	67
24. Pueblo	67
25. Vida	66
26. autoridades	65
27. Madrid	64
28. Situación	64
29. Año	62
30. Europa	58
31. Francia	58
32. Civil	57
33. Presidente	57

118 Dados retirados de textos do jornal *La Vanguardia* de 1940.

ULs	Ocorrências
34. Aviones	56
35. Mañana	56
<b>36. Franco</b>	54
<b>37. Movimiento</b>	54
38. Número	53
39. Nuevo	52
40. Tempo	52
41. Millones	51
42. Ciudad	49
43. Tarde	49
44. Acto	48
<b>45. Embajador</b>	48
46. Primer	48
47. Región	47
<b>48. Lucha</b>	45
49. Mayor	45
50. Ayer	44
<b>51. gobernador</b>	44
52. ingleses	44
<b>53. oficiales</b>	44
54. Londres	43
55. Noruega	43
56. Dunkerque	42
<b>57. Coronel</b>	42
58. Señora	42
59. Rojo	41
<b>60. Patria</b>	41
61. Momento	41
<b>62. Nación</b>	41
63. Palabras	41
<b>64. Falange</b>	40
<b>65. Ataques</b>	40
66. Bajo	40
67. Primera	40
68. París	39

..... **LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE VOZES DA ESPANHA DITATORIAL** .....

<b>ULs</b>	<b>Ocorrências</b>
69. Menos	39
70. Nueva	39
71. Orden	39
72. Países	39
<b>73. Generalísimo</b>	38
74. Actual	38
<b>75. Enemigos</b>	38
76. Alemana	37
77. Desfile	37
78. Discurso	37
79. Público	37
80. Prensa	36
81. Barcos	36
82. Británico	36
83. Acción	35
<b>84. Alcalde</b>	35
85. Lugar	35
86. Mundo	35
87. Noche	35
88. Campo	34
89. Cuenta	34
90. Obra	34
91. Problemas	33
<b>92. Soldado</b>	33
93. Caso	33
94. subsecretario	33
95. Victoria	32
96. Campaña	31
97. actitud	30
98. artículo	30
<b>99. batalla</b>	30
100. hombres	30

Tabela 2: unidades léxicas de 1975<sup>119</sup>

ULs	Ocorrências
1. señor	180
2. España	177
3. año (s)	130
<b>4. Estado (s)</b>	<b>129</b>
<b>5. Presidente</b>	<b>127</b>
<b>6. general (es)</b>	<b>121</b>
<b>7. Gobierno</b>	<b>82</b>
<b>8. Nacional</b>	<b>80</b>
9. Madrid	78
<b>10. Ley</b>	<b>76</b>
11. español (es)	72
12. país	68
<b>13. política</b>	<b>59</b>
14. pesetas	55
15. proyecto	55
16. Unidos	53
<b>17. Ministro</b>	<b>54</b>
<b>18. Consejo</b>	<b>51</b>
19. Tiempo	50
20. Día	49
21. Momento	49
22. Mañana	49
23. Españolas	47
24. Hoy	46
25. Parte	43
26. Director	40
27. Vez	40
28. Personas	39
29. Tarde	39
30. José	38
31. Mundo	38
32. Orden	37
33. Situación	37

119 Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1975.

..... LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE VOZES DA ESPANHA DITATORIAL .....

ULs	Ocorrências
34. Ford	36
35. Juan	35
36. Europa	35
37. Barcelona	34
<b>38. Ministerio</b>	34
39. Horas	34
40. Trabajadores	34
41. Paz	33
42. Policía	33
<b>43. Príncipe</b>	<b>32</b>
44. Gran	32
<b>45. Franco</b>	<b>32</b>
<b>46. Movimiento</b>	<b>32</b>
47. Problemas	31
48. Vida	31
49. Contra	30
50. Económica	30
51. Población	30
<b>52. Cortes</b>	<b>29</b>
53. Marruecos	29
54. Defensa	29
55. Forma	29
56. Actual	28
57. Cuenta	28
58. Carlos	28
59. Pueblo	28
60. Trabajo	28
61. Seguridad	27
62. Ciudad	26
63. Cooperación	26
<b>64. Autoridades</b>	<b>25</b>
65. Carácter	25
66. Empresa	25
<b>67. Jefe</b>	<b>25</b>
68. Manera	25

ULs	Ocorrências
69. Trabajo	24
<b>70. Civil</b>	<b>24</b>
71. Especial	24
72. Futuro	24
73. Respecto	24
74. Asuntos	24
75. Asociación	23
76. Comisión	23
77. Crisis	23
78. Hombre	23
79. Membros	23
80. Participación	23
81. Precios	23
82. Argelia	22
83. Noche	22
84. María	21
85. Prensa	21
86. Importante	21
<b>87. Político</b>	<b>21</b>
88. Provincia	21
89. Pública	21
<b>90. Régimen</b>	<b>21</b>
91. Social	20
92. Cambio	20
93. Nuevo	20
<b>94. Oficial</b>	<b>20</b>
95. Poder	20
96. Secretario	20
97. Visita	20
98. Administración	19
99. Acuerdo	19
100. Aeropuerto	19

A partir da elaboração das listas de frequência, é possível verificar que o ano de 1940 é fortemente marcado pela presença de



ULs relacionadas ao regime político e militar daquela época, sendo que a UL *guerra* ocupa o primeiro lugar da lista, com 252 ocorrências, fato que não é contemplado na lista de 1975.

Também destacamos que, nas listas de cada ano pesquisado, há 10 ULs em 1940 e aproximadamente 8 unidades em 1975 que designam títulos ou cargos tais como, *general, embajador, gobernador, alcalde, director, soldado, ministro, gobierno, jefe, caudillo, príncipe, presidente*, entre outros. De acordo com o que apresento no capítulo 2<sup>120</sup> desta obra, naquele momento histórico, década de 40 do século XX, a Espanha estava passando por uma ratificação do poder do governo ditatorial. Uma das armas utilizadas para essa “imposição” do novo governo era o uso da imprensa e sua força de “persuasão” nas informações apresentadas aos leitores.

Referindo-me ao ano de 1975, há na lista a presença de ULs como *proyecto, personas, trabajadores, defensa, trabajo, cooperación, futuro, participación, Asociación, hombre, seguridad, acuerdo*, entre outras, que são relevantes para demonstrar quais lexias apareciam mais frequentemente nos textos pesquisados. Esse fato demonstra alguns aspectos de assuntos de maior destaque naquele momento histórico no país, assuntos envolvendo unidades lexicais que provavelmente revelavam as transformações sociais e os anseios da população por mudanças.

Assim, em 1975, há a abertura para uma possibilidade de discussão sobre temas antes não apresentados pelos textos analisados, pois, a partir da presença das ULs anteriormente mencionadas, percebe-se que houve uma variação no foco das notícias, e essas nos desvelam uma possível mudança do panorama de temas políticos discutidos na Espanha. Ratifico essa constatação também com a informação de que a UL *ejército* não consta das 100 lexias mais frequentes nos textos analisados no ano de 1975, diferentemente do ano de 1940, no qual essa UL ocupa a 12<sup>a</sup> posição na lista das mais frequentes.

---

120 Pode ser consultada a partir da página 38.

Minhas constatações encontram respaldo em Martínez (et. al., 2006), pois para esse autor, no momento da transição política espanhola (1975), muitas ULs outrora utilizadas pelos jornais foram desaparecendo, pois se apresentava uma nova realidade econômica, social, religiosa e, sobretudo, política no cenário do país. Nas considerações desse autor, “fueron desapareciendo todas aquellas palabras que suponían enfrentamiento, resentimiento, humillación, odio, rencor entre los dos bandos, entre las dos Españas”<sup>121</sup> (MARTÍNEZ, et. al., 2006, p. 13). Apresento exemplos para essa afirmação nas ULs *rojo, Caudillo, ejército, guerra*, entre outras verificadas no *corpus* que eram muito presentes no ano de 1940 e perderam força de uso no ano de 1975, como advirto mais adiante na análise.

Desse modo, a inexistência de algumas ULs na lista de frequência também é um fator relevante para discussão, haja vista que, ao conhecermos as ULs mais frequentes, ou aquelas que são evitadas no discurso, podemos desvelar o que a linguagem nos ensina a respeito de uma época e sua constituição.

Por constatar, igualmente, que são muitos os nomes de países, cidades e gentílicos presentes nas listas de frequências, reagrupei essas ULs em outras tabelas, a seguir apresentadas:

**Tabela 3: Países/Cidades/Nacionalidades em textos de 1940**<sup>122</sup>

	ULs	Frequência
1.	España	242
2.	Alemania	93
3.	Inglaterra	93
4.	Italia	85
5.	Espanoles	76
6.	Alemanes	66
7.	Madrid	64

121 “foram desaparecendo todas aquelas palavras que expressavam enfrentamento, ressentimento, humilhação, ódio, ou rancor entre os dois lados, entre as duas Espanhas” (MARTÍNEZ et al., 2006, p. 13. TN).

122 Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1940.

ULs	Frequência
8. Francia	58
9. Alemán	48
10. Ingleses	44
11. Londres	43
12. Noruega	43
13. Durkenque	42
14. París	39
15. Alemana	37
16. Britânico	36

**Tabela 4: Países/Cidades/Nacionalidades em textos de 1975<sup>123</sup>**

ULs	Frequência
1. España	177
2. Madrid	78
3. Barcelona	34
4. Marruecos	29
5. Argelia	22

Essa tabela apresenta mais convergências entre algumas ULs com maior frequência nas listas dos dois anos pesquisados. Comento brevemente, a seguir, algumas delas.

**Exemplo 1: *España***

Entre as coincidências verificadas entre as listas de frequência referentes a 1940 e a 1975, cito *España* como sendo a UL com maior número de ocorrência. Na lista de 1940, essa UL é a segunda mais frequente e, em 1975, também ocupa esse lugar, totalizando nas duas listas, 419 ocorrências, conforme tabelas 1 e 2.

Encontrar a UL *España* como a mais frequente entre os países não é surpresa, pois nos dois anos pesquisados, há temas importantes da história deste país sendo discutidos e refletidos nos textos jornalísticos. Nos contextos selecionados, no ano de 1940, a

<sup>123</sup> Dados retirados de textos do *La Vanguardia* de 1975.

lexia *España* refere-se, na maioria das vezes, à necessidade de união do país e de seu povo, para a obtenção de uma nação mais “forte e próspera”, segundo a perspectiva do ditador Franco.

Assim, encontramos, majoritariamente, textos que revelam situações de “apoio” ao governo franquista, pois, de acordo com a análise dos contextos pesquisados, o há a ideia de que o apoio a esse regime governamental ajudaria a Espanha a ser um país mais livre, justo e unido. Aqueles que não buscavam esse mesmo objetivo eram descritos como inimigos, criminosos, assassinos, assim como destaque no excerto a seguir:

No por pequeños hemos de despreciar a nuestros **enemigos**. A nadie se oculta que vivimos los momentos políticos más interesantes de nuestra historia, y en ellos han do unirse para el ataque los **enemigos** internos de nuestra nación, con la eterna **anti-España**, entre los que destacan esos pequeños grupos de **cretinos** que pasean su miseria física y moral, alternando las tertulias frívolas con los lugares de crápula, para verter en ellos las consignas que del extranjero les remiten, y que no vacilan en buscar ambiente hasta en aquellos sectores de población afectados por el área penitenciaria, intentando echar sobre el régimen que parecen patrocinar el baldón de hermanarlo con una **monstruosa** impunidad para los **crímenes** de nuestros hermanos (La Vanguardia, 1940 – grifo nosso).

Em 1947 ao observar que não era bem aceito por outros países, o governo franquista pretendeu tornar mais “ameno” o regime político instaurado na Espanha, abandonando algumas características do governo totalitário, na tentativa de aproximar-se das democracias ocidentais, das quais foi alijado. Esse plano tinha como objetivo adaptar a Espanha às novas circunstâncias externas, mas sempre salvaguardando o regime, ou seja, a ditadura.

Segundo Calero (2003, p. 71)

para ello, se utilizó la imagen política de los católicos y se promovió una serie de reformas políticas y administra-

tivas que instauraban una “democracia orgánica” y, con la aprobación plebiscitaria de la Ley de Sucesión, una “Monarquía católica, social y representativa.”<sup>124</sup>

Contudo, no ano de 1975, os contextos analisados nos apresentam outro panorama. A UL *España* se relaciona à ideia de um país que buscava perspectivas melhores para seu futuro, e essa melhora poderia vir com o advento de um novo governo. Desse modo “se fue eliminando u ocultando todo aquello que había sido machaconamente usado por el franquismo en beneficio de sus intereses y en detrimento de la seguridad de los perdedores”<sup>125</sup> (MARTÍNEZ, *et al.*, 2006, p. 15). Essa “eliminação” aconteceu também na utilização de algumas lexias.

Nessa época, há unidades lexicais que apresentavam a ideia de uma possível relação de convivência entre as “duas Espanhas” (favoráveis e opositores de Franco). Mas, ainda assim, em 1975, a linha principal do jornal se mantém, ou seja, o discurso de apoio ao regime de governo vigente era bastante explícito.

Destacamos, mais uma vez, que a mídia durante o período do regime ditatorial espanhol foi utilizada como mais um meio de manipulação das informações que eram repassadas à população. Quase não havia (ou não havia de fato) jornais que apresentassem um discurso de oposição ao regime (salvo os clandestinos), pois a oposição a Franco era inadmissível, assim como acontecia (e ainda acontece) em qualquer ditadura (de direita ou de esquerda).

Verificamos, também, contextos que expressavam o desejo de fomento de paz para Espanha, do anseio pela reconquista dos direitos civis naquele momento (1975), mas sempre com um texto

---

124 “Para tanto, foi utilizada a imagem política dos católicos e se promoveu uma série de reformas políticas e administrativas que instauravam uma “democracia orgânica” e, com a aprovação por plebiscito da Lei de Sucessão, uma “Monarquia Católica, social e representativa” (CALERO, 2003, p. 71. TN),

125 “Foi se eliminando ou escondendo tudo aquilo que tinha sido insistentemente usado pelo regime de Franco, em benefício dos seus interesses e em detrimento da segurança? dos perdedores” (MARTINEZ, *et al.*, 2006, p. 15. TN).

claro, por parte do jornal, que esses direitos deveriam ser pautados nas bases estabelecidas por Franco e por seu sucessor escolhido por ele, Príncipe Juan Carlos.

Nesse momento, surge no cenário político, a figura do então Príncipe Juan Carlos Alfonso Víctor María de Borbón y Borbón–Dos Sicilias, Rei Juan Carlos. Com a proximidade da efetivação da transição de poder das mãos de Franco para Juan Carlos, em 1975, é vinculado um “sentido positivo” a esse acontecimento, conforme exposto no excerto do jornal daquele ano:

Franco, que victoriosamente dirigió la guerra, ha sabido siempre cuál era el horizonte hacia el que debía dirigirse el país; lo supo en las horas difíciles, cuando la segunda guerra mundial abría una nueva época de angustias, y lo supo, con *sagaz clarividencia* histórica, cuando designó al príncipe Juan Carlos sucesor a título de rey. España está girando ahora sobre *los gozones del porvenir* y es, precisamente, a ese porvenir hacia donde nos orientan todas las enseñanzas que cabe deducir de las dolorosas experiencias pasadas. En tal sentido, la fotografía que ilustra estas líneas, en la que Franco y el príncipe aparecen en la presidencia de un acto oficial, evoca simbólicamente la necesaria conjunción de respeto al pasado y de *esperanza para lo venidero* en el diálogo de las generaciones (La Vanguardia, 1975).

Apesar do discurso de esperança sobre a mudança no panorama político, as lexias relacionadas a Franco são frequentemente de sentidos/significados positivos. No excerto anterior, destaco itens lexicais como *sagaz clarividencia*, que explicitam o discurso construído para relacionar a pessoa do ditador Franco a sentimentos e ideias positivas com relação a seu governo e ao futuro da Espanha.

Outras informações referentes à área da saúde, às relações internacionais, à economia estão nos contextos que envolvem a UL aqui descrita. Encontramos também partes de discursos políticos e documentos oficiais sendo reproduzidos pelo jornal, com o fito de complementar ou detalhar as notícias publicadas, entrelaçando os

discursos político e jornalístico, que algumas vezes se aproximam ao midiático, pela maneira como eram promovidas as ideias franquistas.

Nas considerações de Calero (2003) havia durante a ditadura a obrigatoriedade de colocar nos textos jornalísticos a íntegra de discursos oficiais do Estado para que os leitores se “informassem” sobre a situação do país, seus acontecimentos e, sobretudo, suas novas “leis”.

Chamo sua atenção, leitor, para o fato de que a UL Espanha se relaciona a ideias diferentes nos dois anos pesquisados. Em 1940, a UL *España* faz referência a luta entre os franquistas, tidos como “defensores do povo” e da manutenção da ordem no país, e aos opositores de Franco, considerados como inimigos da ordem. Já em 1975, a ideia de emancipação política, de prosperidade e liberdade estava explícita nos contextos relacionados a essa UL analisada.

Assim, a alta frequência da UL *España* se relaciona à situação vivenciada pelo país nos anos de 1940 e de 1975 e, por isso, ratificamos que as ULs mais frequentes nesse jornal, nas referidas épocas, eram as que descreviam a situação de guerra, ou de uma reorganização político-militar imposta ao país naqueles períodos de tempo. Sendo assim, afirmamos que cada ano pesquisado apresentava a UL *España* relacionando-se a sentidos diferentes de entendimento (FERNANDES, 2007).

#### Exemplo 2: **Alemania**

Após a UL *España*, a outra lexia mais frequente no ano de 1940 é *Alemania*, com 93 ocorrências. Esse país era “aliado” político da Espanha, e conseqüentemente, do general Franco. O excerto do jornal ratifica essa afirmação:

(...) el ministro de Asuntos Extranjeros ha obsequiado con un banquete de despedida al embajador de España en Berlín, marqués de Magas que abandonará la capital alemana dentro de pocos días después de haber representado a España cerca del Gobierno del Reich durante tres años. Ausente de Berlín el ministro von Ribbentrop

presidió el almuerzo el subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores, barón von Weizahecker. El acto, al que asistió también el alto personal de la Embajada española, constituyó una prueba más de la cordial amistad existente entre Alemania y España (La Vanguardia, 1940)

A menção à Alemanha aparece, nesse ano, sempre como um país sectário e Hitler mencionado como um personagem importante para o desenvolvimento do cenário político espanhol. Em 1940, o referido jornal faz menção a Hitler como um libertador, como um exemplo a ser seguido, sendo “favorável” a suas decisões.

Em 1975 essa UL já não consta mais nos textos jornalísticos com frequência significativa tanto quanto aparecia em 1940, mas sim constam países como Marrocos e Argélia devido ao fato de que, no ano de 1975, Marrocos, apoiado pela Argélia, iniciou uma guerra contra Espanha pela posse do território espanhol no Saara. Marrocos reivindicava esse território e, para tanto, o governo marroquino da época enviou ao Saara milhares de civis desarmados, incluindo prisioneiros liberados na condição de aderirem à causa, fato que se tornou conhecido na história como “Marcha Verde”. Nas considerações de Calderón (2006, p. 150),

la *Marcha Verde*, iniciada el 6 de noviembre, consiguió llegar a frontera y, por mandato de la ONU, el ejército español se retiró varios kilómetros para evitar algún incidente grave. La *Marcha* se interrumpió y la resolución del conflicto pasó a desarrollarse por vías diplomáticas menos visibles. El 14 de noviembre, seis días antes de la muerte de Franco, se concluía el *Acuerdo Tripartito de Madrid* por el que España aceptada retirar sus tropas y dividir el territorio del Sáhara entre Marruecos y Mauritania.<sup>126</sup>

---

126 “a marcha verde, que começou em 6 de novembro, conseguiu chegar a fronteira e, por mandato da ONU, o exército espanhol se afastou vários quilômetros para evitar qualquer incidente grave. A marcha foi interrompida e a resolução do conflito foi desenvolvida por canais diplomáticos menos visíveis. Em 14 de novembro, seis dias antes da morte de Franco, concluiu-se o acordo Tripartido de Madri no qual Espanha aceitava retirar suas tropas e dividir o território do Saara entre Marrocos e Maurítânia” (CALDERON, 2006, p. 150. TN).



Portanto, uma vez mais a história, a cultura e, por sua vez, os acontecimentos sociais são refletidos na língua e em seu uso.

**Exemplo 3: *Inglaterra***

A Inglaterra, o terceiro item lexical, sobre países, com maior frequência em nossa lista, é descrito no jornal como um país que tem interesses contrários aos da Alemanha e Itália, portanto, é adversário direto da Espanha.

**Exemplo 4: *Itália***

A UL Itália é mencionada no jornal, em 1940, também como país aliado da Espanha e é descrito, assim como a Alemanha, como “vítima” dos outros países que contra ela se posicionavam. Pelos contextos, a Itália e a Alemanha são países que buscam a paz, mas que não a conseguem devido à falta de entendimento de seus opositores a respeito de suas reivindicações, a saber:

Los diarios berlineses coinciden en poner de relieve que la labor de pacificación de Europa sudoriental, efectuada por Alemania e Italia en circunstancias peligrosas y en plena lucha, con Inglaterra, constituye una prueba de la vitalidad de las naciones del Eje y de sus deseos de limitar la extensión de la lucha que en la actualidad ensangrienta Europa (La Vanguardia, 1940).

Assim, a Itália e a Alemanha foram “obrigadas a se defenderem” do mal causado a elas por países que não queriam “encontrar a paz”. Nos contextos analisados, esses dois países são, geralmente, descritos no jornal como vítimas dos ataques, incompreensíveis, de outros países que optam pelo combate e não pelo “diálogo”.

**Exemplo 5: *França***

Em quinto lugar, está a França. Esse país aparece nos textos pesquisados no ano de 1940 como um dos países “responsáveis” pela situação de guerra pela qual passava a Europa. Os adjetivos usados

pelo jornal para descrever o avanço das tropas alemãs no território francês são, na maioria das vezes, positivos, como *espectacular*, *fulminante*, posicionando, mais uma vez, favoravelmente os textos do jornal com relação ao desempenho da Alemanha e seus aliados, em suas conquistas bélicas.

Exemplo 6: **Noruega**

A presença da Noruega na lista de frequência se deve ao fato de que, em 1940, os alemães a invadiram e fizeram recuar as tropas aliadas, Reino Unido e França. Essa batalha acabou em definitivo quando todo o território da Noruega foi ocupado pelo exército alemão. A Noruega ainda tentou resistir à invasão alemã durante dois meses, entre 9 de abril de 1940 até 10 de junho, fato que faz do país um dos que mais resistiu a um ataque alemão durante a 2ª. Guerra Mundial.

Exemplo 7: **Estados Unidos**

No “final” da ditadura franquista, os Estados Unidos estavam muito presentes na política e economia espanhola. Esse fato culminou na aliança entre Espanha e os Estados Unidos para que ambos os países pudessem lucrar: os Estados Unidos consideravam a Espanha ponto geográfico estratégico contra a União Soviética e, por sua vez, a Espanha queria o fim do isolamento internacional de seu regime ditatorial e buscava a abertura de sua economia nacional.

Dessa forma, o sobrenome Ford, referindo-se ao presidente Gerald Ford (governo dos USA de 1974 a 1977), aparece também na lista de frequência, do referido ano, por suas várias visitas a Espanha durante o ano de 1975. Essa união ficou tão fortemente marcada na história da Espanha que, no ano de 1953, dirigido pelo cineasta Luís Garcia Berlanga, foi produzido um filme sob o título *Bem-vindo Mr. Marshall*.

Assim, cabe ressaltar que as ULs *estados* e *unidos* aparecem quase com o mesmo número de frequência na lista referente a 1975 devido a constante presença do país em relações políticas com a Espanha daquela época.

Exemplo 8: **Madrid**

Referindo-me ainda às convergências entre as duas listas, de 1940 e 1975, observando os países e cidades presentes no *corpus* desta pesquisa, destaco a presença da UL *Madrid*. Essas ocorrências podem ser pautadas no fato de que Madri sempre foi uma cidade com grande importância na Espanha, sendo a capital do país e também durante a ditadura militar, sede do governo espanhol.

Em 1940, essa UL aparece sendo descrita como o local onde as maiores e mais calorosas manifestações aconteciam, mas o jornal ressalta que estas manifestações, em sua maioria, eram favoráveis ao governo de Franco. Por outro lado, em 1975, a unidade *Madrid* aparece, entre outros assuntos, para se referir ao local onde o Caudilho estava enfrentando momentos difíceis com relação a sua saúde.

Há a descrição de manifestações desfavoráveis ao governo, mas, ainda em 1975 são classificadas como conflitos promovidos por universitários e “terroristas”, de acordo com os textos pesquisados. Ou seja, aqueles que se “atrevessem” a pensar diferente do que lhes era estabelecido eram tratados sob a mesma designação pejorativa, ainda no ano de 1975.

Nos exemplos a seguir, há algumas ULs relacionadas aos opositores do regime, tais como *salvajes*, *terrorismo*, *asesinos*, *subversivos*, *siniestra*. Já as unidades ligadas ao governo expressavam sentidos positivos, tais como a ordem e a paz que o governo proporcionava aos seus, tais como *víctimas*, *defensa*, *paz*, *orden*, *abnegadas*, *justa*, *seguridad*, *metas*, *orden público*, conforme ilustro a seguir:

Ayer, en Madrid, mientras el centro de la capital hervía ya de fervor patriótico ante la magna concentración de homenaje a Franco, cuatro servidores del orden, de guardia en distintas sucursales bancarias, eran víctimas de otros tantos salvajes atentados. Si es que todavía hacía falta alguna fatídica muestra más del sanguinario proceder de la rama española del terrorismo internacional, para convencerse de las razones que asisten a nuestros gobernantes en la puesta en práctica de eficaces medidas de defensa de la paz y del orden, nos toca hoy contabilizar

estos nuevos y *espeluznantes asesinatos*, resultado evidente de una *siniestra operación* perfectamente calculada. Nadie, ni en la misma oposición al Régimen que se considere civilizada, puede aceptar y menos justificar este tipo de desafío. Nadie ya, suponemos, en la Europa sinceramente democrática se puede llamar a engaño y buscar atenuantes a una *acción subversiva* que intenta a sangre y fuego cerrar los caminos de la *evolución política* y de la convivencia pacífica. Pero con todo el dolor que nos producen tan *incalificables agresiones* a las *abnegadas instituciones que aseguran el orden público*, es deber de nuestros políticos no dejarse intimidar, no desfallecer y perseverar hacia las grandes metas propuestas, en la seguridad de que la gran mayoría de los españoles están resueltamente contra la violencia y *en favor de una sociedad justa libre y en orden* (La Vanguardia, 1975).

Destarte as intenções, as tensões, interesses, valores e crenças de uma sociedade se expressam na língua de quem a utiliza, e algumas vezes, a manipula, camuflando um jogo de poder em forma de “(des) informação”.

#### Exemplo 9: **Londres e Paris**

Outra cidade cujo nome aparece com bastante frequência no *corpus* é Londres. O jornal descreve notícias sobre a tentativa da Inglaterra em estabelecer relações com a Itália na compra de carvão do governo italiano, mas esse país, correligionário da Alemanha, preferiu negar-se à negociação. Assim, as atividades inglesas, no ano de 1940, objetivavam dificultar e até impedir as exportações de carvão à Itália, país aliado da Espanha.

De acordo com os contextos analisados no jornal, o governo inglês solicitava, sobretudo aos jovens, para que defendessem a Inglaterra com seu sangue contra os invasores inimigos. Descrições sobre ataques aéreos e a linhas férreas também estavam presentes nos contextos que incluem a lexia *Londres*. Esse mesmo tipo de informação foi observado também em contextos relacionados a cidade *París*.

### Exemplo 10: Gentílicos

Com relação aos gentílicos, observo ULs como *alemanas, alemán, español (es), ingleses, italiano, británico* entre as mais frequentes, mas apenas no ano de 1940. Em 1975 elas não estão presentes no *corpus* de pesquisa.

Por fim, o estudo sobre o léxico e suas relações de significado nos permite investigar as diferentes formas de uso das unidades, tais como seus empregos preferenciais, as recorrências e suas restrições de uso, dando-nos a conhecer uma parte, significativa, da história de um povo.

## 4.2 Análise qualitativa das Unidades Léxicas selecionadas

Por questões metodológicas, reagrubei, em uma nova tabela, as lexias que aparecem nas duas listas de frequência anteriormente apresentadas, ou seja, destaco as unidades coincidentes nas listas de 1940 e 1975. Essa nova lista é formada por 38 ULs:

**Tabela 5: Unidades Léxicas mais frequentes nas listas de 1940 e de 1975**

No.	ULs	Ocorrências 1940	Ocorrências 1975
1	España	242	177
2	General	219	97
3	gran (es)	178	32
4	Estado (s)	162	129
5	señor	160	180
6	Ministro	129	54
7	Día	124	82
8	Nacional	119	80
9	año (s)	116	130
10	Gobierno	106	82
11	Jefe	98	25
12	Política	76	59
13	Paz	67	33

No.	ULs	Ocorrências 1940	Ocorrências 1975
14	Pueblo	67	28
15	Vida	66	31
16	Autoridades	65	25
17	Madrid	64	78
18	Situación	64	37
19	Europa	58	35
20	Civil	57	24
21	Presidente	57	127
22	Mañana	56	49
23	Franco	54	32
24	Movimiento	54	32
25	Nuevo	52	20
26	Tiempo	52	50
27	Ciudad	49	26
28	Tarde	49	39
29	Españoles	46	78
30	Momento	41	49
31	Orden	39	37
32	Países	39	46
33	Actual	38	28
34	Prensa	36	21
35	Mundo	35	38
36	Noche	35	22
37	Cuenta	34	28
38	Problemas	33	31

Ao elaborar a tabela 5, a ocorrência de algumas das unidades léxicas estudadas não coincidiam nas duas listas de frequência, ou seja, embora sejam relevantes para nosso estudo, ocorriam somente em um dos anos estudados. Citamos como exemplo o caso da UL *rojo*.

Diante dessa constatação, analisei não apenas unidades constantes das duas listas de frequência, mas também algumas que não aparecem nas duas listas, mas que expressavam marcadamente

relação relevante com o período histórico das épocas estudadas, os anos de 1940 e 1975.

Devido ao grande volume de informações referentes a cada análise, e por delimitações do tema, optamos em investigar 10 unidades lexicais, conforme tabela abaixo:

**Tabela 6: unidades léxicas analisadas**

No.	ULs selecionadas	Ocorrências 1940	Ocorrências 1975
1	Estado	162	129
2	Nacional	119	80
3	Paz	67	33
4	Ley	-----	76
5	Rojo	41	-----
6	Movimiento	54	32
7	Caudillo	96	-----
8	Lucha	45	-----
9	Política	76	59
10	Gobierno	106	82

Como observado acima, as ULs *rojo*, *caudillo* e *lucha* ocorrem somente no ano de 1940, por outro lado, a unidade *ley* ocorre somente no ano de 1975. A ausência de tais unidades em um ou outro ano, nestes casos, também demonstram significados expressivos conforme constatado nas análises.

Os traços de significação aqui apresentados e analisados foram obtidos pela comparação das ocorrências das ULs no *corpus* com as definições nas duas edições do *Diccionario de la Lengua Española* supramencionado. Considero que este dicionário pode refletir um posicionamento coerente do significado das lexias. Sobre o dicionário, Martínez (2002) assevera que

como ningún diccionario es inofensivo –así como ninguna palabra es inocente– todos ellos delatan, por lo general, los prejuicios, los usos y las incertidumbres de la época

en que se escriben. Quizás el mejor medio para conocer a una nación es lo que hace ella con su lenguaje.

Esse método foi aplicado a todas as ULs do campo léxico-semântico político-militar analisadas nesta obra.

A respeito do jornal pesquisado, não pretendo julgar sua ideologia, buscamos somente pesquisar os sentidos atribuídos a determinadas unidades nos dois anos estudados, bem como analisar em que medida algumas lexias eram utilizadas, pois a aceção de cada uma também é constituída *nos e pelos* contextos em que aparecem.

#### **4.2.1 Unidades Léxicas frequentes nas listas de 1940 e 1975**

##### 1) Unidade Léxica **Movimiento**

Uma das lexias da lista que merece especial atenção é *Movimiento* que, no ano de 1940, apresenta 54 ocorrências, e no ano de 1975, 32. Para chegar a esse montante, considereei também as aparições referentes ao plural desta UL.

No primeiro ano, a UL *Movimiento* predomina com inicial maiúscula (47 vezes) contra apenas sete ocorrências com letra minúscula. Com respeito ao ano de 1975, das 32 ocorrências, apenas quatro estão grafadas com inicial minúscula.

Nesta análise, observei que a unidade lexical *Movimiento*, com letra inicial maiúscula, refere-se ao partido político do regime ditatorial de Franco, cujo nome completo era *Falange Española Tradicionalista y de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista*. Esse “partido”, criado ainda no início da Guerra Civil, era formado pela união dos nacionalistas que obviamente apoiavam os militares, que por sua vez eram destacados com o nome de *Alzamiento Nacional*. Foi nesse momento que houve efetivamente, em 1940, a dissolução de todos os outros partidos políticos, como habitualmente acontece nos regimes ditatoriais (de direita e de esquerda).



Nas considerações de Zorilla (2002), o chamado *Movimiento Nacional* era um partido único de difícil categorização. A partir da criação desse partido político, “no hubo más que el franquismo, en alusión al proceso de domesticación y burocratización de las diferentes corrientes políticas llevado a cabo por Franco”<sup>127</sup> (ZORILLA, 2002, p. 31).

Assim, essa UL, grafada com maiúsculas, se relacionava a esse partido político formado por ideais de inspiração fascista e que era o partido que apoiava e disseminava as ideias de uma Espanha pura (SANT’ANA, 2012).

Segundo Juliá, “el Movimiento Nacional había venido a rectificar los errores de un siglo. Ha venido a vivir de cara al mar y de cara al campo; destruir el mal espíritu ciudadano”<sup>128</sup> (JULIÁ, 2005, p.115). E com esse malabarismo discursivo de salvação da pátria, o governo sustentava sua legitimidade.

Mas essa formação de discurso positivo ligado ao governo não encontrou respaldo irrestrito em toda a sociedade espanhola. O surgimento de vários grupos contrários ao regime ditatorial de Franco foi insuflado pelo acúmulo de acontecimentos negativos que assolaram os civis já na época da Guerra Civil (1936 a 1939) e, sobretudo, durante o regime nesse período ditatorial. Desse modo, a criação de um partido foi uma forma de impor, aos cidadãos, as novas regras para a construção de um novo país, utilizando-se, assim, da linguagem política para impor à população sentidos positivos de governabilidade.

Por conseguinte, *Movimiento* foi utilizada, nesses contextos históricos, com um sentido restrito, como um nome próprio, com acepção político-militar. Portanto, esse é mais um exemplo de generalização de emprego de uma UL que apresentava anteriormente outra acepção. Nos DLEs (1947; 1984) a lexia movimento, com letra minúscula está

---

127 “não houve mais que o franquismo, referindo-se ao processo de domesticação e burocratização das diferentes correntes políticas realizadas por Franco” (ZORILLA, 2002, p. 31. TN).

128 “o Movimento Nacional veio para retificar os erros de um século. Ele veio para viver de frente ao mar e de frente ao campo; destruir o mau espírito cidadão” (JULIA, 2005, 274. TN).

descrita como *ação ou efeito de mover ou mover-se*. Nos dicionários analizados não há nenhuma referência à acepción da UL *Movimiento* com letra maiúscula, explicitamente referindo-se ao partido político de Franco, apenas relacionando-se a política em geral.

Diante destas constatações, a UL *Movimiento*, utilizada com letra maiúscula, “no es utilizada por su contenido denotativo primario, sino esencialmente por su valor conotativo, por los contenidos secundarios o implícitos (...) dirigidos más al sentimiento que al razonamiento”<sup>129</sup> (LAGUNILLA, 1999, p. 23), apresentando diferença de significado entre a utilização das ULs *Movimiento* e *movimiento*.

Apresento excertos do jornal pesquisado para demonstrar a utilização das ULs *movimiento* e *Movimiento*, em 1940:

La Reforma Social Española ya tiene en punto los papeles necesarios para que el Consejo Nacional del **Movimiento** haga firme la autorización para el funcionamiento provisional de la Asociación. Cuando se concedió esta autorización, en la última reunión de la comisión permanente del Consejo, se hacía constar que se concedía a Reforma Social Española, un plazo hasta el día 2 de abril para que subsane una serie de defectos formales existentes en su documentación (La Vanguardia, 1940).

De todos modos, tanto el **movimiento** de los comandos como la destitución de su comandante demuestran a las claras lo que se sugirió muchas veces que la línea dura de Saraiva de Carvalho calificada de ultrazquierdista controla a todas las tropas especiales que rodeen Lisboa (La Vanguardia, 1940).

El ministro secretario general del **Movimiento**, don José Solís, que ha llegado en la tarde de hoy al aeropuerto malagueño, ha dicho, en unas declaraciones al diario Sol de España, que el asociacionismo va viento en popa y que hoy se habían presentado dos nuevas asociaciones: la del Frente Español y la del otro grupo, del Maestrazgo,

---

129 “não é usado por seu conteúdo denotativo primário, mas essencialmente pelo seu valor conotativo, pelos conteúdos secundários ou implícitos (...) dirigidos mais ao sentimento que à razão” (LAGUNILLA, 1999, p. 23. TN).

por lo que tendremos que reunir permanente este verano  
(La Vanguardia, 1940).

No ano de 1940, essa UL, com letra maiúscula, apresentava maior frequência nos contextos analisados que no ano de 1975. Essa constatação ratifica o conceito de que, com o passar dos anos, e a partir das transformações ocorridas no panorama político e social espanhol, algumas unidades lexicais que pudessem expressar alguma relação com o regime franquista tinham sua frequência de uso diminuída com o intuito, possivelmente, de se relegar ao esquecimento o passado daquele país. Outras lexias foram igualmente relegadas ao “esquecimento”, pois se relacionavam intimamente com a figura do ditador, pois “(...) las palabras evocan la imagen de aquellas personas que comúnmente las emplean, y de las situaciones a las cuales son aplicadas”<sup>130</sup> (GUIRAUD, 1994, p. 40).

Vilamor (2006, p. 161) considera que a UL “*Movimiento* es la palabra que muy bien se podía calificar de tormento durante el primer año de la Transición. Se podría decir que desapareció por inanición al quedar sin cometido”<sup>131</sup>.

Em 1975 essa UL é encontrada no jornal com menor frequência, posto que a situação política da Espanha já não mais estava centrada nas mãos apenas dos militares, haja vista que o governo estava passando por transições com relação a seu chefe de Estado.

Esse fato me faz refletir sobre as acepções apresentadas como as primeiras nas duas versões do DLE e as acepções encontradas no jornal, das épocas pesquisadas, em seu uso mais frequente, e, conseqüentemente, transparecendo a língua em uso.

Para melhor organizar a exposição das análises, exponho quadros sobre as ULs pesquisadas:

---

130 “as palavras trazem a imagem daquelas pessoas que frequentemente as empregam, e das situações às quais são aplicadas” (GUIRAUD, 1994, p. 40. TN).

131 “*Movimiento* é a palavra que podia ser classificada como tormento durante o primeiro ano da Transição. Poderíamos dizer que ela desapareceu por inanição ao não ser mais usada” (VILAMOR, 2006, p. 161. TN).

**Quadro 1 *Movimiento* (1940)**

		Ocorrências
	<b>Substantivo</b>	<b>54</b>
<b>1</b>	<b>Desenvolvimento e propagação de uma tendência política; partido político (DLE, 1947)</b>	<b>47</b>
	<b>1</b> Ex.:La mayoría de los españoles ignoran cuál era la vida, económica de la nación antes del <b>Movimiento</b> , a qué cifras monta el importe de la alimentación de nuestro pueblo: una muestra tenéis, en que con todo el oro de la nación, el cuantioso robado a los particulares y con crédito abierto en las principales naciones, los rojos no pudieron durante sólo tres años mitigar el hambre del pueblo que sojuzgaban.	
	<b>2</b> Ex.: Es la enorme mortandad infantil otra causa de pérdidas humanas; son espantosas las cifras que hasta hoy alcanzaba por descuidos y abandonos evitables; su remedio es mucho menos costoso y está en la propaganda, los pequeños auxilios y el admirable y amoroso cuidado ya iniciado de nuestra Falange Femenina. Esta tiene que ser una de las grandes obras que nuestro <b>Movimiento</b> llega para con celo mantener nuestras consignas.	
<b>2</b>	<b>Movimentar-se; mover-se (DLE, 1947)</b>	<b>7</b>
	<b>1</b> Ex.:Como bonzos, dos soldados soviéticos de amplio capotan amarillento, gorro puntiagudo y fusil con bayoneta de tres cuartas, miran atentamente con grandes gemelos a estos insólitos paisanos. Los cuales –dicho sea para la historia– contestan con un eficaz <b>movimiento</b> del antebrazo, cuyo significado es obvio. “En la trasera de mi villa –decía de su residencia, vienesa, él príncipe de Metternich”–	
	<b>2</b> Ex.: Viborg presenta el aspecto de una ciudad completamente muerta. No hay ni una sola casa que no haya sido deteriorada. Se da el caso asombroso de que la iglesia ortodoxa no haya sufrido ningún daño, aunque no se debe ver en ello un gesto de piedad por parte de los Soviets, que igualmente la han atacado. En la ciudad no hay <b>movimiento</b> , ni vida, ni habitantes. No circulan en ella más que patrullas militares. Apenas hace cuatro meses era la tercera ciudad de Finlandia.	

**Quadro 2 *Movimiento* (1975)**

		Ocorrências
	<b>Substantivo</b>	<b>32</b>
<b>1</b>	<b>Desenvolvimento e propagação de uma tendência política; partido político (DLE, 1984)</b>	<b>28</b>
	<b>1</b> <b>Ex.:</b> Ante la falta de confirmación oficial sobre el nombre de don Fernando Suarez como sucesor del señor de la Fuente, se especula con la posibilidad de que el actual secretario general técnico de la Presidencia haya puesto algunas condiciones o bien que el nombramiento esté dentro de una estrategia más amplia que incluya el cambio o el traslado de algunos ministros. En este sentido, el periódico adelanta en su primera página que se habla de un cambio que afectaría a la Secretaría General del <b>Movimiento</b> , puesto al que podría ir don Fernando Suárez, y al Ministerio de Trabajo, al que podría acceder el señor Utrera Molina.	
	<b>2</b> <b>Ex.:</b> Según don Joaquín Gerrigues Walker esto no lo sabe nadie y, un tanto escéptico, afirma en el Estatuto de las Asociaciones está prevista la posibilidad de que el <b>Movimiento</b> las financie. Pero como no se explica la cifra ni la forma en que se llevará a cabo la financiación, yo esa partida ni la considero ni la consideraría si tuviera que montar tal Asociación.	
<b>2</b>	<b>Movimentar-se; mover-se (DLE, 1984)</b>	<b>4</b>
	<b>1</b> <b>Ex.:</b> El Jueves Santo, el viernes, el domingo y hoy lunes, todos los vuelos procedentes de la península y del extranjero, llegaron a tope. El domingo fue el día cumbre, llegando al aeropuerto 250 vuelos, con un <b>movimiento</b> de pasajeros de unos 40.000 entre llegadas y salidas.	
	<b>2</b> <b>Ex.:</b> Fue así cómo los dos industriales tuvieron que renunciar a su viaje de regreso a Madrid e instalarse en el hotel Ritz, de nuevo. Un piquete de trabajadores de la empresa se instaló también en el hall del citado hotel, para vigilar los <b>movimientos</b> de sus patrones. Las personas que se entrevistan con los señores Armeros y Johnsen eran después registradas por los obreros.	

Portanto, a lexia em análise apresenta, nos contextos estudados, sentidos diferentes nos dois anos pesquisados. Em 1940, *Movimiento* era um “partido político”. Sua frequência de uso era em número considerável.

Em 1975, constatamos que o mesmo partido, *Movimiento* aparece com menor frequência nos textos analisados e aparenta estar mais inclinado a discussões de cunho social, posto que há contextos

nos quais encontramos referências a uma possível criação de associações políticas, ato esse totalmente contrário se comparado aos textos de 1940.

Os contextos verificados nos mostram que os itens lexicais que estão ao redor da UL *Movimento* são, em 1940, *satisfacción, amoroso, victoriosa, pujanza, guerra de liberación, generosidad, salvador*, enquanto que em 1975 estão relacionadas às ULs *prensa e reestructuración*.

O emprego dessas unidades lexicais próximas à unidade aqui pesquisada revela muito do tempo histórico e do ambiente social da Espanha ditatorial. Não por acaso há textos que apresentam unidades como *amoroso, guerra de liberación, salvador* empregadas em 1940 e a UL *reestructuración* em 1975, o que confirma, desse modo, que “as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão” (FERNANDES, 2007, p. 26).

## 2) Unidade Léxica *paz*

A UL *paz*, na lista de 1940, ocupa a 21ª posição entre as mais frequentes daquele ano, com 67 ocorrências. No ano de 1975 essa lexia também consta de nossa lista, mas aparece apenas com 33 ocorrências.

Nos DLEs pesquisados há a presença da definição de *paz* como:

1. Virtud que pone en el ánimo tranquilidad y sosiego, opuestos a la turbación y las pasiones. Es uno de los frutos del Espíritu Santo (DLE, 1947).
2. Situación y relación mutua de quienes no están en guerra (DLE, 1984).

Assim, no DLE de 1940 as acepções relacionadas ao item lexical em questão se referem a sossego, passividade, contrário a brigas.

Em 1975, no entanto, a UL *paz* adquire sentidos relacionados a oposição à *guerra*, ou seja, enfatiza-se a contradição entre paz e guerra, na maioria das descrições desse ano.

Sobre seus contextos de uso, no ano de 1940, essa UL se referia a situações em que o governo pedia ajuda aos “verdadeiros espanhóis” para obter a paz contra os inimigos da “Espanha pura e livre”. Nesse sentido, essa informação se coaduna com a consideração de Hiraldo (2002, p.14) de que, para entendermos o significado de unidades abstratas, devemos “hacer un constante ejercicio de relación, de lo abstracto a lo más concreto”<sup>132</sup>. Ou seja, *paz* era utilizada em contextos em que o governo se posicionava como vítima de bandidos que estavam contra seu objetivo de “salvar” o país de mãos inimigas. Assim, a UL *paz* podia ser entendida como “un tratado o convenio que se concuerda entre los gobernantes para poner fin a una guerra”<sup>133</sup> (HIRALDO, 2002, p. 16).

Como comentado, na década de 40 era muito evidente a imposição da força do regime ditatorial nos textos jornalísticos. Esse meio de comunicação era frequentemente manipulado pelas esferas reguladoras do regime ditatorial que enxergavam no jornal mais um poder de convencimento e de alcance de público. Nesse momento, as unidades lexicais são usadas em uma perspectiva bastante perigosa, convertendo-se em propaganda ideológica (CARMONA-RAMIREZ, 2014). E, por meio dessa imposição, expressa-se, também, a violência cultural e intelectual por parte de determinados grupos em detrimento de outros.

Isso pode contribuir à promoção, à ascensão e a manutenção de ditadores no poder, que buscam intimidar o povo e dominá-lo,

---

132 “fazer um constante exercício de relação, do abstrato ao mais concreto” (HIRALDO, 2002, p. 14. TN).

133 “um tratado ou acordo que se estabelece entre os governantes para acabar com uma guerra” (HIRALDO, 2002, p. 16. TN).

bem como caluniar o adversário, difamando pessoas, países, grupos, desqualificando suas culturas, etc.

Por conseguinte, como já observado nesta discussão, os jornais, por meio da linguagem, reproduzem estereótipos e crenças, solidificando as relações de domínio e poder de muitos discursos extremistas. Desse modo, a ideologia franquista buscava, assim como a maioria dos regimes totalitários (de esquerda e de direita), justificar seu governo e fazer ser aceito seu “poder” por meio do total controle da população.

Ratifico o anteriormente dito com os excertos a seguir que revelam de que maneira, no ano de 1940, a UL *paz* estava relacionada à vitória do grupo de Franco, de modo que o povo espanhol devia ser merecedor de possui-lo como governo e, portanto, ser agradecido e leal a suas conquistas. Vejamos:

Primer año de la **paz** fecunda sin duda, porque durante él -Dios lo querrá *si los españoles, haciéndonos dignos del Caudillo, lo sabemos merecer*- remontaremos dificultades, asperezas y crisis y nos haremos invictos de ellas en la **paz** todos los españoles, como fueron invictos de los enemigos los combatientes que ganaron la guerra (La Vanguardia, 1940).

En este año en que toda España está redimida de la ignominia, de la ruina y de la muerte que fue para ella la República, queremos expresar igualmente, no el *anhelo de ver perpetuada una paz* segura, sino el voto solemne y el juramento firme de merecer igualmente esa **paz** con nuestra conducta *de lealtad a España y al Caudillo* (La Vanguardia, 1940).

O uso de ULs como *fecunda, segura, lealtad, régimen*, em 1940, demonstram a situação sob a qual estavam submetidos os espanhóis na referida década, pois a paz deveria ser mantida e sustentada, ainda que fosse imposta, haja vista que esse era o dever de um cidadão de “bem” para o desenvolvimento de seu país. Referindo-se ao grupopositor ao regime, temos ULs como *conflicto, subordinación*, em



1940, enquanto que em 1975, observo *hermandad, libertad de expresión* evidenciando a mudança de discurso e notícias no jornal:

De tal manera que la diversidad de opiniones dentro de un legítimo *pluralismo*, jamás se convierta en posturas irreconciliables que son siempre enemigas de la *paz* (La Vanguardia, 1975).

(...) sin entrar en el fondo de si efectivamente ha sido esfuerzo permanente de Estado ofrecer a los españoles no solo los bienes esenciales de la *paz*, el orden y el progreso, sino también un ordenamiento fundamental y duradero, flexible y abierto al futuro, que se basara expresamente en el principio de que *el destino político de España tiene que ser forjado por los españoles mediante una acción democrática auténtica y progresiva, y que los derechos de la persona humana han de ser estimulados y defendidos en su ejercicio efectivo por todos los españoles* (La Vanguardia, 1975).

Portanto, por meio dos contextos selecionados, referentes ao ano de 1940, entendo que *paz* mantém relação direta com o substantivo Caudilho, a saber: só é digno de paz quem é digno do Caudilho, quem o merece, quem é leal a ele. Por conseguinte, paz pode ser relacionada à submissão ao regime, ao ditador. Essa interpretação ganha força quando verificamos que a imposição da aceitação do regime do Caudilho vem respaldada na ideia de que o regime governamental anterior, a 2ª República, foi a ruína para muitos espanhóis.

A paz, nesse entendimento, entra então em choque com a 2ª República, e Franco aparece no cenário político como libertador do país e promotor da paz. Caudilho era o título de Franco, contudo curiosamente quase não há registros, no *corpus*, referindo-se a UL *ditador*. Ou seja, não se ligava à UL *ditador*, que expressava um sentido negativo, a unidade Caudilho, ou Franco, posto que Caudilho expressava um sentido positivo e era empregado nos contextos para a afirmação do regime.

È nítida a intimidação de um povo sendo realizada também pela força do uso das palavras de um ditador, que caluniava inimigos, instituições, sociedades e culturas que não estivessem alinhadas a suas ideias (CORTÉS, 2009). De acordo com Cortés (2009, p. 180), o regime de Franco usava a palavra para

convencer a las gentes de que se les está promocionando a niveles de libertad, y someterlas a un implacable dominio (...) fácil de adquirir dada la peculiar capacidad del lenguaje para disimular las intenciones del que lo usa con afán manipulador<sup>134</sup>.

Em 1975, dentro das ocorrências verificadas, a UL *paz* refere-se não apenas a situações relacionadas com a política da Espanha ou sua situação social, há também informações sobre outros países, como a descrição de um possível acordo entre as nações de Israel e Egito buscando realizar a paz no Oriente Médio.

Apesar de ocorrer com menor frequência no *corpus* referente ao ano de 1975, a UL *paz* aparece em discursos religiosos em notícias referentes à Igreja Católica; para destacar o modelo de país que os espanhóis esperavam encontrar com o advento de um novo governo, ainda que monárquico, mas que poderia abrir os horizontes da Espanha para uma nova era de transformação e reconhecimento de direitos civis.

Em outros contextos do mesmo ano, houve uma mudança de foco no sentido do item lexical *paz*, pois em 1940 ela referia-se, como apresentado anteriormente, à luta contra determinado grupo contrário ao governo militar e em 1975 vem acompanhada de lexias como *futuro, democracia, progresso, ordem, pluralismo, bem e direito*.

Essas constatações encontram respaldo nas palavras de Fernandes (2007, p. 21) quando o autor afirma que cada “palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico

---

134 “convencer as pessoas de que as está promovendo na liberdade, e submetê-las a um implacável domínio (...) fácil de adquirir dada a peculiar capacidade da linguagem para dissimular as intenções de um afã manipulador” (CORTÉS, 2009, p. 180. TN).

daqueles que a empregam”. Assim, há relações positivas construídas com a UL *paz* neste ano de 1975, haja vista que a UL Caudilho saiu de foco, e o teor de submissão da redação dos contextos, aparentemente, também diminuiu.

Em 1975, há maior convergência de sentido da UL *paz* com o que nos mostra os DLEs analisados, ou seja, a UL *paz* é definida como “sossego e uma boa convivência uns com os outros”.

**Quadro 3 Paz (1940)**

		Ocorrências
	<b>Substantivo</b>	<b>67</b>
<b>1</b>	<b>Virtude que põe em ânimo tranquilidade e sossego; oposto a desordem (DLE, 1947)</b>	<b>67</b>
<b>1</b>	<b>Ex.: ¿Con qué medios contamos para coronar esta labor? Con la movilización de nuestras riquezas naturales bajo un régimen de <i>paz</i>, de colaboración nacional de cuantos elementos integran el proceso económico. En el levantamiento, o mejor dicho, en la creación de nuestra economía. Encontramos con la subordinación de todo interés particular al supremo de la nación, con la racionalización de nuestras producciones y la labor protectora del Estado, con el estímulo de la iniciativa privada y vigor de las actividades nacionales y con el aumento progresivo de la capacidad consumidora de nuestro pueblo. El bienestar económico de la colectividad nacional está íntimamente ligado a esta labor, que si se hubiera orientado y estimulado a tiempo hoy podríamos mejorar la base al acelerar el ritmo.</b>	
<b>2</b>	<b>Ex.: No puede fundamentarse la continuación de la guerra en el desequilibrio que ocasiona la potencia bélica de una nación cuando surge un potente enemigo que precisamente exige se contrapese, ya que por su masa y sus doctrinas es la máxima amenaza para la civilización que necesitamos defender. Para nadie es un secreto las pugnas que en los Balcanes tratan de encender la guerra y extender el conflicto a países que desean mantener la <i>paz</i>.</b>	

Quadro 4 Paz (1975)

		Ocorrências
	<b>Substantivo</b>	<b>33</b>
1	<b>Situação ou relação mútua de quem não está em guerra; tranquilidade pública (DLE, 1984)</b>	<b>33</b>
1	<b>Ex.:</b> Los periodistas deseamos vivamente la convivencia pacífica de todos los españoles, pero creemos que a la <b>paz</b> se llega también por la palabra, por la <i>libertad de expresión</i> sin trabas por la recia probidad informativa garantizada oralmente por una profesión y una prensa sobre la que rige una normativa legal múltiple y severa y cuyo comportamiento creemos que no justifica esta dureza. Una dureza que, por encima de incertidumbres y temores, no va a entibiar el caliente afán de los periodistas de servir desde su parcela propia, a la gran empresa común de una España <i>justa, hermana</i> y en <b>paz</b> .	
2	<b>Ex.:</b> Ayer, en Madrid, mientras el centro hervía ya de fervor patriótico ante la magna concentración de homenaje a Franco, cuatro servidores del orden, de guardia en distintas sucursales bancarias, eran víctimas de otros tantos salvajes atentados. Si es que todavía hacía falta alguna fatídica muestra más del sanguinario proceder de la rama española del terrorismo internacional, para convencerse de las razones que asisten a nuestros gobernantes en la puesta en práctica de eficaces medidas de defensa de la <b>paz</b> y del orden, nos toca hoy contabilizar estos nuevos y espeluznantes asesinatos, resultado evidente de una siniestra operación perfectamente calculada.	

A partir das considerações anteriores, vimos que os adjetivos que circundam a UL *paz*, em 1940, são reveladores de um pensamento de afirmação do governo ditatorial, de apoio à situação conquistada pelos militares para salvaguardar o “bem” do país. Os contextos analisados nesta obra foram elaborados por um discurso mergulhado numa época de ditadura na qual a liberdade de expressão não fazia parte do cotidiano profissional e civil daquela sociedade, e por isso não julgo a ideologia do jornal, apenas descrevo os dados nele encontrados.

### 3) Unidade Léxica *Estado*<sup>135</sup>

A lexia em questão apresenta frequência no ano de 1940, de 162 ocorrências e no ano de 1975, de 129. Como mencionado anteriormente, para chegar a esse montante, considero também as aparições referentes ao plural desta UL.

Em meio a tantas referências à UL *Estado*, apresento aqui a acepção mais encontrada nos contextos dos textos jornalísticos analisados e que se coaduna com a apresentada pelos DLEs de 1947 e 1984:

6. En el régimen federativo, porción de territorio cuyos habitantes se rigen por leyes propias, aunque sometidos en ciertos asuntos a las decisiones del gobierno.

De maneira geral, no ano de 1940, essa UL aparece em contextos nos quais são descritos acontecimentos sociais, sobretudo, políticos, relatando situações ligadas à Espanha, bem como a outros países muito citados na época, como França, Itália e, sobretudo, Alemanha.

Há a presença maçante de textos que descreiam situações sobre encontros e eventos militares em lugares públicos, sobre os discursos e homenagens que os “Chefes de Estado” recebiam, com frequência, na Espanha que se vislumbrava após a guerra civil.

De acordo com os contextos analisados, havia a elaboração de um discurso que sustentava a ideia de que o General não permitiria que o Estado espanhol sofresse com a pobreza e, para tanto, faria a revitalização da sociedade conspurcada pelo anterior governo, a 2ª. República, a saber:

El peligro que pueden correr los *Estados* totalitarios, según acredita la experiencia, es el de llegar a la paradoja de Estado rico y nación pobre. Pero en España no hay el menor peligro de esta desviación, porque aparte de

---

135 Para saber mais sobre essa análise, ver estudo sobre o item lexical *Estado* em Carmona-Ramires, 2020.

nuestra originalidad, está dicho por el Caudillo que el **Estado** será siempre un servidor de la Nación, como ésta de aquél, pero sin empobrecer, de suerte que no ha de alterar jamás, estemos seguros, el esquema de **Estado** rico y nación próspera, que es finalidad y designio del Gobierno (La Vanguardia, 1940).

Outra ideia frequentemente relacionada a essa UL é a de que o Caudilho possuía total domínio sobre a regência do país. No *corpus* analisado, a fala de Franco atingia um nível transcendental de obediência e o objetivo principal de seu discurso, nos contextos de 1940, é o de convencer sobre o fato de que os bons espanhóis deveriam estar sempre a favor do Estado Espanhol, ou seja, apoiando o ditador. A saber:

Juzgamos trascendental el documento leído por el Caudillo el día último del año ante el micrófono, porque en él se condensa, en términos de claridad estricta, con exposición metódica, la situación del **Estado** español en el tránsito del año que se fue al año que ha venido (La Vanguardia, 1940).

A lexia *Estado* referindo-se à situação política espanhola, é altamente empregada, pois contextos descrevendo a depressão, a decadência, a situação lastimável e desfavorável (utilizando-nos de adjetivos retirados do jornal) do país, são facilmente encontrados nos textos. Ao tratar desses adjetivos, é oportuno esclarecer que aqueles estão relacionados ao antigo governo, ou seja, à 2ª República. Não se ligam esses adjetivos pejorativos ao regime franquista, por ser esse o responsável pela “salvação do país” e pela sua ascensão política e desenvolvimento social, segundo os contextos aqui analisados. Ao regime do Generalíssimo (outra designação de Franco) se relacionavam somente adjetivos positivos e que enaltescessem o país, a saber:

La época exige nuevo ritmo y no es posible aquel aire cansino de antaño que llegó a caracterizar las oficinas del Estado. Yo aspiro a que, elevando y dignificando a nues-

tros funcionarios, volvamos a los otros tiempos anteriores 'en que el haber *servido al Estado* era constitutivo de un timbre de *honradez y laboriosidad* (La Vanguardia, 1940).

O excerto anterior se refere à 2ª República, regime anterior à ditadura franquista, como sendo um tempo de pouco trabalho e improdutividade. Assim, em 1940, Franco, era considerado como o responsável por devolver à nação um Estado honrado e produtivo.

Nos contextos de 1975 há a descrição de uma cobertura exaustiva sobre a visita do presidente americano ao território espanhol, bem como da transferência de poder do Caudilho para o Príncipe Juan Carlos, e conseqüentemente, da esperança dos espanhóis pela abertura política e social do país com o advento da democracia, apresentando a ideia de que haveria uma nova oportunidade para a Espanha de prosperar, sem o jugo ditatorial.

Tanto em 1940 quanto em 1975, os acontecimentos sociais mais relevantes da época estão relacionados ao emprego dessa lexia. Por analisar textos jornalísticos, me depararia seguramente com as notícias mais importantes de cada ano aqui estudado, contudo eu não esperava que essas notícias estivessem focadas tão explicitamente nos mesmos assuntos, haja vista que essa pesquisa analisou 12 edições de cada ano pesquisado, ou seja, uma edição do *La Vanguardia* por mês.

A seguir, exponho um excerto do jornal no qual há a situação anteriormente descrita:

Bajo el título de una nueva posibilidad para España, The Daily Telegraph publica un editorial en el que afirma que la aceptación del Príncipe de tomar los poderes de Jefe de Estado temporalmente es lo más importante que ha ocurrido en España en muchos meses. Indica que esta aceptación supone una ruptura de la parálisis política producida por la enfermedad de Franco y que, a pesar de que no se pueda considerar que todo comienza de nuevo, *de momento España tiene una nueva posibilidad de funcionar nuevamente como Estado* (La Vanguardia, 1975).

Ligada também a essa UL, há, ademais, a descrição sobre o estado de saúde de políticos e de seus familiares, bem como havia a preocupação, por parte de algumas figuras políticas, com a saúde de Franco e como seria estabelecida a nova situação política do país:

Entre los innumerables mensajes recibidos por la Casa Civil del Generalísimo interesándose por la salud de Jefe del Estado, abúndanos que proceden de las provincias catalanas, destacando los expresivos telegramas de las corporaciones barcelonesas (La Vanguardia, 1975).

citando una declaración de Madrid, la agencia oficial china, en información radiada oída de Hong Kong, indicaba que el Príncipe se hace cargo de la Jefatura de **Estado** por *enfermedad* del Generalísimo Franco (La Vanguardia, 1975).

Além das já mencionadas situações relacionadas ao item lexical aqui em estudo, algumas descrições de como alguns países (Estados Unidos e China) enxergavam o novo governo espanhol de 1975, estão também presentes no jornal, descrevendo-a como uma possibilidade de abertura e modernização para a Espanha.

De maneira geral, no ano de 1975, as notícias mais relevantes com relação a essa lexia giram em torno da visita do presidente americano, Gerald Ford, ao país, bem como sobre o estado de saúde do general e sobre a transferência de seu poder para o sucessor escolhido, o então príncipe.

A partir dessas considerações, diferentemente de 1940, quando me deparei com assuntos que enfocavam a necessidade de separar os “bons” dos “maus”, os inimigos da Espanha dos verdadeiros heróis do país, em 1975 o assunto mais frequentemente ligado a *Estado* era o da mudança política, ou pelo menos uma possibilidade de um novo panorama político e social que se apresentava à Espanha naquele ano.

Na sequência (quadros 5 e 6), há alguns fragmentos de notícias nas quais ocorre a UL *Estado*:



**Quadro 5 Estado (1940)**

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	<b>País, Nação (DLE 1947):</b>	<b>162</b>
	<b>Ex.:1</b> El Jefe del <b>Estado</b> fue acogido con clamorosos y entusiásticos vítores de la selecta concurrencia, que prorrumpió en un prolongado Franco! ¡Franco! ¡Franco!	<b>152</b>
<b>2</b>	<b>Estado de ânimo; situação (DLE 1947):</b>	<b>7</b>
	<b>Ex.:1</b> La guerra ha causado en todos los tiempos un <b>estado</b> de depresión en la vida económica, a la que no se han substraído ni las naciones más fuertes y poderosas.	
	<b>Ex.:2</b> Existen otros importantes sectores de la importación, que como veremos, contribuyen a este <b>estado</b> desfavorable de nuestra balanza y que en todo o en parte pueden reducirse.	

**Quadro 6 Estado (1975)**

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	<b>País-governo (DLE 1984)</b>	<b>129</b>
	<b>Ex.:1</b> El presidente de la Sección Séptima de la Audiencia Provincial de Madrid, don José María Salvedo Ortega, preguntó al término de la sesión de ayer al fiscal y al abogado del <b>Estado</b> si tenían algo más que manifestar, a lo que contestaron que no.	<b>116</b>
<b>2</b>	<b>Saúde (DLE 1984)</b>	<b>6</b>
	<b>Ex.:1</b> El <b>estado</b> de doña María Luisa Vázquez ha sufrido una ligera mejoría en el día de hoy, pudiendo considerarse bastante satisfactorio dentro de la gravedad que padeció durante todo el día de ayer.	
<b>3</b>	<b>Segundo DLE (1984): Situação</b>	<b>3</b>
	El procurador de representación familiar por Barcelona, Juan Antonio Samaranch Torelló, pregunta al Gobierno, de manera especial al Ministerio de Obras Públicas, cuál es el <b>estado</b> actual de los trabajos en el desarrollo o ejecución del proyecto del ferrocarril de enlace estación Sants-Prat y cuándo está prevista su total terminación, así como si se ha fijado fecha para su entrada en servicio.	

#### 4) Unidade Léxica **Nacional**

Essa lexia está na lista de frequência, no ano de 1940, com 119 ocorrências e no ano de 1975, com 80 ocorrências. Nos DLEs de 1947 e 1984 essa UL é descrita como:

**Nacional.** adj. Pertenciente o relativo a uma nación|| 2. Natural de uma nación, en contraposición a extranjero.

Ú. t. c. s. || 3. V. Bienes nacionales. || V. Concilio, milicia nacional. || 5.m Individuo de la milicia nacional.

De maneira geral, no ano de 1940, essa unidade lexical é encontrada em contextos que descrevem, sobretudo, acontecimentos políticos. Ela aparece inúmeras vezes, juntamente com a UL *Movimiento*, referindo-se a situações em que o hino e a bandeira do país, e do Partido, são enaltecidos, haja vista que também nos monumentos nacionais a bandeira nacional e do *Movimiento* estavam presentes, como podemos analisar a seguir:

(...) en el salón de fiestas se colocaron las banderas nacional y del Movimiento. Una orquestina amenizó la fiesta, que se interrumpió a media noche para pasar la distinguida concurrencia al salón comedor donde se sirvió un espléndido refrigerio (La Vanguardia, 1940).

Há também contextos que descreviam desfiles realizados pelas forças armadas, bem como homenagens ao Caudilho, essas mais frequentemente ocorridas na cidade de Madri.

Fato relevante para ressaltar é a presença, em alguns contextos, do dia da *Fiesta Nacional para el Caudillo*. A década de 40, do século XX, foi a ratificação da consolidação do poder ditatorial de Franco e para destacar a relevância do General no cenário nacional foi estabelecido um dia para a exaltação de sua vida e de sua atuação como chefe de Estado:

(...) con motivo de la Fiesta Nacional del Caudillo, se ha celebrado una vistosa parada militar en la que tomaron parte fuerzas de la guarnición, en uniforme de gala (La Vanguardia, 1940).

Como já apresentado, o tema *atividade militar* predominava no jornal pesquisado, *La Vanguardia*, fato que se ratificou no estudo quantitativo e se evidencia nas descrições sobre a posse de novos chefes do departamento de assuntos governamentais, bem como relatos sobre a instabilidade econômica do comércio espanhol da época.

Há também contextos em que a UL *nacional* se relaciona à realização de missas solenes em homenagem à guerra vencida pelos militares.

O jornal apresenta, ainda, contextos em que o governo demonstra preocupação pela alta taxa de mortalidade infantil e essa preocupação era discutida pela *Delegación Nacional de la Sección Femenina de Falange Española Tradicionalista*.

Como verificado anteriormente, na década de 40, efetivamente, os direitos civis não eram respeitados, sequer eram considerados. Em um contexto, entre outros vários encontrados no *corpus*, há a descrição sobre as férias laborais sendo canceladas com o objetivo de se manter a produtividade da produção, a saber:

(...) en respuesta al llamamiento del ministro de Trabajo, el Sindicato Nacional de Obreros de Altos Hornos ha decidido suspender todas las vacaciones para mantener el ritmo de la producción de guerra (La Vanguardia, 1940).

Tratando do ano de 1975, há a unidade lexical *Nacional* se referindo a países como Argélia e também a então União Soviética (URSS). Esses países são referenciados pelo *La Vanguardia* para descrever o apoio que a URSS deu a Argélia naquela época, para o fortalecimento de seu exército, enviando-lhe tanques de guerra, canhões e armamentos.

A abertura para a discussão de assuntos relacionados à anistia (década de 60) se fazem presente no *corpus* referente a 1975, pois há textos que expõem uma possível discussão, por parte do governo, sobre o perdão dos delitos políticos ocorridos no território espanhol durante a Guerra Civil e a ditadura. A Espanha vivia um novo momento político devido à doença do General Franco e o advento de um novo governo. Havia a esperança de um novo recomeço para todos, incluindo os adversários do regime. Nessa década, muitas foram as pessoas que “ressurgiram” no cenário espanhol, porque estavam anos ou décadas, escondidas, fugindo da perseguição contra

os opositores do regime franquista. Ficaram conhecidos, no cenário espanhol, como “los topos del franquismo”<sup>136</sup>.

Há contextos nos quais a UL aqui estudada se relaciona também com assuntos diversos, tais como descrições sobre o Prêmio de Literatura Nacional, sobre a previsão do tempo em diversas regiões do país, sobre a notícia do encerramento das atividades do jornal *Arriba España*, bem como descrições sobre os problemas econômicos enfrentados pelo país devido ao seu isolamento político durante as décadas anteriores.

Há também contextos nos quais havia discussões para criação e atuação, ainda que incipiente, dos sindicatos no país, com o objetivo primordial de alcançar acordos por meio do diálogo entre sindicatos e o governo, bem como notícias sobre situações enfrentadas pelos trabalhadores, e a discussão de assuntos tais como a redução da carga horária laboral e a idade mínima para admissão no trabalho.

Outro assunto apresentado pelo *La Vanguardia* em 1975 é o da contribuição financeira dada pelo *Consejo Nacional del Movimiento* para a criação das associações também políticas buscando a reforma social espanhola, antes abolidas pelo regime de Franco.

Como já destaquei anteriormente, *Movimiento* foi um partido político criado ainda durante o período da Guerra Civil para apoiar o regime de Franco e, portanto, esse “partido”, em 1940, tinha caráter opressor. Todavia, de acordo com os dados observados em 1975, há por parte do partido o fomento de debates a respeito de direito civis, fato bastante significativo e expressivo da mudança pela qual estava passando a Espanha da década de 70, do século XX.

Apesar da verificação de contextos nos quais havia o surgimento de assuntos relacionados aos direitos civis, ainda em 1975 havia, mesmo que em poucas referências, manifestações de apoio a Franco, conforme se comprova com expressões de adesão ao ditador e ao príncipe Juan Carlos e a princesa Sofia:

---

136 *Topos* se refere às pessoas contrárias ao regime Franquista que, devido a repressão violenta do regime ditatorial, estiveram escondidas nos lugares mais improváveis, no território espanhol, para preservarem suas vidas. Para obter mais informação sobre o tema, destaco o livro *Los topos* (J. Torbado; M. Leguineche, Madrid: Capitán Swing, 2010).

(...) parecidas manifestaciones de adhesión a Franco, a su Gobierno y a los Príncipes de España, se produjeron en todo el territorio **nacional** con motivo de los actos celebrados para conmemorar el treinta y nueve aniversario de la exaltación del Caudillo a la Jefatura del Estado, que este año han revestido *mayor brillantez y grandiosidad* que en ocasiones anteriores, dada las grandes concentraciones de millares de personas, de todas edades y condiciones, que han querido testimoniar su *caluroso apoyo a Franco* y su repulsa ante la injerencia extranjera en los asuntos internos de España (La Vanguardia, 1975).

Nesse excerto, notamos que o fato da Espanha ser governada pelo Caudilho era motivo de comemoração por parte da população espanhola que, segundo o jornal, ia render o “caloroso apoio” ao General pelas ruas do país. Já em 1975, há uma rejeição ao uso de expressões que vangloriem seu governo e enalteçam o chefe de Estado:

La Invocación o exclamación “Por Dios, España y su Revolución Nacional Sindicalista” es por lo menos inactual (La Vanguardia, 1975).

**Quadro 7 Nacional (1940)**

Substantivo		Ocorrências
		119
<b>1</b>	<b>Pertencente a uma nação (DLE 1947)</b>	119
	<b>1</b> <b>Ex.:</b> El bienestar económico de la colectividad <b>nacional</b> está íntimamente ligado a esta labor, que si se hubiera orientado y estimulado hace tiempo hoy podríamos mejorar la base al acelerar el ritmo.	
	<b>2</b> <b>Ex.:</b> Este desnivel permanente y visible de nuestro comercio encierra tal gravedad para nuestra economía, que al suprimirlo ha debido constituir la directriz principal de nuestra política económica, que evitaría que la riqueza <b>nacional</b> se agotase en esta sangría suelta de centenares de millones que anualmente marcha a vigorizar la economía de los países exportadores.	

**Quadro 8 Nacional (1975)**

Substantivo		Ocorrências
		<b>80</b>
<b>1</b>	<b>Pertencente a uma nação (DLE, 1984)</b>	<b>80</b>
<b>1</b>	<b>Ex.:</b> El convencimiento de la validez de estos planteamientos, el supuesto de la recuperación de la economía internacional en el segundo semestre y las actuales tendencias contractivas de la economía española, con el fuerte aumento del desempleo, llevan a proponer a la Administración que, con independencia de las medidas que ya ha adoptado, disponga una coherente política económica que permita a prevista tasa de crecimiento del producto <b>nacional</b> bruto del 4'5 al 5 por ciento, así como la mejora y reorientación de la estructura productiva y de expansión de las exportaciones y que se resumen en esas siguientes peticiones.	
<b>2</b>	<b>Ex.:</b> Otros aspectos contemplados en el proyecto se refieren a la modificación de la edad mínima para la admisión en el trabajo, la revisión del salario mínimo Interprofesional cada seis meses, la reducción de la semana laboral a 44 horas y la creación de un fondo <b>nacional</b> de garantía salarial para casos de Insolvencia o quiebra de las empresas.	

Segundo os anos pesquisados, entendo que há, evidentemente, a expressão das concepções de mundo de cada ano exposto no uso da língua, pelos textos do jornal. E assim, mais uma vez, a língua reflete traços específicos de cada período social e político de uma nação.

5) Unidade Léxica **Gobierno**

Com 106 ocorrências no ano de 1940, a lexia *gobierno* apresenta como 1ª. acepção no DLE de 1947, a ação e efeito de governar, a saber:

- Gobierno. m.** acción o efecto de gobernar o gobernarse
- 2.** Orden de regir y gobernar una nación, provincia y plaza etc.
- 3.** Conjunto de los ministros superiores de un Estado.

Na maioria dos contextos de 1940 analisados a UL *gobierno* se relacionava a uma ideia de elaboração de sentido positiva da imagem de Franco, pois o descrevia como sendo o libertador da Espanha,

escolhido para fazer o país retornar ao seu bom funcionamento, em seus aspectos social, moral e político. Nada divergente das outras ULs aqui pesquisadas.

No excerto a seguir destaca-se, fortemente no texto presente no jornal, a imposição da ideia de preocupação do governo com o povo, e assim, as prisões arbitrárias, as execuções, os abusos de poder, eram todos atos respaldados por esse discurso de fomento de busca pela “paz” na “nova” Espanha:

(...) la preocupación principal del **Gobierno** es poder atender a las familias humildes aumentando los contingentes de los artículos de primera necesidad. Se esperan de un día a otro dos barcos procedentes de América con 12.000 toneladas de garbanzos de las que se distribuirán en Madrid, durante el mes de enero, 6.700 quintales métricos (La Vanguardia, 1940).

A ideia subjacente aos textos do jornal era a de que a Guerra Civil foi um acontecimento imprescindível e libertador pelo qual a Espanha teria que passar para que ressurgisse. Era necessário convencer, manipular, persuadir a população para que enxergasse também os aliados políticos e militares, nesse caso, a Alemanha, como “paladinos” de seus povos e protetores de suas culturas, conforme observado no excerto a seguir:

En la lucha contra el ejército holandés, provocada por la actitud de su **Gobierno**, el ejército alemán ha hecho todo lo posible *para proteger la población y conservar el país* (La Vanguardia, 1940).

Assim, como observado na análise da UL *ley* (vide p. 126), adeptos de ideias não convergentes ao regime estavam obrigados por lei a se apresentarem regularmente ao governo e, se quisessem continuar por ali, no país, deveriam se ajustar a nova situação política.

Em 1940, deparei-me com contextos em que havia o estabelecimento de “leis” para prender pessoas ao menor sinal de relações

suspeitas com atividades subversivas, mesmo sem comprovação efetiva. Vejamos:

De la Valera tiene necesidad de actuar con toda rapidez, habiendo cancelado los permisos concedidos a los oficiales del Ejército al mismo tiempo que ha sido convocado el Parlamento para votar los plenos poderes al **Gobierno**, incluyendo en ellos la autorización para encarcelar sin pruebas a las personas sospechosas de actividades subversivas (La Vanguardia, 1940).

Em linhas gerais, assim como as outras unidades lexicais aqui analisadas, o item lexical *gobierno*, em 1940, se relaciona ao sentido de ordem, obediência. Em grande parte das ocorrências desta lexia, há a descrição de leis e resoluções ditadas pelo governo para a obtenção da “paz e progresso” do país e seus cidadãos.

Assim, os sentidos encontrados nos contextos analisados são compatíveis com algumas acepções registradas no *corpus* de exclusão, posto que, ao me ater ao verbete do DLE de 1947, a 12ª acepção descreve o poder que incide no governo e como esse dispõe da possibilidade de exercê-lo, sem limites.

Já com relação ao ano de 1975, encontramos menor número de ocorrências da UL aqui em estudo, sendo 82 no total e o DLE de 1984 nos apresenta mais informações contidas e descritas no verbe- te que se comparado ao verbe- te de 1947.

Lendo mais detalhadamente as definições da unidade *gobier- no* no DLE de 1984, um ponto chama a atenção. Na 10ª. acepção, há um exemplo de uso que apresenta a frase *mujer de gobierno*.

### **Gobierno. m. 10. V. mujer de gobierno**

Esse exemplo de uso não aparecia no verbe- te do DLE de 1947. Nesse novo panorama social e político da Espanha, a mulher já não mais ocupava um lugar de menor visibilidade dentro da sociedade



daquele país. Apesar de ser ainda relacionada à unidade mulher a um homem, nesse caso, *gobierno*, a *lexia mujer* foi inserida no verbete e observo, nesse fato, uma evolução de conceitos e, quiçá, costumes.

Ainda com relação aos assuntos apresentados pelo jornal, há maior preocupação na apresentação de discussões voltadas ao âmbito econômico e da busca pelo desenvolvimento do país, em 1975. Há também contextos em que se descrevem projetos de lei que objetivavam regulamentar as relações laborais, inclusive com um capítulo a respeito da participação dos trabalhadores na gestão e lucros da empresa, tema improvável se pensado no ano de 1940. A seguir, ilustro alguns exemplos:

Este procurador pide la devolución al **Gobierno** del proyecto de ley por considerar que en éste debe figurar un capítulo dedicado a la *participación de los trabajadores en la gestión y frutos de la empresa*; que se ha de ir con urgencia a una reforma y perfeccionamiento de la Ley Sindical que permita la constitución de asociaciones de trabajadores y técnicos y de empleados libres y autónomos en orden a una normalización de las relaciones laborales (La Vanguardia, 1975).

Dadas las dificultades de la economía mundial y el efecto negativo que necesariamente produce sobre la balanza de pagos y el equilibrio exterior de España, el **Gobierno**, pese a todos esos inconvenientes, subraya y reitera la necesidad de proseguir en el desarrollo de la economía española y en el aumento de las principales magnitudes económicas del país (La Vanguardia, 1975).

El ministro de Trabajo y Vice presidente del **Gobierno**, don Licinio de la Fuente, ha señalado hoy que el inmovilismo no es bueno ni en el orden social ni en el político (La Vanguardia, 1975).

Assim, na análise dos contextos de 1975, o foco nas discussões não se centra mais tão incisivamente em temas como o estabelecimento e aceitação do novo regime por parte da população, e distinção entre os dois grupos existentes na Espanha, como os franquistas

e os revolucionários, o que poderia ser entendido, de acordo com a imposição ideológica do governo, como o lado do bem e do mal. A lexia *gobierno* não está relacionada, em 1975, mais ao franquismo e ao estabelecimento de leis para a concretização e manutenção da ditadura. Também não foi encontrado mais, no *corpus* em questão, contextos retratando uma perseguição tão acirrada àqueles que não comungavam da mesma ideologia do regime.

Contudo, destaco que havia a abertura de discussão para temas como a busca pelo desenvolvimento do país, tanto no âmbito social quanto no econômico, bem como a preservação ambiental e, sobretudo, a abertura para a participação dos empregados em questões de suas empresas.

Outro tema muito recorrente nos contextos relacionados a UL *gobierno*, em 1975, é a lei de sucessão que o governo de Franco implementou para que seu regime tivesse continuidade. Em grande parte das análises esse era o tema predominantemente apresentado pelo jornal, que em muitos contextos expressava a opinião de que a transição era um fato relevante para o país, contudo essa deveria trazer a participação social nos assuntos políticos da Espanha de maneira mais contundente, verdadeira e justa. Vejamos os excertos a seguir:

Todos estamos 'identificados' con el esplendoroso momento político vivido por nuestro glorioso general Francisco Franco, con nuestra Ley monárquica de sucesión y con nuestro Príncipe Juan Carlos, como sucesor a título de Rey, *siempre y cuanto todo signifique*, en un futuro que esperamos muy próximo, *auténtica participación del pueblo en el **gobierno** de la Patria* (La Vanguardia, 1975).

la aceptación del Príncipe es una buena noticia, porque significa que España tiene un **Gobierno** y porque el Príncipe está ahora en mejor posición que Franco, enfermo (La Vanguardia, 1975).

A seguir, nos quadros 9 e 10, apresento mais alguns contextos referentes à lexia em estudo:

**Quadro 9 Gobierno (1940)**

		Ocorrências
<b>Substantivo</b>		<b>106</b>
<b>1</b>	<b>Ex. Ato ou efeito de governar (DLE 1947)</b>	
	<b>1</b> Quienes en tiempo anterior a la publicación de esta ley hayan pertenecido a la masonería o al comunismo, en los términos definidos en el artículo cuarto, vienen obligados a formular ante el <b>Gobierno</b> una declarada retratación en el plazo de dos meses y conforme al modelo que las disposiciones reglamentarias establezcan, en el cual se haga constar aquel hecho así como las circunstancias que estimen pertinentes, y señaladamente, si concurriese alguna de ellas, las determinadas en los artículos sexto y décimo.	

**Quadro 10 Gobierno (1975)**

		Ocorrências
<b>Substantivo</b>		<b>82</b>
<b>1</b>	<b>Ex. Ato ou efeito de governar (DLE 1984)</b>	
	<b>1</b> El proyecto de Ley sobre Relaciones Laborales ha sido presentado hoy a los medios informativos. El acto se desarrolló en el Ministerio de Trabajo y fue presidido por el titular del Departamento y vicepresidente tercero del <b>Gobierno</b> , don Licinio de la Fuente.	
	<b>2</b> El <b>Gobierno</b> percatado del problema, ha remitido a las Cortes el Proyecto de Ley sobre creación y Conservación de Espacios Naturales Protegidos, cuyo estudio por la Cámara Legislativa está suscitando controversias. Algún procurador ha llegado a afirmar que la protección de los espacios naturales es una agresión a la cultura. Ante semejantes palabras sólo cabe pensar que o bien denotan una absoluta ignorancia acerca de la degradación que sufre la Tierra, o bien no se ha comprendido un concepto como la defensa de la Naturaleza.	

A diminuição das ocorrências da lexia *gobierno* e a mudança de foco relacionada aos contextos em que essa UL se encontra ratificam o argumento de que o reflexo de uma sociedade também é entendido a partir da análise de seu léxico, pois “os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações,

acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana” (FERNANDES, 2007, p. 20).

#### 6) Unidade Léxica *política*

No ano de 1940, o item lexical *política* apresenta 76 ocorrências e, no ano de 1975, 59. Sobre 1940, analisando registros no DLE de 1947, essa UL designa, entre outras acepções, a manutenção da ordem e dos bons costumes, como podemos verificar a seguir:

**Política. f.** Arte de gobernar y dar leyes y reglamentos para mantener la tranquilidad y seguridad públicas, y conservar el orden y buenas costumbres.

Assim, a UL *política* pode ser relacionada à “arte, doctrina u opinión referente al gobierno de los Estados” (HIRALDO, 2002, p. 16), bem como a “actividad de los que rigen o aspiran a regir los asuntos públicos” (HIRALDO, 2002, p. 16).

Reportando-me aos contextos do *corpus*, de maneira geral, no ano de 1940, *política* compõe a descrição de acontecimentos associados à luta entre os “espanhóis de bem” e os que se colocavam contra o novo regime governamental espanhol. Há nos contextos do jornal muitos discursos políticos que buscavam fomentar a ideia de que a guerra vivida anos antes (1936 a 1939) havia sido realizada com o intuito principal de fazer a Espanha melhor, buscando o progresso econômico e a estabilidade política.

Vejamos o fragmento a seguir

(...) desde el primer día de la guerra luchábamos por una España mejor, y que serían estériles los sacrificios nuestros si no realizábamos la revolución indispensable a nuestro progreso económico y estabilidad *política* (La Vanguardia, 1940).

Outro tema frequente nas notícias do jornal era a descrição sobre as vitórias do exército de Franco contra os republicanos. Nesses

contextos, os itens lexicais utilizados para a elaboração dos textos transmitiam sentidos positivos relacionados a ideais do governo franquista, ao apresentar ULs como *hecho rico, victoriosa, pujanza, verdad*.

É importante ressaltar que as notícias jornalísticas tinham por objetivo destacar somente aspectos positivos do grupo franquista, com o objetivo de convencer a população do “bem” que estava sendo realizado pelo governo ditatorial no país naquele momento. Esse fato converge com os estudos de Calero (2003, p. 52) quando esse autor expõe que “los medios de comunicación social fueron instrumentalizados como armas propagandísticas por ambos bandos en conflicto”<sup>137</sup>.

Por conseguinte, o léxico

era usados para causar efeitos de convencimento na população, ou seja, tudo o que acontecia no país, a fome, o desemprego, as perseguições políticas, as mortes de tantos adversários políticos eram consequências de uma reestruturação que a Espanha tinha de passar para encontrar um melhor caminho (CARMONA-RAMIREZ, 2020, p. 24).

Os governos, independente do regime político, (direita esquerda) muitas vezes para manter e dar legitimidade a seu poder se utilizam de palavras como estratégia proposital, como uma poderosa arma de comunicação, de manipulação, seja para facilitar sua identificação com as camadas economicamente mais baixas da sociedade ou para encontrar apoios políticos e econômicos com os grupos que os interessem.

A mídia, dentro dessas situações políticas, reproduz os discursos governamentais e, se necessário os ratifica, para servir aos objetivos das classes sociais que a promove. Assim, as matérias jornalísticas em muitos aspectos, ainda hoje, não são muito diferenciadas das que eram elaboradas no passado, pelo menos no que se refere ao campo político (BOURDIEU, 1989; CALERO, 2003; MARTÍNEZ, 2006; FERNANDES, PHILIPPSSEN, 2012).

---

137 “os meios de comunicação social foram instrumentalizados como armas propagandistas por ambas as partes do conflito” (CALERO, 2003, p. 52. TN).

Com relação ao grupo adversário, os republicanos, há lexias que ressaltavam a necessidade de diminuir a capacidade de combate do rival, descrevendo de forma negativa a fuga de muitos *rojos* para os países vizinhos à região da Catalunha. Entre as unidades lexicais utilizadas destaco, a título de exemplo, *falta de consistencia y fuerza, destrozada*.

O item lexical em estudo também foi utilizado em contextos que se referiam à *Real Academia Española*. De acordo com as análises, há contextos que afirmavam ser necessário resgatar e purificar essa instituição do provincianismo instaurado durante o governo republicano.

Como apresento desde o início das análises, a política governamental era tema relevante nos contextos analisados e não apenas a política da Espanha, mas também a situação de outros países em destaque na época como a França, a Itália, o Japão e, sobretudo, a Alemanha. A década de 40, do século XX, estava marcada pela devastação de uma guerra mundial, e esse panorama bélico fazia-se fortemente presente no jornal *La Vanguardia*, apresentando também a situação de como alguns países se comportavam durante a 2ª Guerra Mundial frente à “soberania” da Alemanha.

Para exemplificar as considerações anteriores com respeito à utilização de ULs com caráter positivo para a descrição das atividades políticas e militares dos aliados do governo franquista, selecionei o fragmento a seguir que discorre sobre a conduta do governo de Hitler. Vejamos:

(...) pero la suerte no llega más que hasta cierto punto, Adolfo Hitler la merece porque *facilita al Destino la tarea de ayudarle*, porque actúa sobre el principio de que en la vida **política** hay que estar constantemente preparado para aprovechar las ocasiones que se presenten. Por otra parte sus adversarios le dan casi hecha la labor, y ésta es una prueba de que están llamados a desaparecer (La Vanguardia, 1940).

Além desse texto, com explícito conteúdo de apoio ao ditador alemão, há descrições sobre as vitórias do exército germânico, a aliança entre a Itália fascista e a Alemanha, e a verificação de que, naquela época, Hitler se considerava o “dono” político e militar da Europa, posto que, segundo o jornal,

(...) los últimos acontecimientos balcánicos, a su vez, han venido a consagrar y consolidar, por parte del Eje, el dominio del Continente europeo, del cual Inglaterra ha sido totalmente expulsada (La Vanguardia, 1940).

No ano de 1940, a UL *política* é utilizada com sentido de apoio aos regimes de governo daquele momento histórico, como não podia deixar de ser, no panorama de repressão existente na época. Os adjetivos utilizados para acompanhá-la eram, em sua maioria, de aceção positiva, como apresentados anteriormente, ratificando, assim, o discurso de apoio aos ditadores.

Com relação ao ano de 1975, o item lexical *política* é usado em contextos que relatam o aumento do desemprego e a apresentação da reformulação de propostas na área da política e economia. A Espanha passava, ainda, por um período de consolidação de seu prestígio na Europa como país relevante, pois o governo franquista não encontrava respaldo político em muitas nações e estas isolaram, política e economicamente, a Espanha. Vejamos:

España, geopolítica y geográfica, psicológica y racionalmente, es Europa. Y por consiguiente, nuestro destino normal es la integración en Europa. Es evidente que tenemos para ello una serie de dificultades, se habla de dificultades **políticas**. (La Vanguardia, 1975).

Problemas econômicos referentes ao equilíbrio das contas do país, um explícito esforço para o fomento da exportação, da criação de um sistema produtivo com maior eficiência, com melhor aproveitamento dos recursos de que dispunha a Espanha, são alguns dos temas relacionados à UL *política* no jornal de 1975. Nesse ano,

sobressaem discursos políticos que descreviam um processo que implicava uma renovação para o alcance da democratização, uma renovação da elite política, buscando a transição de forma legítima por meio de eleições e de um ajuste coerente com os interesses sociais:

La modernización alcanzada por la sociedad española presiona y favorece de manera nítida un proceso de democratización **política**. Ese proceso implica una renovación de la élite **política**, un tránsito de formas de legitimación carismática a formas racionales de legitimación a través de elecciones y un ajuste más coherente que el actual entre los intereses sociales y las ideologías que corresponden a dichos intereses, ha dicho don José Antonio Ortega Díaz-Ambrona en la conferencia que sobre el tema Asociaciones y elecciones ha pronunciado hoy, en el Colegio Mayor San Pablo. Ante el fenómeno de las asociaciones políticas y de las elecciones que habrán de celebrarse normalmente dentro de este año —ha seguido diciendo— la cuestión básica es saber si servirán de cauce para el proceso de democratización antes descrito o si éste desbordará talos cauces y seguirá otros distintos (La Vanguardia, 1975).

Em vários contextos analisados, a receptividade positiva por parte dos espanhóis à indicação do então Príncipe Juan Carlos para o governo interino do país é notória. Na época, segundo o jornal, a aceitação por parte do Príncipe em governar a Espanha acalmou os ânimos políticos dos espanhóis. Vejamos:

(...) la aceptación del Príncipe es una buena noticia, porque significa que España tiene un Gobierno y porque el Príncipe está ahora en mejor Posición que Franco, enfermo, para tomar una decisión con respecto al Sahara. Elogia el editorial del diario «Ya» y reproduce el párrafo en el que se dice que es indispensable para un futuro estable un profundo y radical cambio de la situación **política** (La Vanguardia, 1975).



(...) indica que esta aceptación supone una ruptura de la parálisis **política** producida por la enfermedad de Franco y que, a pesar de que no se pueda considerar que todo comienza de nuevo, de momento España tiene una nueva posibilidad de funcionar nuevamente como Estado (La Vanguardia, 1975).

Observando o verbete *política* no DLE de 1984, deparo-me com uma acepção não existente em 1947, a 3ª definição, a saber:

**política. 3.** Actividad del ciudadano cuando interviene en los asuntos públicos con su opinión, con su voto, o de cualquier otro modo.

Apesar deste trabalho não estar dirigido a uma análise lexicográfica, é relevante verificar que o panorama histórico alterou também a descrição da UL nos dicionários das épocas estudadas. Em 1975, há textos que descreviam o desejo de engajamento da população em discussões governamentais sobre direitos civis, temas esses, em nenhuma hipótese, identificados nos contextos do jornal de 1940.

Em contextos de 1975 há a “esperança” pela concretização da democratização do país, quando observo a utilização de ULs como *proyecto, personas, trabajadores, defensa, trabajo, Seguridad, cooperación, futuro, participación, Asociación, hombre, miembros, acuerdo*.

Todavia, como Franco ainda estava vivo, a ditadura ainda estava vigente e há, em 1975, contextos nos quais havia a defesa do regime governamental, descrevendo Franco como um mártir da Espanha e, como tal, deveria ser respeitado, como podemos observar:

(...) Creo que el Príncipe está dando al país un ejemplo insuperable de prudencia **política** y el Caudillo, de sacrificio y de entregar su vida al servicio del país (LA Vanguardia, 1975 – grifo nosso).

Após uma análise geral dessa lexia, assim como as outras pesquisadas, *política* também apresenta situações distintas, posto que no ano de 1940 os usos dessa UL expressavam a necessidade

de ratificar a dependência do povo espanhol ao governo ditatorial. Entretanto, em 1975, assuntos referentes à democratização do país são questões repetidamente observadas, demonstrando a mudança de foco das notícias divulgadas pelo jornal.

Assim sendo, concordando com Moreno (2008, p. 214), considero que:

(...) ni siquiera los textos noticiosos —tradicionalmente concebidos como mera reproducción, descripción o codificación objetiva de hechos— pueden escapar por completo a la articulación más o menos patente de ciertas *intenciones persuasivas, valores o líneas ideológicas que condicionan la formulación y la estructuración discursivas* (Grifo nosso).

A seguir, apresento nos quadros 11 e 12 mais alguns contextos da UL *política*:

**Quadro 11 *política*<sup>138</sup> (1940)**

Substantivo	Ocorrências
<b>Arte de gobernar ou fazer leis para manter a segurança e a tranquilidade pública (DLE 1947)</b>	<b>76</b>
<b>Ex.:1</b> Puede decirse que la guerra española terminó <i>política</i> y militarmente con la rápida campaña de Cataluña y consiguiente caída de Barcelona el día 26 de enero. La parte principal del ejército rojo quedó destrozada y toda la República puede decirse que huyó al extranjero con el presidente, el Gobierno y el Parlamento a la cabeza.	
<b>Ex.:2</b> También había que rescatar la Real Academia Española y purificarla de los aires de <i>política</i> rural con que había enrarecido su ambiente la República y principalmente aquel don Niceto Alcalá Zamora inolvidable que llevó al ámbito académico todos los resentimientos de sus pasiones caciquiles traducidas en vetos a los grandes prestigios literarios.	

138 Para saber mais sobre essa análise, ver estudo sobre o item lexical *política* em Carmona-Ramires, 2020.

**Quadro 12 política (1975)**

Substantivo	Ocorrências
<b>Arte, doutrina ou opinião referente ao governo dos Estados (DLE 1984)</b>	<b>59</b>
<b>Ex.:1</b> No creemos en fórmulas <b>políticas</b> de compromiso, que originen ese hipotético centro, sino en fórmulas de acción, desarrollo, participación, trabajo y honestidad. No creemos en las palabras sino en los hechos, como base empírica de la razón. No menospreciamos la razón como base, si su empírica ha sido honesta, pero repetimos, no creemos en palabras <b>políticas</b> vanas, sino en hechos y realidades.	
<b>Ex.:2</b> (...) al margen de esta opinión, las principales fuentes informativas del extranjero afirman que la transferencia temporal de poderes de Jefe de Estado al Príncipe don Juan Carlos ha apaciguado la atmósfera <b>política</b> española después de dos semanas de tensión y expectativa por el desarrollo de la enfermedad de Francisco Franco.	

Neste subcapítulo analiso, portanto, as unidades léxicas de maior frequência de ocorrência no *corpus* referente aos anos de 1940 e 1975. No subcapítulo seguinte, essa análise está focada em unidades que ocorreram somente em um dos anos pesquisados, a saber: *rojo*, *caudillo* e *lucha* ocorridas somente em 1940 e *ley* somente em 1975, porque a ausência de tais unidades em um ou outro ano, nestes casos, também demonstram significados expressivos.

#### **4.2.2 Unidades Léxicas presentes no *corpus* em somente um dos anos estudados – 1940 ou 1975:**

##### 7) Unidade Léxica **rojo**

*Rojo* aparece no ano de 1940 com 41 ocorrências e no ano de 1975 com apenas 10 ocorrências nas edições pesquisadas. Esse item lexical compõe ULs monoverbais e pluriverbais, como, por exemplo, *Cruz Roja*, *Mar Rojo*. Ou seja, também nomeia, designa, como pode ser observado nos excertos a seguir:

El cónsul de España en Perpiñan ha remitido a la Delegación de la **Cruz Roja** Española en la frontera de los pirineos Orientales los efectos pertenecientes a los refu-

giados españoles fallecidos en los hospitales de aquella ciudad cuya lista se acompaña. Se suplica a los familiares directos de los difuntos se presentan en las oficinas de la delegación en Barcelona, Laurina, 95, principal, los martes y viernes de cuatro a siete de la tarde provistos de la documentación personal que los identifique para hacerles la correspondiente entrega (*La Vanguardia*, 1940).

Italia, por su parte, con el bloqueo en el Mediterráneo, hace perder a Inglaterra el petróleo y las demás mercancías europeas, así como por la obligada circun-navegación de África reduce cuatro veces el rendimiento de tonelaje mercantil-británico; entreteniéndolo la mayoría de la Marina de guerra británica en el Mediterráneo, **Mar Rojo** y Océano Indico, debilita progresivamente el poderío inglés (*La Vanguardia*, 1940).

Bosque e Demonte (1999, p. 134-135) ratificam a RAE e acrescentam que o adjetivo expressa características bastante específicas, formando parte, também, de uma categoria semântica. Para esses autores um adjetivo é um termo genérico que pode ser utilizado com vários objetos, fato que não ocorre com o substantivo, pois esse, segundo Bosque e Demonte (1999), agrega um conjunto de condições necessárias para identificar um indivíduo.

Os gramáticos explicam que alguns adjetivos podem ser utilizados em certos contextos como substantivos. Esse fato ocorre quando, segundo a RAE, os adjetivos são precedidos de artigos expressando várias características, tais como: a formação ou a cultura que um sujeito possui, a profissão ou a ocupação, a idade, a cor da pele ou do cabelo, a saúde, a nacionalidade ou a procedência geográfica, a posição ocupada dentro de uma hierarquia, um aspecto do caráter ou da personalidade, ou quando descrevemos a participação de sujeitos em grupos políticos, artísticos, religiosos, culturais.

Segundo a RAE (2009, p. 945),

la pertinencia a grupos políticos, socioeconómicos, artísticos, culturales o religiosos: una antifacista, una artistócrata, una budista, un católico, un cubista, una

demócrata, una impresionista, una liberal, una marxista, un musulmán, un peronista, un pobre, un protestante, un rico, un rojo ('un izquierdista'), un surrealista, un verde ('un ecologista').<sup>139</sup>

Por conseguinte, e após leituras mais atentas dos contextos de uso de *rojo*, no *La Vanguardia* de 1940, além de adjetivo, observo a presença da UL *rojo* também como substantivo.

Nas análises de 1940, de um total de 41 ocorrências, 9 preservaram o sentido denotativo, ou seja, o de adjetivo. Os outros itens lexicais analisados, 32 no total, referiam-se a um sentido derivado, conotativo desta UL analisada<sup>140</sup>, pois efetivamente a classe mais frequente era a de substantivo<sup>141</sup>. Esse fato demonstra que a UL *rojo* foi empregada, nos textos jornalísticos analisados, majoritariamente, em sua acepção de revolucionário, esquerdistas, ou seja, substantivada.

Essa acepção foi encontrada nas edições dos DLE de 1947 e 1984, que trazem no verbete *rojo*, em sua 6ª acepção, a definição:

**Rojo, ja.** adj. 6. en política, radical, revolucionario.

A seguir, como exemplo:

La ofensiva está costando a los **rojos** un enorme número de muertos y cuantiosas pérdidas de material, pero los Soviets no reparan en ello. No se trata de valorizar el precio de la victoria: se trata de obtenerla a toda costa (La Vanguardia, 1940).

139 "a pertinência a grupos políticos, socioeconômico, artísticos, culturais ou religiosas: uma antifascista, um aristocrata, uma budista, um católico, um cubista, um democrata, uma impresionista, um liberal, uma marxista, um muçulmano, um peronista, um pobre, um protestante, um rico, um vermelho ('esquerdistas'), um surrealista, um verde ('ambientalista')" (RAE, 2009, p. 945. TN).

140 Para esse cálculo, somei as ocorrências dos substantivos e os adjetivos depreciativos.

141 Adoto como substantivo a mesma definição apresentada pela RAE (2010, p. 209), ou seja, "los substantivos denotan entidades, materiales o inmateriales, de toda naturaleza y condición: personas, animales, cosas reales o imaginarias, **grupos**, materias, acciones, cualidades, sucesos"(grifo nosso).

El robo y exportación por los **rojos** de la gran cantidad de oro de nuestro Banco de emisión ha dificultado en el orden exterior la rápida resolución de nuestros problemas de comercio. Mientras el oro sea en el exterior el módulo de estimación de las monedas y un metal confiado por los pueblos, no podemos prescindir para nuestras relaciones comerciales de su existencia y de contar con una masa de dinero o de oro con que cubrir el déficit de nuestra balanza de pagos (La Vanguardia, 1940).

Portanto, essa lexia, naquele momento histórico, assumiu mais de uma característica e aceção nos contextos analisados, pois há, marcadamente, traços políticos e militares relacionados à ela.

Segundo Olano (2004, p. 205),

el término *rojo* denota el primer color del espectro solar, pero su connotación puede variar según los sujetos hablantes. Para unos puede asociarse con sangre, violencia, para otros con fuego, pasión, para otros con peligro, para otros con amor, para otros con persona radical, con revolucionario, etc.<sup>142</sup>

Circundando a UL *rojo*, há adjetivos, nos contextos, que designam características de quem infringe a lei, quem pratica um delito, ou seja, quem é criminoso. Desse modo, as ULs que aparecem com frequência ao redor da UL *rojo* são *sacrificados, assassinos, selvagens, ataques, morte, roubo, guerra, invasão, brutal, delinquência, infectar*, entre muitas outras que designam ações negativas.

Já no excerto a seguir, há claramente a função adjetiva do item lexical *rojo* com flexão para o feminino, acompanhando a UL *horda* para designar *rojo* como um adjetivo de valor depreciativo:

El general Mola dirigió la campaña de rescate del Norte con singular acierto en la ejecución de los geniales

---

142 “o termo vermelho denota a primeira cor do espectro solar, mas sua conotação pode variar segundo os sujeitos falantes. Para alguns pode associar-se com sangue, violência, para outros com fogo, paixão, para outros com perigo, para outros com amor, para outros com pessoa radical, com revolucionário, etc” (OLANO, 2004, p.205. TN).

designios de Franco. Desde que en Navarra levantó la bandera imprescriptible de España y bajó en rápida y táctica marcha a través de Castilla hasta Somosierra en donde realizó la proeza decisiva, que fue también el acierto clave, de contener a la **horda roja** que intentaba subir hacia el Norte (La Vanguardia, 1940 – grifo nosso).

A partir da análise desses dois contextos, o adjetivo *rojo* passou pelo mecanismo da transposição metafórica e adquiriu outro sentido, o de pessoa que é contra o governo vigente, de esquerda ou comunista, ou seja, o adjetivo foi substantivado, ratificando as acepções encontradas nos DLEs de 1947 e 1984.

Nas palavras de San Francisco (2012), à UL *rojo* pode ser observado o acréscimo de um qualificativo pejorativo, atribuído, sobretudo, no período ditatorial, àqueles que estivessem contra o regime vigente. Assim, eram considerados delinquentes, inimigos do progresso e da paz na “Espanha pura”. Ou seja, adotando esse posicionamento “el franquismo trataba de solucionar un problema de delincuencia y no de oposición política” (SAN FRANCISCO, 2012, p. 84).<sup>143</sup>

Para entender melhor essa relação, entre *rojo* e sua substantivação de acepção esquerdista, perscruto na história da época, 1940, elementos para a discussão<sup>144</sup>. *Vermelho* era a cor que representava o grupo contrário ao regime ditatorial de Franco, os “revolucionários”, servindo de referência, de motivação para denominar, ou adjetivar, a todas as pessoas que congregavam da ideia de luta contra a situação ditatorial vigente na Espanha (fato que também acontecia em outros países que possuíssem grupos contrários a seu governo vigente) e que, por isso, participavam do enfrentamento ao regime.

Lagunilla (1999) argumenta a respeito do motivo que levou a ler *rojo* a obter outra conotação nesse cenário político. Nas considerações dessa autora, “los momentos de mayor renovación léxica

---

143 “o franquismo trataba de solucionar un problema de delincuencia e não de posicionamento político” (SAN FRANCISCO, 2012, p. 84. TN).

144 Ver capítulo I, página 16.

se producen en periodos en los que la política tiene un protagonismo especial” (LAGUNILLA, 1999, p.57)<sup>145</sup>.

Esse processo de transposição de sentido atribuído à aquela lexia foi tão intenso que também, inclusive, o meio futebolístico foi afetado pelo sentido derivado da UL *vermelho*. Segundo Sant’Ana (2012), a cor azul durante a ditadura foi introduzida à camisa da seleção espanhola de futebol em substituição ao tradicional vermelho – *rojo* – do uniforme antigo, pois esta cor poderia remeter os torcedores a outras associações que não apenas referidas ao âmbito futebolístico.

Por serem esportes considerados de massa, o futebol, assim como as corridas de touros, foram transformados em uma ferramenta do regime de Franco para melhor controle e tentativa de “convencer”, ou moldar, a sociedade para a aceitação e apoio ao regime.

Nas considerações de Augustí (2013, p. 60–61),

un buen ejemplo de ello es la actitud hacia el Fútbol Club Barcelona. El Régimen ve al club catalán como un reflejo de los rojo-separatistas y decide dar un giro a esta situación. Obliga al club a cambiar de nombre (en lugar de Fútbol Club debe denominarse Club de Fútbol)<sup>146</sup>.

Como já especificado anteriormente, o regime de Franco não permitia abertura para nenhum setor expor, ainda que de maneira sutil ou subliminar, sua insatisfação e repulsa pelo governo do Generalíssimo. Foi também a partir dos dados que constatei que esta UL aparece com maior frequência em 1940 e perde força de uso em 1975 pois nesse último ano, *rojo* diminui em frequência, apresentando apenas 10 ocorrências<sup>147</sup> no *corpus*, todas utilizadas como adjetivo, ao contrário do uso mais frequente em 1940, como substantivo.

---

145 “os momentos de maior renovação léxica se produzem em períodos em que a política tem um protagonismo especial” (LAGUNILLA, 1999, p.57. TN).

146 “um bom exemplo disso é a atitude para com o futebol clube Barcelona. O regime vê o clube catalão como um reflexo dos vermelhos-separatistas e decide dar uma reviravolta a esta situação. Obriga o clube a mudar seu nome (em vez de futebol clube deve ser chamado de Clube de Futebol)” (AUGUSTI, 2013-. 60–61. TN).

147 Para esse montante, assim como no ano de 1940, considero a frequência das ULs *rojo*, *rojos*, *roja* e *rojas*.



Ouso afirmar que essa supressão de uso da UL é devida ao novo contexto político que surgia na Espanha de 1975, pois esse item lexical foi gradativamente suprimido, haja vista que, com o passar dos anos, e a partir dos acontecimentos pelos quais passou o povo espanhol no campo social, político e econômico, a carga semântica atribuída a essa UL perdeu a força que possuía anos antes.

Em 1940, *rojo* estava em maior evidência devido à nova realidade que se apresentava para os civis espanhóis, pois, naquela época era necessário que a população espanhola entendesse que os *rojos* eram os inimigos da Espanha e que, portanto, deveriam ser delatados pela população que desejava uma nova Espanha. Desse modo, se mostra oportuna para esta discussão, as considerações de Vilamor (2006) ao sustentar que desapareceram muitas palavras que se relacionavam com a descrição dos lados de confronto existentes na Espanha franquista.

Destarte, a UL *rojo* foi utilizada para se referir a posições ideológicas diferentes, opostas. Por meio da análise dos contextos em que aparecem no *corpus*, bem como das definições encontradas nos dicionários pesquisados, apresento os seguintes sentidos para essa lexia nas épocas estudadas: negativo, prejudicial, nefasto, inimigos, terroristas, desordeiros.

Neste particular, concordo com Cortés (2009, p. 181) quando assevera que “si el lenguaje es ideologia en todos sus usos, ese lenguaje se convierte en una perfecta arma de propaganda en boca, labios o pluma de cualquiera que desee imponer sus ideas y su concepción del mundo”<sup>148</sup>.

Elaborei os quadros 13 e 14 sobre a lexia aqui investigada:

---

148 “se a linguagem é ideologia em todos seus usos, essa linguagem se converte numa perfeita arma de propaganda em boca, lábios ou caneta de qualquer que deseje impor suas ideias e sua concepção de mundo” (CORTÉS, 2009, p. 181. TN).

**Quadro 13 Rojo (1940)**

Substantivo		Ocorrências
1	<b>Precedido de artigo; descrevendo um grupo (DLE 1947)</b>	21
1	<b>Ex. 1a:</b> La ofensiva está costando a los <i>rojos</i> un enorme número de muertos y cuantiosas pérdidas de material, pero los Soviets no reparan en ello, no se trata de valorizar el precio de la victoria, se trata de obtenerla a toda costa.	
2	<b>Ex. 1b:</b> Gozarán de extensión quienes adquieran muebles en substitución de los que les hubieron sido arrebatados por los <i>rojos</i> , siempre que esto se justifique.	
3	<b>Ex. 3:</b> Señalábamos días pasados el riesgo que se cierne sobre Méjico con la <i>invasión</i> constante de <i>rojos</i> españoles, escapados de Europa. La <i>patulea asesina</i> que huyó con el botín salpicado de sangre se está aposentando, con iodo desahogo, bajo el amparo del Gobierno del general Cárdenas, a quien por lo visto no inquieta que su país se infecte de ese <i>tipo brutal de delincuencia</i> que es el <i>gansterismo disfrazado</i> de partido político, que practicaron en España el Frente Popular y sus <i>secuaces</i> .	
1	<b>Nome Próprio</b>	1
	<b>Ex.:</b> <i>Rojas</i> , Yanguas, González Feijóo, Sanjuán, La Llave, Arce, Astrajn, Jordá y Prats; teniente coronel jefe da las fuerzas de Asalto y Seguridad, señor Asens; coronel jefe de Carabineros.	
	<b>UL Pluriverbal</b>	7
1	<b>Cruz Roja</b>	
1	<b>Ex.:</b> El cónsul de España en Perpiñan ha remitido a la Delegación de la <i>Cruz Roja</i> Española en la frontera de los pirineos Orientales los efectos pertenecientes a los refugiados españoles fallecidos en los hospitales de aquella ciudad cuya lista se acompaña.	
2	<b>Mar Rojo</b>	
1	<b>Ex.:</b> Italia, por su parte, con el bloqueo en el Mediterráneo, hace perder a Inglaterra el petróleo y las demás mercancías europeas, así como por la obligada circun-navegación de África reduce cuatro veces el rendimiento de tonelaje mercantil-británico; entreteniéndolo la mayoría de la Marina de guerra británica en el Mediterráneo, <i>Mar Rojo</i> y Océano Indico, debilita progresivamente el poderío inglés.	
	<b>Adjetivo qualificativo</b>	1
1	<b>Ex.:</b> La iglesia de San Jerónimo estaba adornada con plantas y el suelo cubierto con alfombras de terciopelo <i>rojo</i> .	

..... LÉXICO, CULTURA E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE VOZES DA ESPANHA DITATORIAL .....

Substantivo		Ocorrências
2	<b>Adjetivo depreciativo</b>	11
1	<b>Ex.:</b> Además, es necesario que conozcáis, para que os deis cuenta de la magnitud del caso, que las <i>vandálicas destrucciones rojas</i> , con el robo y desaparición del tesoro español y de tantos bienes nacionales, con ser tan graves, no encerrarían tanto daño si nuestra economía anterior hubiera sido fuerte y no fuésemos las consecuencias de varios lustros de abandono.	
2	<b>Ex.:</b> En los demás frentes del Este ha habido fuerte actividad de la artillería y de elementos de reconocimiento. Mar: Nada importante a señalar. Aire: Los aviones soviéticos han bombardeado Roviemi y han emprendido vuelos sobre algunos lugares del interior. Según los informes que se poseen hasta ahora, ha habido algunas decenas de personas civiles muertas y más de cuarenta heridas. Dos aparatos <i>rojos</i> han sido derribados.	

**Quadro 14 Rojo (1975)**

Substantivo		Ocorrências
	<b>DLE (1984)</b>	10
	<b>UL Pluriverbal</b>	3
	<b>Cruz Roja</b>	
1	<b>Ex.:</b> El hombre bueno del demandante, el abogado don Juan Miguel Baustica y Bolonio dijo que las frases vertidas sobre el señor Pérez Pillado eran Inciertas, ya que los hechos no fueron como se había dicho. Asimismo manifestó que la indemnización solicitada sería destinada a la <i>Cruz Roja</i> Española.	
	<b>Adjetivo qualificativo</b>	3
1	<b>Ex.:</b> Desde mi ventana dominó la ciudad las dos bóvedas verdes del Ayuntamiento y los <i>rojos</i> tejados de la Comandancia, ante cuya fachada principal monta la guardia un pelotón de soldados. Separa a los dos edificios el parque Hernández, aromático y vegetal como el de María Luisa en plena feria sevillana.	
2	<b>Adjetivo depreciativo</b>	4
1	<b>Ex.:</b> La falta de siembra en la <i>zona roja</i> nos causó un déficit para el año agrícola en curso de 10 millones de quintales más que España está importando del extranjero; y esto exige, aparte del enorme sacrificio de 35 millones de dólares, un transporte en barcos que asciende a 160 barcos de 5.000 toneladas, y en trenes de unos 100.000 vagones.	
2	<b>Ex.:</b> Queremos que nuestros lectores compartan con nosotros, siquiera alguna vez, la hilaridad que produce el repaso de la <i>prensa roja</i> de Barcelona, correspondiente a estos días del año pasado.	

## 8) Unidade Léxica *ley*

Como já explicado, as lexias analisadas neste capítulo não estão presentes nas duas listas que formei, dos anos de 1940 e 1975. A UL *ley* é uma delas, pois não consta da lista referente a 1940, não participando das 100 unidades mais frequentes daquela época no *La Vanguardia*. No ano de 1975, no entanto esse item lexical ocorre com 76 registros.

Assim, no ano de 1940, a UL *ley* aparece nos contextos do jornal, mas não de forma tão expressiva quanto no ano de 1975. Entendo que esse fato pode evidenciar (a ausência nos textos de 1940 analisados) uma falta de discussão sobre o tema ou uma imposição, unilateral, do cumprimento de leis. Só havia uma lei naquele ano (1940) e essa era advinda do discurso, em alguns contextos, destacado e qualificado como transcendental, do ditador Franco.

Entre as poucas ocorrências, em 1940, a UL *ley* está presente em textos que apresentam artigos de lei contra a maçonaria e o comunismo, pois esses grupos eram descritos pelo jornal como clandestinos, inimigos do governo. Nas considerações de Abós (1939, *apud* CALDERÓN, 2006, p. 67),

los enemigos de España son siete: Liberalismo, democracia, judaísmo, masonería, marxismo, capitalismo y separatismo, vencidos en la Gran Cruzada, aunque no aniquilados, pues se esconden como sabandijas ponzoñosas en mechinales inmundos, para seguir desde las sombras arrojando su baba y envenenando el ambiente<sup>149</sup>.

Há também a menção sobre uma lei de 1939, que ordenava a execução de obras para a construção de uma basílica, em homenagem aos “caídos”<sup>150</sup>, UL utilizada pelo governo ditatorial para nomear os mortos pela causa franquista durante o período da guerra civil.

---

149 “os inimigos da Espanha são sete: liberalismo, democracia, judaísmo, maçonaria, marxismo, capitalismo e separatismo, vencidos na Grande Cruzada, embora não aniquilados, pois se escondem como vermes venenosos em lugares imundos, para continuar das sombras jogando sua gosma e envenenamento o ambiente” (ABÓS, 1939 *apud* CALDERÓN, 2006, p. 67. TN).

150 Apesar de ser uma unidade que se refere ao período franquista, essa UL (caídos) não consta nas listas de 1940 nem de 1975 por não estar entre as 100 ULs mais frequentes.

A seguir, excertos do jornal referente ao ano de 1940:

Artículo primero. Constituye figura de delito, castigado conforme a las disposiciones de la presente **ley**, el pertenecer a la masonería, al comunismo y demás sociedades clandestinas a que se refieren los artículos siguientes. El Gobierno podrá añadir a dichas organizaciones las ramas o núcleos auxiliares que juzgue necesario aplicarles entonces las mismas disposiciones de esta **ley** debidamente adaptadas (La Vanguardia, 1940).

Artículo primero. Con objetivo de perpetuar la memoria de los que cayeron en nuestra gloriosa Cruzada, se elige como lugar de reposo, donde se alcen basílica, monasterio y cuartea de juventudes, la finca situada en las vertientes de la Sierra de Guadarrama, término de El Escorial, conocida hasta hoy con el nombre de Cuelga-muros, declarándose de urgente ejecución las obras necesarias al efecto y siéndoles de aplicación lo dispuesto en la **ley** de 7 de octubre de 1939 (La Vanguardia, 1940).

Pelo exposto, a UL *ley* no ano de 1940, pelos motivos políticos e históricos já discutidos, não se encontrava nas listas de frequência que formam esse trabalho, pois assuntos relacionados aos direitos civis, aos trabalhadores, suas associações e outros temas de interesse dos cidadãos possivelmente “não faziam parte” do panorama de temas relevantes para aquele momento histórico.

Já com relação aos contextos referentes a 1975, o dicionário DLE de 1984 apresenta as acepções da unidade *Ley* ainda referindo-se à “norma, regra ditada por determinada pessoa ou instituição que está no poder, como por exemplo, um chefe de estado”. Então, vê-se que na 2ª acepção encontrado no DLE, de 1984, *ley* é definida como um preceito ditado pela suprema autoridade que, ao proibir, ou ordenar algo, visa ao bem de seus governados.

Com a morte do Generalíssimo em 1975, o então príncipe Juan Carlos assumiu o poder para ele passado por Franco. A partir desse marco político e histórico, o país começou seu processo de abertura para a democracia e com esse novo regime, adveio um novo pano-

rama de “liberdade” para discussões de temas voltados a situação social, de direitos civis, individuais.

Embora fosse proibido manifestar publicamente o pensamento e opiniões que fossem contrárias ao regime vigente, e a sociedade ainda vivesse sob o jugo ditatorial, o jornal apresentava também discussões sobre um projeto de *ley*, no qual cidadãos discutiam a situação da mulher no contexto social de 1975 e debatiam, sobretudo, a respeito da importância da igualdade de direitos delas em relação ao homem. Essa discussão nos textos jornalísticos acontecia de modo relevante. Em uma reunião, por parte de alguns integrantes do governo franquista, há textos que descrevem a discussão sobre a criação de mais emendas às leis já existentes, almejando a mudança da situação de desigualdade entre ambos os sexos. O excerto a seguir ilustra os comentários:

A pesar de no ser completa la igualdad de derechos de la mujer que se pretende con el proyecto de *ley*, a éste le han sido formulados ciento una enmiendas estudiadas por los señores Angulo Montee, Cremades Royo, Hernández Gil, Mendisábal Allen y Pilar Primo de Rivera, y reflejadas en una ponencia que ya las ha entregado a los productores (La Vanguardia, 1975).

Trata-se de um fato que chama a atenção pela relevância na época, posto que, durante o governo franquista, as mulheres tinham um espaço mais reservado e dependentes de seus maridos, não tendo direito de viajar sem a autorização, por escrito, de seus cônjuges<sup>151</sup>.

Na análise das ocorrências da UL *ley*, além de outros assuntos tratados pelo jornal, também há contextos que expõem a criação de direitos que buscavam reduzir o preconceito contra trabalhadores estrangeiros no território espanhol, bem como sobre leis para auxiliar os trabalhadores, em geral. Esse fato demonstra que, já no ano de 1975, havia uma preocupação, ainda que incipiente, sobre direitos

---

151 Para saber mais sobre questões relativas ao lugar da mulher na Espanha ditatorial de Franco, ver estudo sobre o item lexical *Señora* em CARMONA-RAMIRES, 2017.

civis, questão não discutida, nem verificada nos contextos do jornal em 1940, por questões já debatidas aqui.

Em outros contextos de 1975, há assuntos referentes a famílias religiosas, e a presença da Igreja orientando os homens para promover a “paz” entre seus semelhantes.

O tema sobre a sucessão governamental também aparece entre os contextos analisados. Os adjetivos relacionados a Franco eram, como acontecia com outras ULs, de cunho positivo (glorioso), e havia o anseio popular de que o novo governo pudesse favorecer o acesso do povo a seus direitos e à sua participação nas discussões políticas. O excerto, a seguir, ilustra essa assertiva:

todos estamos ‘identificados con el esplendoroso momento político vivido por nuestro glorioso general Francisco Franco, con nuestra **Ley** monárquica de sucesión y con nuestro Príncipe Juan Carlos, como sucesor a título de Rey, siempre y cuanto todo signifique, en un futuro que esperamos muy próximo, *auténtica participación del pueblo en el gobierno de la Patria* (La Vanguardia, 1975).

Ainda entre os assuntos concernentes ao item lexical *ley*, há uma referência ao posicionamento da associação jornalística a respeito da situação a que estavam submetidos os meios de comunicação da época, isto é, das limitações que lhes eram impostas para publicar as notícias. Mesmo em 1975, havia um controle sobre as notícias e sobre a imprensa. Com a iminência de um novo governo para o território espanhol, era impossível esquecer que Espanha estava ainda “comandada” pelo regime militar. O excerto a seguir ilustra a afirmação:

Bajo el título de ‘Los periodistas y el decreto **ley**’ la *Hoja del Lunes de Madrid*, órgano de la Asociación de la Prensa, publica hoy el siguiente editorial: Los periodistas y los periódicos nos hallamos en una difícil circunstancia tras la promulgación del decreto **ley** sobre prevención del terrorismo, invocado ya en los recientes secuestros de las revistas *Cambio16*, *Posible Doblón Destino*, etc.

Somos fieles intérpretes de un sentir muy generalizado si sea referimos a la preocupación y honda inquietud que a estas horas reina en las redacciones de periódicos y revistas. La inseguridad jurídica en que los periodistas hemos de desarrollar nuestra función, derivada de las tantas veces denunciada imprecisión del artículo segundo de la vigente **Ley** de Prensa, se ve ahora peligrosamente incrementada por la falta de concreción de las conductas sancionables de los artículos 10 y 19 del decreto-**ley** sobre prevención del terrorismo. ¿Qué ha de entenderse por crítica solapada? ¿Se combaten los males ocultándolos? ¿Será subversivo la simple crítica? ¿Será llamar a la violencia el simple hecho de constatarla? (La Vanguardia, 1975).

A seguir, apresento o quadro 15, referente à UL **Ley**:

**Quadro 15 Ley (1975)**

Substantivo		Ocorrências
1	Regra, norma (DLE 1984)	76
Ex.:1	A partir del uno de enero de 1975 los precios y tarifas de toda clase de bienes y servicios se ajustan a las normas que se establecen en el decreto de la Presidencia del Gobierno que ha insertado el Boletín Oficial del Estado y que desarrolla el decreto <b>ley</b> 5/1974 de 27 de noviembre.	75
2	Culto à divindade (DLE 1984)	1
Ex.:1	El doctor Jubany inició su homilía, tras las lecturas evangélicas, en catalán y recordando el mensaje de Pablo VI sobre la reconciliación, camino hacia la paz que, Junto con la idea de renovación, son los temas planteados para este Año Santo Romano. La paz, dijo a continuación, lleva un dinamismo interior que sale de nuestras cosas y de nuestra propia experiencia. Los pueblos se rigen por el orden jurídico y este también es dinámico. Las <b>leyes</b> que marcan este orden Jurídico, tienen la necesidad de ser flexibles para poder conducir las costumbres de los pueblos Y, ¿no es acaso verdad que esta misma costumbre, muchas veces salidas de la entraña del pueblo, son las que marcan el camino que la <b>ley</b> tiene que seguir? Entonces el orden jurídico es dinámico, no es pasivo.	1



09) Unidade Léxica **Caudillo**

As ocorrências de *Caudillo* nos contextos referentes a 1940 apresentam esse item lexical como substantivo, com 96 ocorrências. Em todas elas, *Caudillo* não apresenta outros significados senão os encontrados no DLE de 1947:

**Caudillo.** m. El que como cabeza, guía y manda la gente de guerra. 2. El que dirige algún gremio, comunidad o cuerpo.

Os contextos analisados apresentam, na maioria das vezes, a ideia de que Franco não era apenas o “mentor” de um grupo, mas sim, o salvador e incontestável senhor da Espanha pós-guerra civil, e aquele que pensasse de forma diferente não era apenas um inimigo, ele não era merecedor de uma Espanha que estava sendo construída para ser “Una, Grande y Libre”.

Assim, *Caudillo*, no ano de 1940, relacionava-se à acepção de libertador, segundo os contextos analisados. Os textos do jornal *La Vanguardia* apresentavam Franco como um representante dos sonhos para o governo da Espanha, culminando no destaque de aspecto divino ao comparar a presença de Franco a um instrumento enviado por Deus a terra para o alcance da paz no país.

A necessidade de Franco, em seus devaneios, de demonstrar a estreita relação entre a ditadura e sua ligação com a vontade divina era tão veemente que, em alguns contextos, a bandeira da Espanha foi cognominada de *sudario*, em referência direta à religião e à cristandade:

en mis manos la bandera de España, la auténtica, la única, la inviolable, la de más gloriosa historia, la indiscutida, la que tiene potencia para cobija a todos los españoles, la que es la musa inspiradora de nuestro **Caudillo**, la que ha sido *sudario*<sup>152</sup> de gloria de nuestros héroes y nuestros mártires caídos por Dios y por España (La Vanguardia, 1940).

152 De acordo com o DLE de 1947, a unidade *sudario* é definida como sendo o lençol em que José de Arimatéia envolveu o corpo de Cristo após sua morte.

Esse discurso de comparação de ditadores como enviados divinos se constrói não somente para Franco, mas outros personagens de regimes totalitários também se consideravam instrumentos celestiais para a libertação de seus povos. Lembremos que me refiro a um panorama de uma Europa tomada por um levante de governos totalitários e repressivos durante a década de 40, do século XX que se utilizavam desse discurso religioso, distorcido da realidade, para promoção sua aceitação popular.

Nos mesmos contextos nos quais ocorre a UL *Caudillo*, o item lexical *paz* aparece ligado às ações do General na busca pela restauração da Espanha. Nesse sentido, à figura do ditador se relacionava a ideia de paz, de bonança, de segurança que só poderia ser alcançada por meio da obediência e colaboração ao ditador, mantida pela submissão dos espanhóis, de “bem”.

Consequentemente, os adjetivos relacionados a *Caudillo* expressavam, majoritariamente, ideias positivas com relação a Franco e todos aqueles que os serviram na “Cruzada Salvadora”, denominação dada à Guerra Civil pelos falangistas, grupo apoiador de Franco. Ou seja, Cruzada Salvadora é a denominação utilizada pelo grupo apoiador de Franco, enquanto que Guerra Civil foi o nome que o restante do mundo utilizou para descrever a luta, por parte do povo espanhol, entre os anos de 1936 a 1939, contra a culminação da militarização e instauração de uma ditadura naquele país. E assim, ao utilizar determinadas ULs e rechaçar outras, já está claro a qual grupo pertencemos, nos posicionando como sujeitos históricos, sociais e políticos.

Outro fato a ressaltar é que a UL *dictador* não consta dentre as 100 ULs mais frequentes em nenhuma das duas listas que elaboramos. Entendemos assim que *dictador* foi substituída por *Caudillo*, *General*, *paladino*, enfatizando, ratificando a criação de um caráter positivo para Franco e suas atitudes (CORTÉS, 2009).

Também há contextos em que o Estado era descrito como servidor do povo espanhol e Franco era quem trabalhava para todos,

fomentando a “igualdade” entre os civis e paz para o país, como observado no excerto a seguir:

(...) en España no hay el menor peligro de esta desviación, porque aparte que nuestra originalidad, está dicho por el **Caudillo** que el Estado será siempre un servidor de la Nación, como ésta de aquél, pero sin empobrecer, de suerte que no ha de alterar jamás, estemos seguros, *el esquema de Estado rico y nación próspera, que es finalidad y designio del Gobierno* (La Vanguardia, 1940).

Com relação aos soldados de Franco, contextos do jornal analisado apresentam o discurso que buscava convencer o leitor de que a perda de vidas na Guerra e na repressão era um fator menor se comparado à grandiosidade de poder defender o país e participar na reestruturação da nova Espanha. Naquele momento histórico, essas ideias de defesa da pátria à custa da entrega da própria vida estavam muito latentes nos textos do jornal. Ou seja, o discurso pretendia minimizar a perda da vida dos soldados resignificando-a como um ato de “lealdade” à causa da Guerra Civil.

Assim, os contextos em que se insere a lexia *Caudillo* expressam, em sua maioria, sentidos positivos para o enfrentamento e a morte daqueles que lutavam com ele pela causa libertadora. Vejamos outros excertos:

Entre los comensales, que sumaban unos siete mil, figuraban representaciones de toda la región, no cesando siguió diciendo *las virtudes clásicas de nuestros soldados: la abnegación, el valor y el desinterés*. Con ellas, España será lo que el **Caudillo** quiere y lo que nosotros queremos (La Vanguardia, 1940).

Murieron por España y nos legaron el deber, que de todo corazón recogemos, de hacerla Una, Grande y Libre, *siguiendo en la paz a nuestro Caudillo, con la misma fe y la lealtad con que ellos le siguieron en la guerra hacia la muerte* (La Vanguardia, 1940).

Verdad indefectible en *los labios del Caudillo*, porque ha sido siempre en ellos la expresión de la auténtica situación de cada hora. De aquí, aparte de las excelsas dotes que le prestigian ante España y ante el mundo, la *suprema autoridad* de Franco para regir una nación en la paz, como la mandó en la guerra hasta ganar todas sus batallas (La Vanguardia, 1940).

Todos los momentos de pausa en el desfile los aprovecha el público para testimoniar una vez más *su adhesión inquebrantable al Caudillo* (La Vanguardia, 1940).

Antes de terminar, el secretario nacional de Ex Combatientes, pronunció unas vibrantes palabras de entusiasmo patriótico, diciendo que la fiesta que se conmemoraba era la de la Victoria y de la Paz, pero era también la iniciación del camino para lograr las tareas encomendadas, porque en la guerra aprendimos las tres virtudes de sacrificio, hermandad y jerarquía que ha de llevar la Patria a ser *la España, Una, Grande y Libre que propugna el Caudillo* (La Vanguardia, 1940).

Sobre 1975, essa lexia tampouco apresenta um número significativo de ocorrências, mas as ULs ao seu redor ainda relacionavam ao ditador atitudes positivas, tais como *brillantez, grandiosidad, caluroso*. A construção de uma imagem de um caráter benévolo para o ditador era enfatizada em contextos que descreviam suas visitas em eventos oficiais, como se vê no excerto a seguir:

al terminar la misa se rezó un responso. Terminados los funerales, el *Caudillo* abandonó el templo con iguales muestras de simpatía que a su llegada (La Vanguardia, 1975).

Os sentidos atribuídos a *Caudillo*, de defensor e mártir da Espanha, ainda persistiam no discurso do *La Vanguardia* de 1975. Embora com poucas ocorrências, os textos descrevem a vida do general como um sacrifício e uma entrega pela manutenção da paz na Espanha, conforme a seguir:

Creo que el Príncipe está dando al país un ejemplo insuperable de prudencia política y el **Caudillo**, de sacrificio y de entregar su vida al servicio del país (La Vanguardia, 1975).

Não nos esqueçamos de que estamos tratando sobre o ano de 1975. E os meios de comunicação eram ainda controlados pelo governo. Assim, os poucos habitantes que dispunham de dinheiro para ter acesso a esse meio de informação se deparavam com a descrição de um governo que apresentava um perfil bondoso, comprometido com o povo e com seu país, buscando, como já apresentado, a prosperidade e paz para todos.

Em 1975, ainda há contextos de grande apoio ao regime franquista e ao general, mas também há outros de descontentamento por parte da população, a respeito da intervenção externa em assuntos econômicos da Espanha. Essa constatação respalda as considerações presentes no capítulo 1 desta obra quando afirmo que, ao final do regime franquista, houve a tentativa de uma abertura, ainda que pífia, da economia do país, por meio de uma possível “amenização” no endurecimento do regime ditatorial.

Quanto ao estado de saúde de Franco, no ano de 1975, há algumas referências a esse assunto em contextos analisados, muito embora enfatizem com maior veemência a transição de poder que estava para acontecer, do general Franco para o então príncipe Juan Carlos, sem informações mais diretas a respeito do frágil estado de saúde do Caudilho, que ainda detinha o poder no país.

De maneira geral, tanto em 1940 quanto em 1975, nos assuntos relacionados à UL *Caudillo*, existem adjetivos que remetem a sentidos positivos, que buscavam exaltar a relevância da figura de Franco e de seu trabalho pela reconstrução da Espanha fragilizada, segundo o jornal, pelo governo anterior, a 2ª República. Os sentidos relacionados a essa unidade lexical expressavam concordância, aceitação e respaldo às atitudes do “salvador” do país e do povo espanhol.

A seguir, o quadro 16, referente à UL *Caudillo*:

**Quadro 16 Caudillo (1940)**

Substantivo		Ocorrências
<b>1</b>	<b>Aquele que guia; que dirige alguma comunidade (DLE 1947)</b>	<b>96</b>
<b>Ex.:1</b>	Y en recibir al año nuevo ponemos los españoles el anhelo tenso en que se expresa nuestra firme resolución de colaborar, cada cual en nuestra medida y en nuestra área, al designio supremo del <b>Caudillo</b> que nos redimió, para hacer fecunda la paz, en cuyo seno bendito celebramos el tránsito. Primer año de la paz fecunda sin duda, porque durante él <i>-Dios lo querrá si los españoles, haciéndonos dignos del Caudillo.</i>	
<b>Ex.:2</b>	En este año en que toda España está redimida de la ignominia, de la ruina y de la muerte que fue para ella la República, queremos expresar igualmente, no el anhelo de ver perpetuada una paz segura, sino el voto solemne y el juramento firme de merecer igualmente esa paz con nuestra conducta de lealtad a España y al <b>Caudillo</b> .	

10) Unidade Léxica **lucha**

A UL *lucha* também não consta das listas de frequência dos dois anos pesquisados, mas sua presença, no ano de 1940, com 45 ocorrências, apresenta contextos e sentidos relevantes para este estudo.

No *corpus* de exclusão, DLE de 1947, a UL *lucha* é definida como:

**Lucha.** f. Pelea entre dos, en que, abrazándose uno a otro, procura cada cual dar con su contrario en tierra. **2.** Lid, combate. **3.** fig. Contienda, disputa.

Essa lexia é classificada como substantivo feminino e assim aparece nos contextos apresentados pelo jornal. As acepções descritas no verbete de 1947 também coincidem com as encontradas no jornal em inúmeros discursos políticos nos quais a UL *lucha* se liga a outras ULs de caráter positivo relacionadas à Guerra Civil, como *glorioso, tesón, superar, avances, resurgimiento, héroes*, entre outras, conforme observado no excerto a seguir:

Nada y nadie puede torcer nuestro camino. Que el *tesón* que pusimos en las duras *luchas* de la guerra hemos de superar en las que impongan la realización de nuestra Revolución Nacional. Como lo lograremos es lo que hoy me interesa participaros; que lo mismo que ayer vivisteis en las partes de guerra *el glorioso marchar de nuestras tropas podáis seguir mañana los avances del resurgimiento de nuestra Patria*, sintiendo os partícipes de esta obra común, que hizo *posible la sangre generosa de nuestros héroes*, y que *será el más hermoso fruto de vuestras privaciones y de vuestro trabajo* (La Vanguardia, 1940).

O sangue derramado nas batalhas pelos soldados é comparado à glória de vitória, descrita como fruto advindo de privações e de trabalho dos homens na busca pela nova Espanha. Há, ainda, contextos nos quais faz-se referência à situação sanitária do país. Nestes casos, a UL *lucha* é utilizada como sinônimo de combate em se tratando da tuberculose e de outras doenças existentes na Espanha depauperada pela guerra.

Contextos que descrevem a debilidade do adversário, “los rojos”, frente ao exército franquista também são encontrados em grande parte dos textos do *La Vanguardia*, o qual se utiliza da UL *defensor*, para designar o grupo franquista, relacionando a esse grupo características positivas, como verificado em outras ULs presentes neste estudo. A saber:

La *lucha* prosigue con gran intensidad, y las escasas ventajas que los rojos consiguen no están en proporción con el enorme número de bajas que les causan los defensores (La Vanguardia, 1940).

Como apresentado no 1º capítulo, sob o jugo de um governo ditatorial, os jornais, assim como o povo, não possuíam direitos. Desse modo, os jornais eram usados como mais um braço do governo para a manipulação de informações e manutenção do regime autoritário.

Muitos discursos políticos faziam-se presentes nos jornais, posto que era obrigatório, durante o regime, apresentá-los à po-

pulação. Em um desses discursos, fica evidente a necessidade de reforçar que a Espanha estava vivendo em situação de paz e prosperidade a partir do governo de Franco. Essa paz somente poderia ser conservada caso a população apoiasse o governo, pois muitos mártires deram a vida por essa conquista. Ressalto o uso do substantivo *mártir*, que expressaria mais um sentido positivo relacionado à Guerra Civil, chamada de Cruzada Libertadora pelos falangistas, conforme excerto abaixo:

Ya existe España. Para conservarla y engrandecerla, os pido la misma fe en la **lucha** que pusisteis en la Victoria. Para llegar a ella hemos dejado el camino sembrado de *mártires* y de *héroes*. Estos muertos tienen una voz que no olvidaremos. Aprecio vuestra lealtad, vuestra adhesión, vuestro cariño, pero os digo que es necesario también tener detrás un pueblo (La Vanguardia, 1940).

No discurso que enaltece o franquismo é comum observar ULs com grande “poder de persuasão” ao redor de *lucha*, tais como *joven, ánimo, sacrificarse, honor, guerreros, e iluminados*, como se pode constatar no excerto a seguir:

Cuando nuestro pueblo era instrumento de una política claudicante, humillada, sin brío y sin pulso, y cuando la proporción de envilecimiento era muy fuerte, en las decisiones del Estado, fue posible que entre despojados y despojadores se cambiaran, abrazos y sonrisas. Pero hoy se ha puesto en pie un país joven con *ánimo* de **lucha**, de sacrificarse, de morir, si es necesario, por el honor de España. Las exigencias son terminantes e implacables. A los guerreros sin miedo y sin mancha no se les soborna con tintineos de metal. A los *jóvenes iluminados* por una luz de gloria no se les corrompe con estadísticas (La Vanguardia, 1940).

Tão presente quanto o discurso de apoio a Franco e seu governo, aparecem os nomes de Hitler e Mussolini ligando-se também à UL *lucha*.



Essa constatação pode soar repetitiva, haja vista que esses nomes já foram citados em outras análises, contudo é necessário destacá-los, posto que essas ocorrências estão, na maioria das vezes, relacionadas a substantivos e adjetivos que designam características positivas para o governo desses ditadores, bem como uma “aprovação” para seus abusos ditatoriais.

Faz-se mister relembrar que muitos países enfrentavam uma guerra de dimensões mundiais e a Espanha, apesar de não ter participado efetivamente do confronto<sup>153</sup>, expressava seu posicionamento favorável a outros ditadores de forma explícita e contundente. Hitler e Mussolini eram descritos pelo jornal como grandes homens de Estado, que por sua luta e responsabilidade frente a suas nações, conduziram seu povo à paz definitiva. A seguir, um excerto do *La Vanguardia*:

En esta solemne hora, los corazones, henchidos de reconocimiento de todos los húngaros honrados, se vuelven hacia los *dos grandes hombres de Estado contemporáneos: Adolfo Hitler y Benito Mussolini. Estos dos grandes hombres*, que con sus grandes pueblos están liderando una **lucha** por nuevos principios, no han vacilado ante el esfuerzo y la responsabilidad de un arbitraje que asegura la victoria de la Justicia, al mismo tiempo que sienta las bases de un orden más razonable y una paz definitiva en la cuenca del Danubio (La Vanguardia, 1940).

Mais uma vez a UL *dictador* não aparece em nenhum excerto analisado relacionando-se a qualquer chefe de um governo ditatorial ou com alguma conotação negativa.

Referências a discursos do Papa da época, Pio XII, também foram encontradas nos contextos relacionados a essa unidade lexical, e nesses discursos há bastante latente o desejo do Pontífice de que os acontecimentos ligados à guerra não impedissem que o Natal fosse celebrado e que essa celebração pudesse trazer paz para os espíritos atormentados e atingidos pelas lutas.

---

153 A Espanha não combateu diretamente na II Guerra Mundial, ainda que a Alemanha fosse um aliado importante para o país. Entretanto, Franco enviou alguns “voluntários”, em 1941, para se incorporarem ao exército alemão na guerra (JURADO, 2019).

Em linhas gerais, podemos afirmar que a UL *lucha* se relaciona, no ano de 1940, a contextos que designam aspectos positivos quando ligados ao governo de Franco ou à “Cruzada Libertadora”, assim como outros itens lexicais aqui apresentados.

A guerra, o regime governamental, a situação social e econômica da Espanha naquele ano tampouco são expostos de forma negativa. Torna-se explícito, nas análises realizadas, que havia grande necessidade de estabelecer um sentido afirmativo, assertivo aos atos ditatoriais e esses eram sempre estabelecidos para o bem geral da nova Espanha que se buscava construir.

A seguir, comendo o quadro de número 17, apresento mais contextos da unidade lexical *lucha*:

**Quadro 17 *Lucha* (1940)**

Substantivo		Ocorrências
1	<b>Combate, disputa (DLE 1947)</b>	45
Ex.1:	(El Papa) Expresó la esperanza de que todas las naciones resuelvan los problemas sociales con espíritu cristiano y puso de relieve la angustia con que sigue los acontecimientos actuales, durante las cuales, y sobre todo a su terminación, será preciso proseguir la obra de ayuda espiritual para curar las llagas producidas por la <i>lucha</i> .	
Ex.2:	El corresponsal de Reuter en el frente finlandés comunica que esta mañana continuaba la <i>lucha</i> , más o menos intensa, en diferentes puntos de los frentes de la parte central de Finlandia. Sin embargo, el centro vital de las operaciones militares sigue siendo el sector de Rasti, al norte de Kuhmó donde tiene lugar desde el lunes una gran batalla.	

Após essas análises, ratifico minha proposição inicial de que alterações no panorama social, histórico/político também podem modificar o vocabulário de uma língua (COSERIU, 1987). A partir do uso de determinadas ULs, as ideologias são materializadas nos discursos, na língua e assim, o aparecimento de itens lexicais ou desaparecimento, em determinados momentos, evidenciam as alterações nos usos e nos significados que as unidades léxicas podem expressar,

bem como evidenciam as mudanças que determinados grupos buscam fomentar, sendo na área política, econômica, social.

Destarte, o estudo sobre o léxico, sobretudo de Língua Espanhola, faz-se necessário também para o melhor entendimento de uma sociedade, sua história e desenvolvimento. Ouso dizer que as ULs analisadas nesta obra são, na expressão de Matoré (1953), *palavras-testemunho* de momentos significativos da história da Espanha e de seu povo. Elas podem nos servir de norte para sabermos por onde devemos caminhar ou também para entendermos, de uma vez por todas, quais *senderos* jamais devemos voltar a percorrer. Caro leitor, boa caminhada!



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a caminhada que percorremos até aqui, acredito que já podemos, caro leitor, concordar que língua e cultura se entrelaçam ao percurso histórico das sociedades. Por isso escolhi desenvolver um estudo nessa área de pesquisa, porque entendo que por meio do léxico também podemos perceber mudanças pelas quais determinada comunidade linguística passou, ou passa, voluntária ou forçosamente.

Ao pesquisar sobre o léxico de um determinado período histórico, entendemos com maior objetividade as escolhas e/ou rechaços de determinadas unidades por determinados grupos sociais, culturais, políticos etc. Entretanto, não é possível abranger toda a diversidade do léxico de uma língua, haja vista que essa gera combinações infinitas devido seu caráter criativo.

Analisei o emprego de itens lexicais, de caráter político-militar, da esfera jornalística do período ditatorial espanhol, enfocando, especificamente, os anos de 1940 e 1975.

Embora sabendo de que nem sempre, em todas as épocas, os jornais estavam livres para trabalhar com suas reais perspectivas de informação da realidade e de informações sobre as notícias, entendo também que os relatos jornalísticos são, na maioria das vezes, apresentados de acordo com a percepção de alguém ou de algum grupo. Por isso, as lexias utilizadas nas notícias carregam consigo a percepção e as intenções de persuasão (ou manipulação) de quem contou a história. Ou seja, as intenções de um discurso, materializadas por meio da utilização de ULs para a elaboração de um texto, apresentam determinadas posições sociais, políticas do sujeito que se posiciona por meio de suas escolhas léxicas.

O momento histórico escolhido para a realização desta pesquisa, foi o recorte de um período cunhado como Franquista, que compreendeu-se de 1939 a 1975, e ficou assim conhecido por serem

os anos em que o general Francisco Franco governou a Espanha sob um regime ditatorial. Nesses anos, a língua espanhola peninsular, em sua variante do castelhano, apresentava ULs peculiares da época, possivelmente influenciadas pela situação social e política pela qual passava o país.

A observação sobre o vocabulário utilizado pela imprensa espanhola me permitiu conhecer parte dos modos de pensar de determinados grupos pertencentes àqueles períodos históricos, pois “todo sistema totalitario da lugar a su propio lenguaje totalitario, porque no es el lenguaje el culpable de ese totalitarismo, sino la ideologia que lo engendra”<sup>154</sup> (CORTÉS, 2009, p. 178-179).

Por meio do levantamento dos dados quantitativos do *corpus*, as lexias com maior número de frequência nos determinados anos estudados se referiam à administração política, à designação de títulos e cargos, à política interna e externa e a exacerbada “glorificação” da área militar.

A alta frequência de emprego de itens lexicais como *España*, *Caudillo*, *Generalísimo*, *Falange*, entre outros, me permite afirmar que no ano de 1940 a imprensa se via, se não totalmente, em grande parte imersa na temática do regime ditatorial franquista, posto que essas atividades político e militares eram os temas recorrentes no jornal da época.

Destaco, ainda, que nas listas referentes aos dois anos pesquisados, 1940 e 1975, há ULs que designam títulos ou cargos tais como, *general*, *embajador*, *gobernador*, *alcalde*, *director* *soldado*, *ministro*, *gobierno*, *jefe*, *Caudillo*, *generalísimo*, *príncipe*, *presidente*, entre outros.

Todavia, em 1975, há na lista a presença de lexias como *proyecto*, *ley*, *personas*, *trabajadores*, *defensa*, *trabajo*, *Seguridad*, *cooperación*, *futuro*, *participación*, *Asociación*, *hombre*, *miembros*, *acuerdo* entre

---

154 “todo sistema totalitário dá lugar a sua própria linguagem totalitária, porque não é a linguagem a culpada desse totalitarismo, mas a ideologia que a origina” (CORTÉS, 2009, p. 178-179. TN).

outras que são relevantes para demonstrar quais eram as ULs mais frequentes nos textos pesquisados, fazendo-me inferir os assuntos de maior destaque no determinado ano, na Espanha ainda franquista.

Sendo assim, naquele momento, 1975, surgia uma possibilidade de discussão sobre temas não abordados anteriormente pelos textos analisados, pois a partir da verificação da presença das ULs antes mencionadas, entendo que houve uma mudança no foco das notícias, se comparado aos assuntos de 1940. A presença dessas ULs nos contextos analisados apresentam novos temas sendo discutidos no país. Ratifico essa constatação com a informação adicional de que a UL *ejército* não consta entre as 100 unidades mais frequentes nos textos analisados no ano de 1975, diferentemente do ano de 1940.

Tratando mais especificamente do *corpus* aqui analisado, destaco o item lexical **rojo**. Nos textos em que essa UL aparece há o uso frequente das adjetivações e de substantivos ligados àquela unidade expressando conotação negativa, quando relacionado ao grupo opositor a Franco.

*Rojo*, classificado como adjetivo se apresenta nos contextos analisados em menor frequência. Contudo, como substantivo, essa UL é utilizada mais incisivamente no ano de 1940. No ano de 1975, essa lexia perde sua força de uso.

A UL *Movimiento* trouxe à baila, para debate, dados relevantes. Observo sua acepção como substantivo, e nesse último caso, a UL *Movimiento* era grafada com letra maiúscula (como nome próprio), nominando o partido político pertencente ao regime militar da época.

Chamou-me a atenção o fato de que no ano de 1940 essa UL, com letra maiúscula, apresentava maior frequência nos contextos analisados se comparado ao ano de 1975. Essa constatação vem ratificar a ideia de que, com o passar dos anos, e a partir das transformações ocorridas no panorama político e social espanhol, algumas ULs que pudessem expressar alguma relação com o regime franquista tinham sua frequência de uso rechaçadas com o intuito de se relegar ao esquecimento o passado de guerra no qual viveu o país.

Observando a tabela 6 (vide p. 89), ressalto a ausência das ULs *ley*, em 1940, *rojo*, *Caudillo* e *lucha* no ano de 1975 e entendo que essas ausências são significativas, pois ratificam o argumento de que a mudança no cenário político, possivelmente, influenciou a utilização, ou rejeição de uso, de algumas ULs nas décadas aqui estudadas.

Portanto, considero que as proposições desta pesquisa se coadunam com as afirmações de Matoré (1953), posto que há nos textos referentes a 1940 e a 1975 ULs marcadamente representativas de cada ano, apresentando sim *palavras-testemunho* de uma época.

Há, neste estudo, um número expressivo de ULs coletadas referentes ao período franquista. Portanto, entendo que mais pesquisas serão, e deverão, ainda ser realizadas sobre outras ULs para que a pesquisa de lexicologia em língua espanhola siga se desenvolvendo e ampliando seu alcance. Ratifico minha proposição inicial de que por meio do estudo do léxico é possível observar como “a palavra comunica, cria, nomeia, refere, designa, delimita, **descreve, sugere, denuncia**” (KRIEGER, 2009, p. 167) (grifo nosso). E, portanto, ao usá-las, caro leitor, faça com parcimônia. Ou não!...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELSTEIN, A. *Unidad Léxica y Valor Especializado: Estado de la cuestión y observaciones sobre su representación*. p. 253. Doutorado (Tese) - Universitat Pompeu Fabri. Barcelona, (2004).
- ABBADE, C. M. S. (2011). *A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais*. ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CIFEFiL, p. 1332.
- AGUILAR, R. C. *El Español a través de los Tiempos*. Madrid, Arco Libros, 2002.
- ALKMIM, T. M.. *Sociolingüística*. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (orgs.). *Introdução à Lingüística*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2003, p.21-47.
- ALVES, I. M. *Neologismos: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- ALONSO-CORTÉS, A. *Lingüística*. Madrid: Cátedra, 2002.
- ALVAR, M. *Introducción a la Lingüística Española*. Madrid: Ariel Lingüística, 2000.
- ÁLVAREZ, M. J. T. *Evolución e Historia de la Lengua Española*. Madrid: Arco Libros, 2007.
- ANDRADE, M. M. *Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais*. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 191-200.
- AGUSTÍ, D. *El franquismo em Catalunya*. Silez: Madrid, 2013.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BAUTISTA, Eduardo Ruiz. *Tiempo de censura. La represión editorial durante el franquismo*. Trea: España, 2008.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BRAHIM, A. M.; VIVAN, E. *Língua e Cultura: Implicações para o ensino/aprendizagem de LE*. FILE III - Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras. UCPEL e UFPel: Pelotas, 2004, p. 1-7.
- BERBER-SARINHA, T. *Lingüística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. *A estrutura mental do léxico*. In: *Estudos do filologia e lingüística*. São Paulo: Edusp, 1981.

\_\_\_\_\_. (1996). *Léxico e Vocabulário Fundamental*. Alfa, São Paulo, 40: 27-46.

\_\_\_\_\_. As Ciências do Léxico. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 11-20.

\_\_\_\_\_. *Teoria Linguística: (Teoria lexical e linguística computacional)*. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLASCO, C. J. El lenguaje autoritario del franquismo. In: MARTÍNEZ, G. B. et al. *La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006, p. 19-39.

BOSQUE, I; Demonte, V. *Gramática descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

BOTTA, M. G. (2011). *O Vocabulário Político-Ideológico da Gazeta de Lisboa no século XVIII: Estudo do Léxico em Perspectiva Discursiva*. (Tese- Doutoramento). Araraquara, SP: UNESP.

CALERO, F. S. *Propaganda y medios de comunicación en el franquismo*. Alicante: Universidad de Alicante, 2003.

CALDERÓN, E. Y. *El Franquismo*. Marenostum, Madrid: 2006.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.

CANTANO, A. C. M. La censura franquista y el libro catalán y vasco (1936-1975). In.: BAUTISTA, E. R. *Tiempo de censura: La represión editorial durante el franquismo*. Trea: España, 2008.

CARMONA, A. C. R. (2006). Estudo sobre a variável voseo da Língua Espanhola no cenário escolar. 141 f. (Dissertação Mestrado em Letras). Cascavel, PR.: Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

CARMONA-RAMIRES, A. C. R. (2015). *Vozes da ditadura franquista: uma análise do léxico espanhol veiculado em notícias de 1940 e 1975*. (Tese-Doutoramento) Londrina, PR.: UEL.

\_\_\_\_\_. Palavras-Testemunho do período Franquista: uma análise da unidade léxica *Paz*. *Revista Linguagem: Estudos e Pesquisas – UFG*, 2014, v. 18, no. 2, p. 61-79.

\_\_\_\_\_. A unidade léxica *Señora* e sua representatividade nas décadas de 1940 e 1975: analisando o espaço feminino na Espanha ditatorial. In: SILVA, R. D.; HUMMEL, E. I.; OLIVEIRA JUNIOR, I. B. (Org.). *Educação, Sexualidade e Diversidades*. 1ed. Londrina: Syntagma, 2017, v. 1, p. 202-218.

\_\_\_\_\_. De *Estado e Política*: reflexões léxico-semânticas sobre unidades léxicas frequentes no período franquista. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS*, 2020, v. 24, p. 11-33.

CASANOVA, J. *Morir, matar, sobreviver: La violencia en la dictadura de Franco*. Crítica: Barcelona, 2002.

CASTILHO, A. T. *A Variação Lingüística, Norma Culta e o Ensino de Língua Materna. Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º. E 2º. Graus*. São Paulo: SE/CENP, 1988.

CORTÉS, L. V. Lenguaje y censura literaria y periodística en el Franquismo. *Revista Historia y Comunicación Social*, 2009, no. 14, p. 177-184.

COSERIU, E. *O Homem e sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística*. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

\_\_\_\_\_. *Gramática, semântica, universales. Estudios de lingüística funcional*. Madrid: Gredos, 1978.

CUNHA, C. S. *Estudos Geo-Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

D'ARAUJO, A. L. *1937: o Golpe que mudou o Brasil – O Estado Novo*. São Paulo: Quartet, 2016.

DELGADO, José Luis García. La economía. In.: FUSI, J. P. et al. *Fraquismo: El Juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.

Disponível em: [www.lavanguardia.es](http://www.lavanguardia.es). Acesso em: 12/02/2011.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.

ESCANDELL VIDAL, M. V. *Apuntes de Semántica Léxica*. Madrid: U.N.E.D., 2012.

ESOLEN, A. *Dez maneiras de destruir a humanidade do seu filho*. Campinas: Kirion, 2020.

FERNÁNDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2a. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. *Neología y neologismo en español contemporáneo*. Granada: Universidad de Granada, 1982.

FERRAREZI, C. J.; BASSO, R. *Semântica, Semânticas*. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. (org.). *Semântica Lexical*. In.: *Introdução à Lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 111-135.

FROMM, G. O uso de corpora na análise linguística. Revista *Factus*, São Paulo, v. 1, p. 69-76, 2003.

FROSI, V. M. et al. *Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 6a Ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

GIOVANINNI, A. *Profesor en Acción*. Madrid: Edelsa, 1996.

GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GODOY, E. La cultura en la enseñanza del español y de las literaturas hispánicas. In: *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*, ISSN 0103-8893, N° 11, Santa Catarina, 2001, págs. 229-248.

GUALDA, M. V. R. *Léxico del español como segunda lengua: aprendizaje y enseñanza*. Madrid: Arco Libros, 2008.

GUIRAUD, P. *La Semántica*. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. São Paulo: Elsevier: 2011.

HEYE, J.; SAVEDRA, M. (orgs). *Considerações sobre Bilingüismo e Bilingualidade: Revisão de uma Questão*. Palavra, Línguas em Contato. Rio de Janeiro, v. temático, no. 1, p, 11-29, 2003.

HIRALDO, J. Ma. B. *Comentario Lexicológico-Semántico de Textos*. Madrid: Arco Libros, 2002.

HUMBLÉ, P. O uso de corpora no ensino de línguas. Alguns exemplos do português e do espanhol. In: GRIMM CABRAL, L. (Org.) *Linguística e Ensino: Novas Tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2002, p 157-180.

ILARI, R. *Introdução a Semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª Ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

\_\_\_\_\_. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de. *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p.165-181.

JACOBI, C.C.B. (2001). *Linguística de Corpus e Ensino de Espanhol a Brasileiros: descrição de padrões e preparação de atividades didáticas (decir/hablar; mismo; mientras/en cuanto/aunque)*. (Dissertação – Mestrado). São Paulo, SP: PUC.

- JULIÁ, Santos. La sociedad. In.: FUSI, J. P. et al. *Fraquismo: el juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.
- JURADO, C. C. *La División Azul: Historia completa de los voluntarios españoles de Hitler. De 1941 a la actualidad*. Madrid: Ed. La esfera de los libros, 2019.
- KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford University Press, 1998.
- KRIEGER, M. G. Lexicologia, lexicografía e terminologia: Impactos Necessários. In.: Oliveira, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009, p. 161-175.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAGARES, X. C. *Qual política Linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.
- LAGUNILLA, M. F. *La Lengua en la Comunicación política II: la palabra del poder*. Madrid: Arco Libros, 1999.
- LAPESA, R. *Historia de la lengua Española*. Madrid: Gredos, 1980.
- LARA, L.F. El símbolo, el poder y la lengua. In: SENZ, S. ALBERTE, M. *El dardo en la academia*. Madrid: MELUSINA, 2011, p. 315-341.
- LEÃO, A. V. *História de Palavras*. Belo Horizonte: PucMinas, 2013.
- LEÓN, B. O. (2001), *Poder Político, Prensa y Opinión Pública en el Régimen Franquista*. Anales de la Cátedra Francisco Suárez - Universidad de Granada, Vol. 35, p. 329-335.
- LIMA, A. B. *Os Sentidos na Mídia: o MST em dois jornais diários*. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 97-103; set/dez. 2006.
- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LOPEZ, D. *Manual de Sobrevivência do Conservador no Séc. XXI*. Campinas: Vide Editorial, 2020.
- LOPEZ, J. M. *Lenguas en Contacto*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Historia de la Lengua Española I*. Madrid: Arco Libros: 2003.
- LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Cambridge: LTC, 1981.
- MARTÍNEZ, T. E. (2002). *Cuidado con los Diccionarios*. La Nación, 21 de dezembro.
- MARTÍNEZ, G. B. et al. *La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006.

- MATORÉ, G. *La Méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.
- MEIRELES, Cecília. *Romance das palavras aéreas*. Obra Poética. 2ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.
- MIR, C. El sino de los vencidos: La represión franquista en la Cataluña rural de posguerra. In: CASANOVA, Julián. *Morir, matar, sobrevivir: La violencia en la dictadura de Franco*. Crítica: Barcelona, 2002.
- MORADIELLOS, E. *Historia mínima de la Guerra Civil Española*. Madrid: Turner, 2016.
- MORENO, I. O. Metáfora y Argumentación en el Lenguaje Político y la Prensa Españoles. Aproximación a las Metáforas Relacionadas con el "Proceso de Paz". In: XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística. Pamplona. 2008, p. 213-242.
- MOUNIN, G. *Linguistique et philosophie*. Paris: PUF, 1975.
- MOUTON, P. G. *Lenguas y Dialectos de España*. Madrid: Arco Libros, 2002.
- OLANO, C. O. *Lexicología y Semántica Léxica: Teoría y aplicación a la lengua española*. Madrid: Ediciones Académicas, 2004.
- ORLANDI, E. P. (Org.). *História das Idéias Linguísticas*. Cáceres: UNIMAT, 2001, p. 7-20.
- PARODI, G. *Lingüística de Corpus*. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2010.
- PAULA, M. H. (2007). *Rastros de Velhos Falares. Cultura e Léxico no Vernáculo Catalano*. (Tese- Doutoramento). Araraquara, SP: UNESP.
- PAYNE, S. G. La Política. In.: Delgado, J. L. G. *Fraquismo: El Juicio de la historia*. Booket, Madrid: 2005.
- PENNY, R. *Gramática Histórica del Español*. Barcelona: Ariel, 2012.
- PIETROFORTE, A. V.; LOPES, I. C. A semântica Lexical. In.: *Introdução à Linguística II: princípios de análise* / José Luiz Fiorin, (org.). 3ed. – São Paulo: Contexto, 2004.
- PIÑOL, M. C. *Lingüística de Corpus y Enseñanza de Español como 2/L*. Madrid: Arco Libros, 2012.
- POTTIER, B. *Teoría y Análisis en Lingüística*. Madrid: Gredos, 1992.
- REBOLLO TORÍO, M. (2002): Caracterización del Lenguaje Político. *Atti del XX Convegno dell'Associazione Ispanisti Italiani. Testi specialisti e nuovi saperi nelle lingue iberiche*, Firenze, 1517, Vol. 2, Messina, Andreia Lippolis Editore, p. 11-35.
- RAMOS, G. G. *Neologismos en el Español Actual*. Madrid: Arco Libros, 1997.
- RECTOR, M; YUNES, Eliana. *Manual de Semântica*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

REY, F. *Retaguardia roja: Violencia y revolución en la guerra civil española*. Madrid: Galaxia Guternberg SL. 2019.

REYES DIAS, M. J. Relación de voces que evocan ideologías, valores y actitudes socioculturales. In: REYES DIAS, M. J. (Coord.). *Léxico y Cultura*. Badajoz: @ becedario, 2009.

RODRIGUEZ, C. F.; LARA, E. R. A. *La Argumentación Lingüística y sus medios de expresión*. Madrid: Arco Libros, 2007.

SÁNCHEZ PÉREZ, A. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*. Madrid: Sgel, 1992.

SAN FRANCISCO, M. E. Palabra de Franco: Lenguaje Político e ideología en los textos doctrinales. In: ARÓSTEGUI, J. (Coord.). *Franco: la represión como sistema*. Barcelona: Flor del Viento, 2012.

SANT'ANA, L. C. (2012). Futebol na Espanha Franquista (1936-1975): algumas considerações. *Revista Recorde de História do Esporte* – Vol. 5. n.2. p. 1-20.

SAPIR, E. *Linguagem como Ciência*. São Paulo: Ed. Acadêmica, 1969.

SARUP, M. Identity and Narrative. In \_\_\_\_\_. *Identity, Culture and the Postmodern World*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996, cap.2, p.14-27.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHAFF, A. *Introdução a Semântica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

SECO, M. *Gramática Esencial del Español. Introducción al estudio de la Lengua*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

SEDYCIAS, J. *O ensino do espanhol no Brasil*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, O. L. N. Ausência de equivalências entre as línguas portuguesa e espanhola no contexto econômico-financeiro. *Akrópolis Umuarama*, v. 17, n. 2, p. 77-84, abr./jun. 2009.

TAMBA, I. A *Semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

TRUJILLO, R. *Introducción a la Semántica Española*. Madrid: Arco Libros, 1988.

VELARDE, M. C. *Lenguaje y Cultura*. Editorial Síntesis: Madrid, 2008.

VILAMOR, J. R. Lenguaje político y tecnocrático. In: MARTÍNEZ, G. B. et al. *La lengua, compañera de la transición política española*. Madrid: FRAGUA, 2006, p. 141-176.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: 1994.

ZORILLA, E.M. *La España de Franco*. Madrid: Actas, 2002.

*1ª edição* MAIO 2022  
*formato do livro* 16x23CM  
*tipografia* ROBOTO  
*papel de miolo* PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
*papel de capa* CARTÃO SUPREMO 250G/M<sup>2</sup>

@EDITORIALCASA

